

# AULAS-OFICINA DE HISTÓRIA



TEMAS PARA O ENSINO DA GUERRA DO  
PARAGUAI/GUERRA GUASU – SUJEITOS/AS,  
COTIDIANO E MATO GROSSO



Conselho Editorial

Elizabeth Madureira Siqueira - IHGMT

Renilson Rosa Ribeiro - UFSCar

Nileide Souza Dourado - NDIHR/UFMT

Sérgio Henrique Puga da Silva - UFMT

Adrienne de Oliveira Firmo - USP

Adriana Gonçalves Pio - UNIVALE

Daniela Bitencourt Bueno - FMUSP

Madelene Marinho e Silva - UNESP

# **AULAS-OFICINA DE HISTÓRIA**

**Temas para o ensino da Guerra do Paraguai/  
Guerra Guasu – Sujeitos/as, cotidiano e Mato Grosso**

© Ana Paula Squinelo | Vera Lúcia Nowotny Dockhorn, 2024.

Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução de partes ou do todo desta obra sem autorização expressa do autor (art. 184 do Código Penal e Lei n. 9.610, de 19 de fevereiro de 1998).

Os conceitos emitidos nesta publicação são de inteira responsabilidade do(a) autor(a).

É permitida a reprodução total ou parcial desta obra, desde que citada a fonte.

#### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

S774 Squinelo, Ana Paula.

Aulas-oficina de História: temas para o ensino da Guerra do Paraguai/Guerra Guasu – sujeitos/as, cotidiano e Mato Grosso / Ana Paula Squinelo, Vera Lúcia Nowotny Dockhorn (Orgs.). Coleção Lume.

Volume 1. 1ª ed.

Cuiabá/MT, 2024.

216 p. color. PDF

ISBN: 978-65-85106-34-4

1. História. 2. Ensino. 3. Mato Grosso. 5. I. Título.

CDD: 370.946

Esta obra contou com apoio das Instituições:



GRUPO DE PESQUISA  
**HISTORIOGRAFIA E  
ENSINO DE HISTÓRIA:**  
DIÁLOGOS EM TRÂNSITO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL

Revisão e Normalização Textual:

Paruna Editora

Capa, Editoração e Projeto Gráfico:

Candida Bitencourt Haesbaert – Paruna Editorial



#### Paruna Editorial

Rua Lima Barreto, 29 – Vila Monumento

CEP: 01552-020 – São Paulo, SP

parunaeditorial@gmail.com

www.paruna.com.br

# Coleção LUME

## Material Didático para Educação básica

A Coleção Lume foi idealizada com vistas a dialogar com a sala de aula e o trabalho da professora e do professor que atuam na Educação Básica brasileira.

Em suas páginas aborda o tema proposto em cada volume a partir dos aspectos da história e apresenta uma revisão historiográfica contemporânea do assunto em tela.

Traz como destaque um Material Didático formatado sobretudo em Aulas-oficina que buscam trazer à luz temas negligenciados pela educação: sujeitos e sujeitas invisibilizados/as por uma narrativa escrita via de regra pelos vencedores e por um viés colonial, assim como aspectos pertinentes ao cotidiano, a religiosidade, as artes, aos movimentos sociais, políticos e culturais, aos direitos humanos e as questões ambientais, geracionais, de raça, de gênero, de classe e de etnia.

As Aulas-oficina oferecem uma leitura desses temas a partir de uma metodologia específica envolvendo a análise de imagens escritas e visuais, como por exemplo charges, fotografias, quadros, mapas, fragmentos de diários, recortes de jornais, trechos de obras historiográficas, entre outros/as, proporcionando a/ao aluna/o o contato, análise e interpretação de distintas fontes de investigação, bem como oportuniza que o/a estudante problematize os conteúdos a partir de questões do tempo presente, reflita e proponha ações para intervenção nas demandas emergentes que envolvem nossa sociedade.

A Coleção foi pensada para a prática em sala de aula com vistas ao exercício de uma educação autônoma, libertária, responsável e democrática. Nesse sentido, espera-se que alcance seu intento!

Coordenação:

**Ana Paula Squinelo**

Professora Titular da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.  
Líder do Grupo de Pesquisa: 'Historiografia e Ensino de História - Diálogos em Trânsito'



## Sobre o nome

**LUME** é substantivo masculino.

**Luz**, jato de luz; brilho, clarão, claridade, luz refletida por qualquer corpo, brilho.

Demonstração de capacidade excepcional, brilhantismo, fulgor, resplendor,

**iluminação das ideias**

Destaque em entendimento, agudeza de espírito, inteligência, sagacidade, **manifestação de conhecimento**, ilustração, saber, iluminar.

Lume também significa **ser publicado**, realizar-se, levar-se a efeito, ser tornado do conhecimento público; **vir à luz**.

Etimologia (origem da palavra): do latim ***lumen, luz***.

## PALAVRAS DO/A PROFESSOR/A

Mergulhe em um universo de aprendizagem ativa, guiando seus alunos e alunas em uma jornada investigativa pelo passado, através de um conjunto de oficinas de história e estratégias, para trabalhar com diferentes fontes históricas.

Neste e-book você encontrará questões históricas e historiográficas sobre a Guerra do Paraguai/Guerra Guasu, com a participação de diferentes sujeitos e sujeitas como mulheres, crianças, negros e voluntários da pátria, com uma linguagem clara, acessível e repleta de exemplos concretos.

Material rico em fontes documentais, iconográficas e escrita, apresentados aqui com uma nova perspectiva, proporcionando uma grande experiência para professores e professoras da educação básica e para os apreciadores e apreciadoras da história.

**Roberta Siqueira de Souza Antonello**

Profa. Ma. da Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso (SEDUC/MT)

# Prefácio

O ano de 2020 marcou os 150 anos do término de um dos maiores e mais cruéis conflitos armados da América Latina. Guerra do Paraguai, Guerra da (ou contra) a Tríplice Aliança ou Guerra Guasu são algumas das formas de denominar esse marcante evento, que envolveu os quatro países do Cone Sul do continente entre os anos de 1864 e 1870. Os cinco anos de conflito trouxeram importantes consequências para os países envolvidos e marcou indelevelmente o Paraguai, que se viu obrigado a assinar tratados de paz que desmembraram parte de seu território ou de áreas consideradas litigiosas naquele momento com países como o Brasil e a Argentina.

Além de perdas territoriais, o país guarani teve que lidar com grandes perdas populacionais, a ponto de alguns autores sinalizarem para um genocídio, caracterizando o Paraguai como um país de crianças, idosos e mulheres no período posterior ao conflito. O Brasil, apesar de ter saído vencedor da contenda, teve a sua dívida externa aumentada consideravelmente, sobretudo em relação à Inglaterra, e teve aguçada algumas de suas contradições internas, com o aumento de movimentos republicanos e abolicionistas em seu território.

Narrativas historiográficas e escolares da guerra passaram a ser produzidas ainda no século XIX. Ao longo do século seguinte, diferentes perspectivas teóricas foram sendo produzidas para explicar o conflito e disputaram espaço no âmbito político e intelectual tanto no Brasil quanto no Paraguai. Neste último, diversas das discussões políticas – e não apenas intelectuais – apresentaram-se de forma dicotomizada entre lopistas e antilopistas e a Guerra da Tríplice Aliança ganhou destaque na memória coletiva da nação. Muitas das narrativas produzidas fomentaram o forjamento de identidades nacionais, cujos diversos personagens destacados a compor um panteão dos heróis pátrios, tanto em um quanto em outro país, foram comandantes militares que haviam participado do conflito.

Em 1995, quando se completava aproximadamente 130 anos do início da Guerra, Maria Eduarda Magalhães Marques organizou uma coletânea intitulada *A Guerra do Paraguai: 130 anos depois*, que buscou fazer um balanço de diferentes perspectivas do conflito, tomando a efeméride como mote para novas reflexões e balanços históricos a respeito da temática. Entre os anos de 2016 e 2019, Ana Paula Squinelo organizou três volumes de uma coletânea intitulada *150 anos após*

– a *Guerra do Paraguai: entreolhares do Brasil, Paraguai, Argentina e Uruguai*, que contou com a participação de pesquisadores/as dos quatro países envolvidos no conflito. Com variados enfoques temáticos, teóricos, metodológicos e documentais, a coletânea em tela se constituiu como uma das mais importantes obras que buscou refletir sobre o evento em destaque a partir dos entreolhares das produções historiográficas dos/as pesquisadores/as dos diferentes países envolvidos.

A professora Ana Paula Squinelo tem se destacado como uma das principais pesquisadoras da Guerra da Tríplice Aliança no Brasil, com importantes interlocuções com historiadores/as dos países platinos. Além dos três volumes da coletânea mencionada no parágrafo anterior, Squinelo produziu outras duas obras dignas de menção: A primeira intitulada *A Guerra do Paraguai, essa desconhecida... Ensino, memória e história de um conflito secular*, publicada em 2002, e a segunda *A Guerra do Paraguai ontem e hoje: Mato Grosso e Mato Grosso do Sul (1868-2003)*, publicada em 2015. Aquela apresenta o mérito de ser uma das primeiras obras – senão a primeira – que buscou refletir sobre os conhecimentos escolares a respeito do conflito no Brasil, estimulando e influenciando diversas pesquisas posteriores, enquanto a segunda buscou analisar a guerra e os seus impactos a partir de uma perspectiva regional, com destaque para os atuais estados do Mato Grosso e do Mato Grosso do Sul.

A professora Vera Lúcia Nowotny Dockhorn produziu uma significativa e densa dissertação de mestrado intitulada *O ensino da Guerra do Paraguai através das imagens: uma proposta para o uso da fotografia e da pintura como fonte de ensino*, defendida no ano de 2020 no Mestrado Profissional em Ensino de História da Universidade Federal do Mato Grosso.

O livro que o/a leitor/a tem em mãos, *Aulas-oficina de História: temas para o ensino da Guerra do Paraguai/Guerra Guasu – sujeitos/as, cotidiano e Mato Grosso*, das professoras Squinelo e Dockhorn, vem completar esse conjunto de importantes obras sobre a Guerra do Paraguai. O livro apresenta contribuições importantes no que diz respeito a dimensão do ensino escolar sobre a temática. Apesar de o ponto central do livro se configurar nas oficinas de História, as autoras trazem um amplo panorama das mais recentes discussões historiográficas sobre o tema, utilizando como referências autores/as de diversas nacionalidades e abordando as questões regionais, da antiga província do Mato Grosso, assim como as questões relacionadas à participação dos diferentes sujeitos envolvidos no conflito, como mulheres, crianças, negros e voluntários da pátria.

Destaca-se, ainda, a novidade trazida pelas autoras, que se constitui em material inédito no Brasil, quiçá na região do Prata –, e em minha opinião a grande contribuição da obra para pesquisadores/as e professores/as da educação básica – as Oficinas da História, um conjunto de Aulas-oficina, construídas na perspectiva proposta por Isabel Barca, que busca suscitar reflexões e propor ao/a professor/a atividades para o processo de ensino e aprendizagem, sobretudo relacionado ao uso de imagens. As oficinas, pautadas pelo equilíbrio entre fontes imagéticas e fontes escritas, trazem fotografias produzidas no contexto da Guerra do Paraguai, mas que fogem da perspectiva dos campos de batalha e comandantes militares, privilegiando o cotidiano e a ação/participação/envolvimento de diferentes sujeitos na Guerra.

Por fim, a obra apresenta relevância não apenas histórica e historiográfica, mas sobretudo educacional, pois suscita alternativas didáticas para se trabalhar tão importante temática, que é a Guerra do Paraguai, na educação básica. A obra se constitui em material, por excelência, para formação – inicial e continuada –, de professores/as de História. Ela abre caminho para que novas obras, em um futuro próximo, se somem a ela, no árduo trabalho de ampliar os materiais formativos para o professor/a de História. A segunda edição, agora em formato e-book, demonstra a aceitação que a obra obteve perante o seu público leitor, assim como demonstra a sua relevância e atualidade.

Boa leitura!

**André Mendes Salles**

Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

Maio de 2024.

# Sumário

<b>Apresentação</b> .....	<b>13</b>
<b>Capítulo 1: A Guerra do Paraguai/Guerra Guasu: do conflito à construção das narrativas</b> .....	<b>26</b>
1.1 Os antecedentes da guerra .....	27
1.2 A Guerra .....	42
1.2.1 Primeira fase .....	46
1.2.2 Segunda fase.....	47
1.2.3 Terceira fase.....	48
<b>Capítulo 2: A Guerra chega ao Mato Grosso</b> .....	<b>53</b>
2.1 A incursão paraguaia no Mato Grosso .....	57
2.1 A precariedade da defesa militar .....	64
2.3 Varíola, o mais atroz inimigo .....	67
2.4 Memórias da Guerra no Mato Grosso .....	71
<b>Capítulo 3: Temas para o ensino da Guerra do Paraguai: sujeitos/as, cotidiano e Mato Grosso</b> .....	<b>75</b>
<b>Aula-oficina 1:</b> As mulheres na Guerra do Paraguai .....	<b>79</b>
<b>Aula-oficina 2:</b> As crianças na Guerra do Paraguai.....	<b>97</b>
<b>Aula-oficina 3:</b> Negros e libertos lutando na Guerra do Paraguai .....	<b>112</b>
<b>Aula-oficina 4:</b> Voluntários da pátria na Guerra do Paraguai.....	<b>128</b>
<b>Aula-oficina 5:</b> As adversidades nos campos de batalha .....	<b>145</b>
<b>Aula-oficina 6:</b> O cotidiano na Guerra do Paraguai.....	<b>161</b>
<b>Aula-oficina 7:</b> A Guerra do Paraguai na província do Mato Grosso..	<b>181</b>
<b>Considerações finais</b> .....	<b>200</b>
<b>Fontes e referências</b> .....	<b>205</b>

A todos/as os/as professores/as que atuam na Educação Básica que se reinventam e se ressignificam diante da adversa realidade imposta pelo cenário educacional brasileiro.

# APRESENTAÇÃO<sup>1</sup>

Passados mais de 150 anos do início de um dos maiores conflitos bélicos acontecidos no continente americano, intimamente ligado à história do Brasil, a Guerra do Paraguai<sup>2</sup> – que envolveu Brasil, Paraguai, Argentina e Uruguai, em um longo confronto ocorrido em fins de 1864 a início de 1870 – é um fato histórico cujo ensino e pesquisa ainda apresentam possibilidades e, até mesmo, necessidades de um olhar mais atento para as singularidades desse acontecimento. Para Salles,

Trata-se de uma história insuspeitada que deve ser extraída do bronze das medalhas envelhecidas, das armas e apetrechos militares depositados em museus. Testemunhos mudos, mas não menos eloquentes, de uma epopeia mal lembrada. (SALLES, 2003, p. 13)

- 1 Este livro teve sua primeira edição publicada pela EdUFMT e veio a público no ano de 2021. Vale ressaltar que a obra em questão ancora suas raízes na Dissertação de Mestrado intitulada O ensino da Guerra do Paraguai através das imagens: uma proposta para o uso da fotografia e da pintura como fonte de ensino, defendida no âmbito do Mestrado Profissional em Ensino de História (ProfHistória/UFMT) e que tal pesquisa foi financiada pela CAPES. À época para viabilizar a publicação procedeu-se a uma série de adequações, revisões e atualizações que se entendia iriam contribuir com a prática de professores/as no que concerne ao ensino do conteúdo Guerra do Paraguai/Guerra Guasu nas aulas de história no âmbito da Educação Básica brasileira. Em função da relevância e do alcance daquela primeira edição principalmente junto as/aos professoras/es da Educação Básica e feedback que obtivemos, resolvemos nos dedicar a uma nova edição do livro e dessa vez em formato E-book. Uma nova revisão foi realizada, assim como a atualização e alguns acréscimos foram efetivados. Com tal decisão mantemos a esperança de contribuir cada vez mais e com alcance mais amplo para o debate das questões silenciadas, invisibilizadas e ocultadas, seja nas narrativas didáticas ou nas historiográficas, pertinentes a Guerra do Paraguai/Guerra Guasu.
- 2 Neste livro opta-se pela denominação Guerra do Paraguai por ser a expressão usual no Brasil. Mas, cabe esclarecer que: “Uma das questões que comumente nos questionam é a relacionada a nomenclatura que nomeia o conflito. No Brasil oficialmente o termo utilizado ainda é Guerra do Paraguai: em documentos oficiais, em projetos governamentais, nos livros didáticos de história, em projetos culturais, nas obras memorialistas, em parte das obras acadêmicas, nos documentos curriculares educacionais, é a mais utilizada. Ao nosso ver a Guerra não foi só “do Paraguai”, mas também não “foi só da Tríplice Aliança”, nesse sentido como trabalhamos com uma ampla documentação optamos por utilizar a expressão Guerra do Paraguai/Guasú no intuito de dialogar numa perspectiva mais ampla e múltipla, sendo assim Guerra do Paraguai e Guasu serão utilizadas como sinônimos e, ressaltamos ainda que Guerra Guasu é uma das formas mais utilizadas no Paraguai. Entretanto não podemos deixar de advertir ao/a leitor/a que o conflito é nomeado de inúmeras formas: Guerra do Paraguai, Guerra Guasu, Guerra da Tríplice Aliança, Guerra Grande, Grande Guerra, Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai, Guerra dos 1870, e, que a opção por uma das terminologias não nos exime de problematizar e contextualizar a mesma, tendo em vista que a própria denominação do conflito é alvo de inúmeras manipulações, divergências e disputas político-ideológicas e por si só já mereceria ser objeto de pesquisas’ (DOCKHORN; SQUINELO, 2021, p.13) ou ainda como observou Sansón Corbo (2015, p.955), a “polissemia nominativa utilizada para referi-la [...] reflete a falta de consenso hermenêutico entre os pesquisadores e os incômodos políticos e ideológicos que provoca sua evocação”’. (SQUINELO; MARIN, 2023, p. 249) Por outro lado, usa-se os termos Guerra e Guerra do Paraguai como sinônimos.

A Guerra do Paraguai é um acontecimento que não somente é mal lembrado, como assinalado por Salles, como também foi alvo de diferentes interpretações que contribuíram e contribuem para entendimentos parciais e, por vezes, equivocados no que se refere ao tema. Portanto, configuram-se como relevantes os trabalhos investigativos de pesquisadores/as, de forma geral e, em especial, dos/as historiadores/as, de modo que, no fazer de suas pesquisas, acessam novas fontes, interrogam novos objetos e dialogam com os diferentes sujeitos da Guerra e, consequentemente, possibilitam uma compreensão do conflito e suas repercussões em diferentes dimensões.

Leslie Bethell (1995, p. 24) já demonstrava sua preocupação com a investigação de novos temas que para este autor eram "timidamente explorados" e, afirmava, ainda, que "a Guerra do Paraguai aguarda o seu historiador da Era Moderna" para construir a nova história geral da Guerra.

Assim, pode-se afirmar, com base nas produções historiográficas das últimas décadas, que a nova história da Guerra vem sendo construída e possui importantes referências no que tange às pesquisas e aos/as pesquisadores/as. Os esforços de investigadores/as de diferenciadas áreas do saber, o acesso a novos documentos e mesmo a releitura dos documentos já existentes levaram às novas interpretações sobre as causas da Guerra do Paraguai, bem como trouxeram à tona problemáticas e sujeitos antes ignorados/invisibilizados ou pouco explorados pela historiografia oficial concernente a essa temática. Sendo assim, a partir sobretudo da década de 1980, começou-se a produzir uma narrativa que contrasta com aquela conhecida, reproduzida e ensinada nos anos de 1960 e 1970 e mesmo anterior a este período.

Destaca-se que o estudo e o ensino da Guerra do Paraguai perpassam pela compreensão das diferentes narrativas desse episódio, resultantes dos distintos contextos históricos, políticos e ideológicos, bem como dos diferentes sujeitos/as envolvidos/as na construção do seu conhecimento.

Nas produções do Brasil, haja vista que as elaborações diferem entre os países envolvidos no conflito, em geral os/as pesquisadores/as do assunto apontam para três momentos distintos da produção das narrativas da Guerra. Para o exercício historiográfico, tomamos como base as três demarcações estabelecidas e analisadas por Leslie Bethell (1995) e por Ana Paula Squinelo (2003).

O primeiro momento teria tido início já em fins da contenda e se estendeu até a década de 1960. Essa fase é comumente denominada de memorialístico-militar-patriótico. Squinelo explicou que essa historiografia foi marcada por obras escritas por:

[...] atores que foram protagonistas ou não da Guerra, [...]. Tais obras ofereceram ao leitor uma compreensão 'patriótica' do conflito platino, e ao mesmo tempo, legaram uma visão pejorativa no que se relaciona à nação guarani, [...]. (SQUINELO, 2015, p. 28)

Isso posto, militares e memorialistas se dedicaram à construção de uma memória da Guerra e, influenciados pelo contexto histórico em que viveram, trataram de deixar as suas impressões fortemente marcadas pelo espírito patriótico. Para estes agentes, o conflito travado foi um combate justo em favor da honra e da soberania da sua nação.

As causas do conflito foram associadas ao barbarismo, à ambição e à tirania supostamente praticados pelo governante paraguaio Francisco Solano López. Portanto, a ação militar do exército brasileiro teria tido um importante papel, seja salvando o povo paraguaio de um líder tirano, seja recuperando e defendendo os territórios imperiais.

Essa historiografia foi marcada pela publicação de cartas, diários, memórias e reminiscências. A título de exemplo, apontam-se as obras *Cartas dos campos de batalha do Paraguai*, de Sir Richard F. Burton (1997); *Cartas da Guerra: Benjamin Constant na campanha do Paraguai*, transcrito e organizado por Renato Lemos (1999); *Reminiscências da campanha do Paraguai*, de Dionísio Cerqueira (1910); *Diário: A Guerra do Paraguai (1866)*, de André Rebouças (1973) e *Retirada da Laguna*, de Alfredo d'Escagnolle Taunay (1874).

O segundo momento foi denominado de revisionista ou imperialista e delimitou-se às décadas de 1960 a 1980. Sua narrativa foi marcada por uma visão imperialista do conflito. E nela delegou-se a responsabilidade da deflagração da contenda aos interesses imperialistas ingleses. O principal expoente desta vertente foi o autor argentino León Pomer, cuja obra intitulada *La guerra del Paraguay: gran negocio!*, de 1968, influenciou em grande medida a produção no Brasil. Numa ótica marxista-economicista, Pomer explicou o acontecimento da Guerra pelo viés econômico. O autor destacou a atuação imperialista da Grã-Bretanha, na segunda metade do século XIX, em que a América Central e a América do Sul também foram alvos.

Sob o prisma dessa interpretação, o Paraguai foi caracterizado como uma nação de riquezas naturais e de desenvolvimento econômico pujante, contudo não teria se submetido à cobiça capitalista inglesa, de maneira que representou um entrave para a Grã-Bretanha. Portanto, a Guerra teria sido provocada pelos interesses imperialistas ingleses, a fim de destruir a nação paraguaia e submeter a

região ao seu domínio. A execução desse intento coube aos países vizinhos Brasil, Uruguai e Argentina, que estariam financeiramente dependentes da Inglaterra e, ao mesmo tempo, "invejosos" e temerosos do progresso da República paraguaia.

No Brasil, os revisionistas lançaram forte crítica à ação do exército brasileiro na campanha. Houve uma espécie de denúncia dos excessos ocorridos. Se, na fase anterior, a história da Guerra do Paraguai exaltou os feitos militares e enalteceu a nação brasileira, o revisionismo proporcionou um efeito inverso ao denunciar a brutalidade do exército brasileiro no conflito e as consequências quase que irreversíveis para a nação guarani. Tal enfoque dado à narrativa da Guerra, ressalta-se, deve ser compreendido dentro do seu contexto de produção, na região sul-americana, no qual imperavam ditaduras militares.

Por fim, o terceiro momento da historiografia da Guerra, chamado de neorrevisionista, iniciou-se nos anos 1980 e estende-se até os dias atuais. Este advém dos avanços no próprio seio da historiografia e do fazer historiográfico daquela década. Por meio de ferramentas e metodologias de pesquisa específicas para o fazer laboral do/a historiador/a, por exemplo, ampliaram-se as possibilidades de trabalho em relação a fontes, objetos, sujeitos/as e abordagens e apresentaram-se novas perspectivas para a investigação acerca da Guerra do Paraguai.

Do referido momento, vários estudos podem ser elencados, e alguns pesquisadores/as podem ser destacados/as, entre eles: Ricardo Salles (1990), Moniz Bandeira (1998), Maria Eduarda Castro Magalhães Marques (1995), Jorge Prata de Sousa (1996), André Toral (2001), Divalte Garcia Figueira (2001), Ana Paula Squinelo (2002, 2015), Francisco Doratioto (2002; 2023), Maria Teresa Garritano Dourado (2005, 2014), Lilia Moritz Schwarcz (2013), José Murilo de Carvalho (2019), Victor Izecksohn (2021), Ronald León Núñez (2021), Yara Karolina Santana Mattos Messias (2022), entre outros/as; vale destacar ainda as coletâneas organizadas, no Brasil, por Borges e Peraro (2012), Rodrigues e Pedrosa (2015), Squinelo (2016), Telesca e Squinelo (2019), Ferreira, Loureiro e Arias Neto (2021) e Squinelo, Segatto, Quinteros e Dockhorn (2022). Ressalta-se que esta produção se distingue por se tratar de um conhecimento de cunho acadêmico, elaborado a partir da análise crítica das fontes, entretanto ainda é possível encontrar em algumas narrativas didáticas, por exemplo, uma herança da mescla das três narrativas.

As pesquisas deste terceiro momento trouxeram um novo eixo explicativo para as causas do conflito, destacando tanto as contradições locais quanto as pendências na demarcação das fronteiras, as disputas pela navegação fluvial e as divergências

políticas. Mas também contemplaram novos temas da Guerra, trazendo para a discussão os/as sujeitos/as que pouco eram abordados pela historiografia anterior. Desse modo, têm-se importantes contribuições que tratam da temática concernente à participação escrava, à formação do exército brasileiro e à participação feminina. Salientam-se, ainda, novas abordagens por meio das imagens, bem como discussões sobre as repercussões da Guerra, sobre a economia do Brasil e a produção e abastecimento dos campos de batalha.

Portanto, entendeu-se ser, dentro dessa nova conjuntura, pertinente ampliar as discussões acerca da história da Guerra do Paraguai ensinada no Ensino Médio, considerando as atuais discussões historiográficas a respeito do tema, bem como pensar e repensar as práticas metodológicas a fim de promover um aprendizado mais significativo aos/as estudantes.

Nesse ensejo, compreendendo os manuais didáticos como fonte e objeto de investigação, com base nos preceitos de Choppin (2004) e Bittencourt (1996; 2017), procedeu-se à análise do conteúdo da Guerra em três distintas coleções didáticas do Ensino Médio, distribuídas pelo Programa Nacional do Livro Didático de 2018 (PNLD-2018) às escolas públicas do país, a saber: *História Global*, 3ª edição, de Gilberto Cotrim, publicada pela Editora Saraiva no ano de 2016, *História Sociedade & Cidadania*, 2ª edição, de Alfredo Boulos Júnior, publicada pela Editora FTD em 2016 e a coleção *História*, 3ª edição, dos autores Georgina dos Santos, Jorge Ferreira, Ronaldo Vainfas, Sheila de Castro Faria, publicada pela Editora Saraiva no ano de 2016. As editoras Saraiva e FTD, às quais pertencem as coleções, notadamente foram as mais destacadas na vendagem de livros para o Programa, tanto em número de tiragem quanto em quantidade de manuais aprovados, portanto infere-se que tais coleções didáticas estão sendo amplamente utilizadas nas instituições da educação básica do Brasil.

Na análise dos referidos manuais, constatou-se que, apesar dos avanços quanto aos eixos explicativos das causas da contenda, os textos raramente abordaram a participação no conflito dos/as diferentes sujeitos/as, como as mulheres, os homens negros, as crianças e os Voluntários da Pátria. Já a iconografia apresentada nestes livros teve pouca ou nenhuma função analítica relacionada ao tema e, em geral, foi utilizada como ilustração do conteúdo.

Nessa medida, voltou-se para o uso da iconografia no ensino de história. Ponderando que o contexto da Guerra foi cenário para a produção de um considerável número de imagens de natureza diversa, como fotografias, pinturas e charges,

definiu-se por utilizar desse recurso para elaborar uma proposta metodológica que possibilite uma abordagem analítica dessas representações.

De outra parte, procedeu-se a um recorte temático com o propósito de abarcar as novas discussões historiográficas, especialmente no que se refere à inclusão das mulheres, das crianças, dos homens negros, dos libertos e dos Voluntários da Pátria nas discussões acerca da Guerra do Paraguai, assim como as repercussões do conflito na antiga província do Mato Grosso, atualmente estados do Mato Grosso e Mato Grosso do Sul.

A partir de nossas experiências como professoras e investigadoras, constatamos que os/as professores/as de história enfrentam dificuldades ao trabalharem com o conteúdo da Guerra do Paraguai; os Livros Didáticos, como apontado, nem sempre se encontram em sintonia com as perspectivas históricas e historiográficas contemporâneas, a carga horária e o próprio "espaço" destinado ao tema são limitados e, ainda, os aspectos e peculiaridades regionais não são contemplados na narrativa didática que, via de regra, reproduzem e veiculam uma interpretação nacional da participação do Império brasileiro na Guerra.

Problematizando tais questões, pensou-se e produziu-se um material que possa subsidiar o trabalho docente e que se traduz na elaboração de um conjunto de 7 (sete) aulas-oficina dispostas no Capítulo 3. Tais aulas-oficina tiveram como inspiração o conceito desenvolvido pela pesquisadora portuguesa Isabel Barca (2004), entretanto na elaboração das mesmas levou-se em consideração a realidade educacional brasileira e destacou-se o trabalho com as imagens (textuais e imagéticas) para mediar a proposta.

Pensando no contexto atual, em que fotografias e *selfies* fazem parte do cotidiano de boa parte dos/as estudantes, optou-se por privilegiar as fotos produzidas no contexto da Guerra para compor as aulas-oficina. Além do mais, são apreciadas como fontes valiosas e ainda pouco exploradas nas aulas, especialmente após verificar-se que não estão incluídas nas ilustrações apresentadas pelos manuais didáticos analisados.

A fotografia surgiu nas primeiras décadas do século XIX e na ocasião da Guerra ainda era uma novidade, algo pouco acessível, ao contrário do que é nos dias atuais. Produzir fotografias dependia de preparo técnico e de certo recurso financeiro para adquirir os equipamentos. Assim como ter acesso a elas dependia, em boa medida, das condições sociais e econômicas. Portanto, avalia-se que as fotografias produzidas e preservadas daquele contexto são de uma raridade preciosa e de um valor histórico imensurável. Verifica-se que para Salles:

[...] é sobretudo nas imagens fotográficas que a presença dessas pessoas, eternizada pelas lentes da nova invenção do século do progresso, nos surge com negra clareza – porque negras eram em sua maioria. (SALLES, 2003, p. 13)

Salles, ao citar as “pessoas”, referiu-se aos mais diferentes sujeitos/as que de alguma maneira ou de outra participaram da Guerra e em algum momento “[...] conscientes da magia daquele instante que buscam se eternizar, posam para a câmera.” (SALLES, 2003, p. 13). Soldados, prisioneiros, mulheres e crianças (muitas nascidas durante a Guerra), pessoas que, de acordo com Salles, formalmente ou informalmente se engajaram entre os combatentes, “São rostos anônimos que nos chegam em fotografias amareladas, alguns poucos em retratos litografados, outros tantos figurados em ilustrações de época ou em pinturas históricas.” (SALLES, 2003, p. 13).

Contudo, é uma memória cotidiana que Salles verificou ter sido ocultada, primeiro pela “memória oficial” e “monumental” e, em seguida, pela história revisionista (SALLES, 2003, p. 13). Desse modo, a história da Guerra, inclusive a ensinada nas escolas, privilegiou e ainda, em alguma medida, privilegia determinados/as sujeitos/as em detrimento de outros/as.

Portanto, são representações que contribuem para um dos principais objetivos deste livro abordar os/as diferentes sujeitos/as que participaram da contenda. Ainda, segundo Peter Burke, as imagens são uma importante evidência histórica e “[...] nos permitem ‘imaginar’ o passado de forma mais vívida” (BURKE, 2017, p. 24). Além disso, o autor considerou que as ilustrações “[...] constituem-se no melhor guia para o poder de representações visuais nas vidas religiosa e política de culturas passadas” (BURKE, 2017, p. 24).

Destaca-se que a obtenção das fotografias para esta pesquisa se deu essencialmente por via digital, pelos *sites* oficiais de bibliotecas. Este recurso muito contribuiu com a presente investigação, pois possibilitou acessar iconografias disponibilizadas somente por bibliotecas e museus estrangeiros, como por exemplo a *Biblioteca Nacional de Uruguay* e o *Museo Nacional de Artes Visuales*, do Uruguai. Contudo, grande parte das ilustrações utilizadas foram oriundas da Biblioteca Nacional Digital (BNDigital).

Incorporaram-se às imagens selecionadas, também, pinturas e desenhos, pois se considerou importante proporcionar a reflexão a partir de fontes distintas. Além

disso, essas categorias, em alguns casos, trouxeram representações que não foram encontradas na forma fotográfica.

Mas, salienta-se que utilizar a iconografia como fonte para o ensino de História na educação básica apresentou seus embates e é pretensioso afirmar que eles estejam completamente resolvidos. Várias questões se colocaram durante a execução da pesquisa: Como trabalhar com as imagens sem que elas adquiram a conotação de representação real do que foi vivido? De que maneira evitar cair na armadilha de transformar estudantes do Ensino Médio em "pequenos historiadores"? Como conseguir o equilíbrio entre fonte imagética e fonte escrita sem que uma, nem outra sejam entendidas como mais importantes ou, então, como expressões da verdade?

Ao elaborar as aulas-oficina, entendeu-se, a partir de Peter Burke (2017, p. 12), ser importante que as imagens fossem utilizadas juntamente com outras evidências. Desse modo, utilizaram-se também fontes escritas de origem variada: textos da historiografia atual, relatos memorialistas, artigos de jornal e decretos da época são alguns exemplos. A finalidade dessa associação é possibilitar distintas perspectivas de análise, por vezes contrapondo elementos das imagens com os dados dos textos e, em outros momentos, complementando informações.

Relacionando textos com a iconografia, ampliaram-se as discussões acerca dos temas da Guerra do Paraguai selecionados para a composição das aulas-oficina, além disso, pretende-se que ambas as fontes sejam entendidas como importante subsídio para o entendimento dos acontecimentos históricos. De outra parte, por meio da justaposição dos documentos, almeja-se que as ilustrações possam ser visualizadas pelos/as estudantes como representações de um contexto, sem que adquiram conotação de realidade, pois entendem-se as imagens como produção cultural e, portanto, devem ser analisadas como tal.

No que diz respeito a essa perspectiva analítica, Boris Kossoy, através do seu olhar de fotógrafo, em sua obra *Fotografia & História* destacou o entrelaçamento de três elementos para a composição da imagem: "o assunto, o fotógrafo e a tecnologia" (KOSSOY, 2014, p. 41). Sendo assim, a fotografia, para este autor, resulta: "[...] da ação do homem, o fotógrafo, que em determinado espaço e tempo optou por um assunto em especial e que, para seu devido registro, empregou os recursos oferecidos pela tecnologia." (KOSSOY, 2014, p. 41).

Para Kossoy, a fotografia, portanto, é uma elaboração construída técnica, cultural, estética e ideologicamente que "tem por trás de si uma história" (KOSSOY, 2014, p. 48), ou seja, a história de sua produção relacionada à intenção de sua

existência. Por outro lado, “toda a fotografia é um resíduo do passado” (KOSSOY, 2014, p. 49), pois contém um fragmento da realidade registrada. Sendo assim, reconhecida como um documento visual que não só revela informações como também é “detonador de emoções” (KOSSOY, 2014, p. 32).

Por meio da experiência de Kossoy, no mundo da produção imagética concebem-se os retratos de uma forma mais ampla, considerando todo o seu contexto de produção, especialmente no que tange ao olhar e às escolhas do profissional no ato do registro. Nesse ensejo, evidencia-se uma constatação significativa de Burke:

Ocasionalmente, os fotógrafos foram muito além da mera seleção. Antes da década de 1880, na era da câmara de tripé e exposições de 20 segundos, os fotógrafos compunham as cenas, dizendo às pessoas onde deveriam se posicionar e como se comportar (como até hoje nas fotografias de grupo), tanto no estúdio quanto em fotos ao ar livre. (BURKE, 2017, p. 38)

Portanto, a produção fotográfica ocorrida no contexto da Guerra do Paraguai pode ser entendida dentro da ótica de Burke. Em geral, tal produção foi concebida por fotógrafos estrangeiros, europeus e americanos, que trouxeram consigo suas experiências, aplicando-as nos campos de batalha e fora deles. Por esse ângulo, cabe um olhar atento às réplicas que nos chegam hoje, compreendendo que nas cenas, possivelmente, houve a interferência intencional do retratista, que não somente compunha a visão, mas que, também, poderia definir e arrumar os objetos e as pessoas que comporiam a imagem.

Nessa acepção, a fotografia não deve ser levada para a sala de aula como um retrato da realidade, mas sim na condição de um objeto construído culturalmente, do mesmo modo que a imagem nela contida traz para o nosso tempo representações culturais do momento em que foi produzida, assim como as relações de poder sobre a escolha do que seria ou não retratado. Utilizar a fotografia como fonte histórica, portanto, ultrapassa

[...] seu mero aspecto ilustrativo - deve compor uma série extensa e homogênea no sentido de dar conta das semelhanças e diferenças próprias ao conjunto de imagens que se escolheu analisar. Nesse sentido o *corpus* fotográfico pode ser organizado em função de um tema [...] (MAUAD, 1996, p. 10)

Partindo de tal pressuposto, ponderou-se que é preciso um conjunto de fotografias para o trabalho em sala de aula. Desse modo, para cada tema que se

aborda nesta proposta, optou-se por apresentar de três a quatro ilustrações distintas para que os/as estudantes possam fazer a comparação entre as informações que elas abarcam. Bloch (2002) já chamava a atenção para a diversificação das fontes, possibilitando um trabalho comparativo, com o qual não só ampliamos o conhecimento a respeito do tema, como também temos a probabilidade de atestar a veracidade da fonte.

Outro aspecto a ser considerado no trabalho iconográfico é o espaço de sua produção:

[...] a análise histórica da mensagem fotográfica tem na noção de espaço a sua chave de leitura, posto que a própria fotografia é um recorte espacial que contém outros espaços que a determinam e estruturam, como, por exemplo, o espaço geográfico, o espaço dos objetos (interiores, exteriores e pessoais), o espaço da figuração e o espaço das vivências, comportamentos e representações sociais. (MAUAD, 1996, p. 10)

Mauad inferiu que a fotografia em si já se constitui numa delimitação espacial, tendo em vista seu momento histórico de produção, entretanto salientou para um olhar analítico aos espaços retratados na imagem quanto à disposição de pessoas/objetos e ambiente escolhido. Cabe, portanto, propor aos/as estudantes a análise dos espaços destinados aos artefatos e as pessoas retratadas, bem como o local em si onde a fotografia foi produzida, podendo ser um estúdio, um local a céu aberto ou um evento, por exemplo.

Além do espaço, devem ser observados o plano de conteúdo, subdividido na relação dos elementos da fotografia como o contexto em que se insere e o plano de expressão, ou seja, das opções técnicas e estéticas da sua produção. Portanto, a análise da imagem perpassa não somente pelo objeto retratado, mas também pelas escolhas técnicas feitas para tal.

Como um presente e passado, a imagem transporta através do tempo toda a complexidade das relações passadas, tanto dos recursos utilizados na sua confecção quanto das características culturais e sociais da época. Mauad assim se referiu aos retratos que chegam ao nosso tempo:

Um dia já foram memória presente, próxima àqueles que as possuíam, as guardavam e colecionavam como relíquias, lembranças ou testemunhos. No processo de constante vir a ser recuperam o seu caráter de presença, num novo lugar, num outro contexto e com uma função diferente. (MAUAD, 1996, p. 10)

No contexto da sala de aula, quando a fotografia se torna um documento histórico, quando o passado se coloca diante dos olhos, certamente a questão de Mauad se torna pertinente “como olhar através das imagens?” (MAUAD, 1996, p. 10).

Paiva (2015, p. 18), voltando-se para os “velhos ensinamentos” da crítica à fonte, indicou um caminho que considerou fundamental, sendo esse partir das perguntas: “Quando? Onde? Para quem? Para quê? Por quê? Como?”. Num próximo passo, sugeriu questionar sobre “[...] os silêncios, as ausências, e os vazios que sempre compõem o conjunto e que nem sempre são facilmente detectáveis.” (PAIVA, 2015, p. 18).

A falta de uma metodologia adequada pode fazer com que as imagens sejam vistas pelos/as estudantes como ilustração da realidade. Portanto, o uso da iconografia exige um diálogo constante com elas próprias para que ela não seja, como observou Borges, referindo-se à fotografia, “[...] concebida como um dado natural, quer dizer um testemunho puro e/ou bruto dos fatos sociais” levando os/as estudantes a interpretar que “[...] os homens e as mulheres de ontem viviam exatamente como se apresentam nas respectivas fotografias.” (BORGES, 2016, p. 16).

Não se trata de ensinar teorias aos/as estudantes, pois as teorias metodológicas são, antes de qualquer coisa, o suporte para o/a professor/a, quanto aos/as estudantes, conforme Paiva:

Trata-se, sim, de desenvolver, de maneira adaptada à idade e às condições materiais e culturais existentes, suas competências, suas habilidades e a capacidade de, assim, ler criticamente não apenas a história dos livros e da escola, mas, principalmente, a história de seu tempo, a própria vida cotidiana na qual eles desempenham importante papel transformador. (PAIVA, 2015, p. 13)

Nesse ponto de vista, buscou-se elaborar um procedimento metodológico viável para que estudantes do Ensino Médio possam analisar as imagens apresentadas nas aulas-oficina. Não desconsiderando os referenciais expostos até aqui, mas, antes, tentando abarcar o que é aplicável para o contexto pertinente à educação básica, voltou-se aos escritos de Panofsky (1991, p. 50), o qual sugeriu a leitura e análise iconográfica em três dimensões, sendo elas:

1. Significado primário ou factual: procede-se com a identificação das formas puras – objetos, seres humanos, animais, plantas, casas, ferramentas, etc., que podem ser vistos na imagem.

2. Significado secundário ou convencional: a partir dos objetos identificados interpreta-se o fato que está ilustrado, ou seja, conhece-se o seu significado. Portanto, o/a estudante infere qual é o assunto ou conceitos da pintura e em qual contexto histórico se insere.
3. Significado intrínseco ou conteúdo: é a descoberta e interpretação dos valores simbólicos, ou seja, o conteúdo que deve ser revelado, pois ele não está explícito. Ligando o fato representado com o contexto histórico, transcende-se a pura imagem para a interpretação do que está além.

Por fim, ao definir-se que o formato de aulas-oficina seria o melhor caminho para trabalhar com a iconografia em sala de aula, identificou-se que elas deveriam tangenciar as seguintes proposições, definidas por Barca (2004, pp. 133-134):

- a. **interpretação de fontes:** proporcionar a leitura de fontes diversas; realizar cruzamento de fontes, quanto a suas mensagens e intenções; selecionar fontes para confirmação ou refutação de hipóteses levantadas;
- b. **compreensão contextualizada:** entender ou procurar entender as situações humanas e sociais em diferentes tempos e em diferentes espaços; relacionar os sentidos do passado com suas próprias atitudes perante o presente e a projeção do futuro; levantar novas questões e hipóteses a se investigar;
- c. **comunicação:** exprimir a sua interpretação e compreensão das experiências humanas ao longo do tempo com inteligência e sensibilidade, utilizando a diversidade dos meios de comunicação atualmente disponíveis.

Finalmente, traçaram-se os passos metodológicos que compõem parte das aulas-oficina elaboradas e que se constituem em: **Atividade 1: investigando os conhecimentos; Atividade 2: socializando as respostas; Fontes iconográficas; Atividade 3: análise das fontes iconográficas; Fontes escritas; Atividade 4: problematização das fontes; Avaliação: comunicação do aprendizado.** Tais passos estão contemplados e desenvolvidos no Capítulo 3 que compõe esta obra.

Por fim, e não menos importante, salienta-se que este livro está organizado em três capítulos:

O primeiro capítulo compõe-se em um balanço historiográfico a respeito da Guerra de modo a apresentar o que foi o conflito na ótica da historiografia atual. Algumas das principais referências foram os/as autores/as Leslie Bethell, Moniz Bandeira, Francisco Doratioto, Luc Capdevila e Nidia Areces.

No segundo capítulo, discorreu-se sobre a ocupação paraguaia na então província de Mato Grosso, embasado em autores como Thomas Whigham, os memorialistas estrangeiros Jorge Thompson e Juan Crisóstomo Centurión, entre outros. De outra banda, foram também objetos de discussão as consequências do confronto, especialmente no alastramento de uma epidemia de varíola sobre a capital de Cuiabá, para tal a tese de Maria Aparecida Borges de Barros Rocha e os escritos do memorialista Joaquim Ferreira Moutinho configuraram-se de extrema importância.

O terceiro capítulo compreende a proposição de aulas-oficina elaboradas com o intuito de contribuir com o ensino de história, em específico, com o ensino da Guerra do Paraguai na educação básica. São sete temáticas abordadas, sendo elas: As mulheres na Guerra do Paraguai; As crianças na Guerra do Paraguai; Negros e libertos lutando na Guerra do Paraguai; Voluntários da Pátria na Guerra do Paraguai; As adversidades nos campos de batalha; O cotidiano na Guerra do Paraguai; A Guerra do Paraguai na província do Mato Grosso.

Ressalta-se que as aulas-oficina propostas foram pensadas a partir das experiências oriundas do universo da escola pública brasileira e da educação básica, em especial o pertinente ao Ensino Médio; entretanto, as aulas-oficina podem ser adequadas a outros níveis educacionais e a outras realidades escolares, podendo, portanto, ultrapassar os horizontes que se desenharam enquanto possibilidade formativa. Destaca-se também que as referidas aulas-oficina são independentes, e não complementares, isto é, o/a professor/a pode optar por trabalhar um ou mais temas e a "ordem temática" pode ser estabelecida em consonância com suas necessidades e realidade escolar.

Para finalizar, destaca-se que comumente se afirma que muito já se escreveu sobre a Guerra do Paraguai e concorda-se com tal proposição, entretanto muito há ainda o que se escrever sobre este que foi o maior, mais largo, mais longo e mais sangrento conflito do continente latino-americano. Nesse sentido, este livro traz um contributo original e relevante, na medida em que além de se trabalhar com os/as sujeitos/as negligenciados por determinada historiografia sobre o tema, emerge, também, o enfoque regional: a província de Mato Grosso. Por fim, apresenta-se uma proposta de trabalho com essas temáticas, configuradas nas aulas-oficina, constitui-se, portanto, material inédito no Brasil e, arrisca-se a afirmar, no Prata. Assim, contribui e soma-se, efetivamente a propostas para um fazer histórico combativo e atuante.

## Capítulo 1

---

# A guerra do Paraguai/ Guerra Guasu: do conflito à construção das narrativas

A Guerra do Paraguai, como é conhecida no Brasil, foi um dos acontecimentos mais marcantes da Região Platina da segunda metade do século XIX. No Brasil, foi indiretamente responsabilizada pela queda da monarquia e pela gradual libertação dos escravizados. No Paraguai, a Grande Guerra ou a Guerra da Tríplice Aliança, como é comumente denominada naquele país, permanece na memória como a maior das tragédias à qual sua nação já foi submetida, pois as perdas humanas, materiais, territoriais e a desestruturação política foram irreparáveis.

O conflito envolveu quatro nações sul-americanas: a Argentina, o Brasil, o Paraguai e o Uruguai e, de acordo com Bethell, foi "a mais longa, mais sanguinolenta e mais destrutiva das guerras que assolaram a América do Sul no século XIX [...]" (BETHELL, 1995, p. 12). Sua duração ultrapassou os cinco anos, tendo início em treze de dezembro de 1864, quando o Paraguai declarou formalmente guerra ao Brasil, contudo seu estopim esteve vinculado ao aprisionamento do navio brasileiro Marquês de Olinda pela nação paraguaia, e término em 1º de março de 1870, quando a última resistência paraguaia foi encurralada e o presidente Francisco Solano López foi morto em Cerro Corá.

O número de vidas envolvidas e perdidas no conflito são motivos de controvérsias. De acordo com Bethell (1995, p.12), as pesquisas modernas apontam para algo em torno de 150 a 200 mil vidas, contudo, já se considerou esse número superior, supondo-se 300 mil vidas consumidas.

Mas, o que se pode inferir é que os impactos sociais, políticos e econômicos foram demasiadamente profundos para a maioria dos países envolvidos (Brasil, Argentina, Uruguai e Paraguai), com consequências que podem ser sentidas ainda nos dias atuais.

Talvez poucos conterrâneos da Guerra pudessem imaginar a proporção que tomaria o conflito iniciado com uma intervenção militar brasileira no Uruguai, à qual o Paraguai se opôs prontamente. Doratioto afirmou que os “[...] governantes, tendo por base informações parciais ou falsas do contexto platino e do inimigo potencial, anteviram um conflito rápido e, no qual seus objetivos seriam alcançados com o menor custo possível.” (DORATIOTO, 2002, p. 93). Ao que parecia à época ser uma ação rápida sem maiores consequências, com o tempo mostrou-se justamente o oposto.

As tensões existentes há décadas na região do Cone Sul, como as divergências quanto às delimitações de fronteiras e a livre navegação pelos rios da Bacia Platina, nunca haviam sido totalmente solucionadas. O episódio relacionado à intervenção brasileira no Uruguai em 1864, portanto, desencadeou um conflito que em grande medida refletiu as pendências geopolíticas e econômicas entre as nações envolvidas.

Doratioto salientou que a Guerra “[...] foi fruto das contradições platinas, tendo como razão última a consolidação dos Estados nacionais na região.” (DORATIOTO, 2002, p. 93). Acrescentando, ainda, que apesar da guerra não ter sido a única opção para um possível entendimento, acabou acontecendo, pois era de interesse de todos os envolvidos.

Luc Capdevila também destacou as instabilidades geopolíticas para a eminência do conflito “La geopolítica reúne los principales elementos de explicación de los orígenes del conflicto. A mediados del siglo XIX las entidades territoriales de la región se convertían en Estados en construcción, reagrupando naciones inciertas.” (CAPDEVILA, 2010, p. 25).

Um significativo conjunto de escritos, pesquisas e reflexões das últimas décadas vem apontando que as causas do conflito platino devem ser entendidas a partir da compreensão das relações políticas, econômicas e geográficas entre os países da região. Portanto, sujeitos da sua própria história, Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai desempenharam um papel, seja preponderante ou não, para o acontecimento da Guerra.

## 1.1 Os antecedentes da guerra

Na primeira metade do século XIX, a região Sul da América foi palco da formação de diversos Estados independentes resultantes da emancipação dos Vice-Reinos pertencentes à Espanha, e do Brasil pertencente a Portugal. O desmembramento do Vice-Reinado do Rio da Prata deu origem às nações Argentina,

Bolívia, Paraguai e Uruguai, contudo as disputas pelo poder, as divergências com relação aos limites de fronteiras, os litígios territoriais e dissensões sobre a livre navegação fluvial eram problemas ainda a serem solucionados entre as jovens nações.

Para o autor Moniz Bandeira, os conflitos da região eram antigas pendências que remontavam ao período da colonização. A descoberta e extração da prata na região de Potosí e o controle das rotas fluviais com possibilidade de dominar o comércio local já eram motivos de desavenças entre Portugal e Espanha no século XVII, como pode ser averiguado a seguir:

Com a retomada de Angola e a expulsão dos holandeses do Nordeste brasileiro, em 1654, só a ocupação de Buenos Aires faltava para que Portugal, assegurando a conexão com Potosí, restaurasse completamente seu complexo comercial e as rotas de navegação no Oceano Atlântico, com a hegemonia sobre o Rio da Prata. E aí o objetivo não era mais apenas o de introduzir escravos africanos, através do porto de Buenos Aires, na América espanhola (...). O que Portugal queria era o controle de todo o comércio da região, que, além da prata, já abarcava outras mercadorias, tais como couros, carne-seca e erva-mate. (BANDEIRA, 2012, p. 56)

De acordo com o autor, essa ameaça de Portugal sobre a hegemonia espanhola sempre preocupou a Espanha. Mas, havendo, também, outras nações interessadas no comércio local como a França, a Holanda e a Dinamarca, “[...] Portugal decidiu antecipar-se e tomar a iniciativa de apossar-se da riba setentrional do Rio da Prata.” (BANDEIRA, 2012, p. 57). A ordem do então príncipe regente D. Pedro de Bragança foi que se erguesse uma base militar diante de Buenos Aires. E em 1680, iniciou-se a construção da fortaleza, que se chamaria Colônia do Sacramento.

A fundação da Colônia do Sacramento e os esforços por meio das bandeiras dão deusas da ação oficial para efetivar a presença portuguesa na Bacia do Rio da Prata. Nesse sentido, a ideia não era apenas fixar fronteiras, com o objetivo de conquistar territórios, mas especialmente de conquistar vias fluviais:

Sem dúvida alguma, o domínio dos grandes rios ou, pelo menos, de uma de suas vertentes importava mais para os portugueses porque representava o controle das vias de navegação e, conseqüentemente, do comércio. (BANDEIRA, 2012, p. 65)

Portanto, Bandeira salientou que a construção da Colônia do Sacramento não representou um ato isolado,

[...] mas uma iniciativa que, no seu desenvolvimento, implicaria a invasão das Províncias do Rio da Prata, ou seja, a ocupação de toda a margem oriental e dos territórios argentinos de Misiones, Entre Rios e Corrientes, ficando os portugueses a controlar, em quase toda a sua extensão, a linha de comunicação entre Buenos Aires e os centros mineiros do Alto Peru. (BANDEIRA, 2012, p. 66)

A pretensão de Portugal em expandir seus domínios e manter uma hegemonia na região perdurou ao longo de todo período colonial. Tratados de fronteira conflitantes foram assinados entre Portugal e Espanha, delimitando suas posses. Por exemplo, o Tratado de Madri assinado em 1750, com base no princípio de direito do *uti possidetis*, deu ao Brasil praticamente seus contornos atuais, mas ainda assim não definitivos. Entretanto, as discordâncias continuaram resultando em novos acordos. O último Tratado assinado entre as duas metrópoles sobre limites de possessões americanas foi o de Santo Ildefonso, 1777. A Colônia do Sacramento, então motivo de disputa entre Portugal e Espanha, passou ao domínio espanhol, assim como o território das Reduções Orientais, também denominada de Sete Povos das Missões.

Para Bandeira (2012, p. 68) a disputa pela Colônia do Sacramento ia além do controle do comércio de couros, significava, acima de tudo, a sobrevivência do sistema colonial da Espanha, haja vista que a atividade de contrabando garantia a introdução de escravos e toda a espécie de manufaturas inglesas.

Contudo, as disputas regionais viriam a intensificar-se com a transferência da corte portuguesa ao Brasil, tendo em vista que:

O príncipe-regente D. João, sonhava com a possibilidade de fundar um poderoso império na América e acreditou que poderia reunir sob o mesmo cetro os Estados do Brasil e as colônias da Espanha, submetidas, na época, por Napoleão Bonaparte. (BANDEIRA, 2012, p. 78)

De acordo com Bandeira (2012, p. 79), a intenção de Portugal em formar “uma só nação”, unindo à colônia do Brasil o Vice-Reino das Províncias do Prata, chegou ao Cabildo de Buenos Aires em janeiro de 1808, sob forma de nota e em tom ameaçador. Entretanto, não houve acordo e o enfrentamento militar estava em vista, não fossem os acontecimentos europeus mudarem o curso dos planos de D. João. Isto porque Portugal esperava o apoio da Inglaterra, e este apoio não mais foi possível após a aproximação da Inglaterra à Espanha.

Ainda, segundo o referido autor, com a estada da corte real no Brasil,

os conflitos na Bacia do Prata, que antes espelhavam, fundamentalmente, os antagonismos no nível das metrópoles, adquiriram então uma dinâmica própria, devido a fatores econômicos e políticos gerados pelo desenvolvimento da colonização. (BANDEIRA, 2012, p. 80)

Por esse ângulo, interesses políticos e preocupação com a proteção do território português foram os novos fatores de desavenças regionais. Portanto, “[...] o processo revolucionário deflagrado a partir de Buenos Aires, com a sublevação de 25 de maio de 1810” (BANDEIRA, 2012, p. 81) foram tidos como uma ameaça à integridade da colônia do Brasil, especialmente se o movimento chegasse a Montevidéu, o que justificou a ação militar de Portugal na Banda Oriental, constituindo-se num ato contrário a independência das Províncias Unidas do Rio da Prata.

Portugal realizou duas intervenções militares na Banda Oriental, uma em 1811 e outra de 1816 a 1817. Esta última ação resultou na anexação deste território ao Brasil, oficializada por D. João VI em 1821, ficando nomeado, a partir de então, de Província Cisplatina. Ainda naquele ano, antes de seu retorno a Portugal, D. João VI fez, por meio de notas, o reconhecimento da independência das Províncias Unidas do Rio da Prata, mais tarde conhecida como Argentina, conforme os apontamentos de Bandeira (2012, pp. 88-89).

A posse da Província Cisplatina, porém, teve curta duração. A região ficou muito desgastada economicamente, os negócios de couro e charque foram afetados pela falta de gado e o comércio declinou. Logo, grupos descontentes uniram forças com estancieiros de Buenos Aires e se sublevaram em 1825 contra o Brasil, que naquele momento já era um Império independente de Portugal. Após longos três anos de guerra, o Império brasileiro se viu pressionado a assinar o tratado de paz, concedendo a independência política à província.

Esse conflito não foi a primeira das desavenças entre Buenos Aires e o Brasil, como também não seria a última. Da mesma forma, os interesses sobre a Banda Oriental não findaram. Mesmo após o reconhecimento de sua independência em 1828, a nova República do Uruguai não ficou livre das intervenções dos seus vizinhos. De modo que o século XIX não foi breve para essas nações.

Buenos Aires resistia para impedir a separação de suas províncias e garantir uma nação grande e unificada, mas isso significava enfrentar os interesses dos federalistas. A República do Uruguai buscava contornar suas divergências políticas

entre *blancos* e *colorados* e ao mesmo tempo lidava com a presença de estancieiros brasileiros em seu território, situação pouco tranquila.

Já o Brasil se apresentava como uma nação de emancipação política e governo bastante sólido, mas nem por isso deixou de enfrentar seus problemas internos, especialmente no Período Regencial, com a eclosão de várias revoltas, assim como problemas econômicos e divergências políticas. Nesse meio tempo, o Paraguai, por sua vez, procurava se firmar como nação independente, buscando meios para garantir sua sobrevivência econômica.

O Paraguai conseguiu sua independência em relação ao Vice-Reino do Rio da Prata e de Buenos Aires, então capital do Vice-Reino, entre 1811-1813. Foi uma independência precoce, de acordo com a autora Areces:

De los distintos movimientos de independencia, el de Paraguay – en comparación con los del resto de los territorios americanos – fue un caso precoz de ruptura de vínculos con la metrópoli, España, y con la submetrópoli, Buenos Aires. (ARECES, 2010, p. 149)

Para dirigir a nova nação, uma junta e um consulado se sucederam no poder. E em 1816, José Gaspar Rodríguez de Francia, que já fazia parte do governo como cônsul, foi eleito pelo Congresso como o novo dirigente. Sobre seu governo, Areces afirmou:

Francia realizó una administración tolerante y eficaz, preparándose de esta manera para el nuevo Congreso de 1816, que solo contó con ciento cincuenta asistentes. En él se aprobó su designación como Dictador Perpetuo de la República, 'en calidad de ser sin exemplar', con el voto unánime de los congresistas. (ARECES, 2010, p. 157)

Na qualidade de Ditador Perpétuo, Francia governou até o ano de 1840, sob um regime autoritário, mantendo em suas mãos a direção dos diferentes setores: o econômico, o político e o social.

Doratioto (2002, pp. 24-25) analisou que durante este período o governante tomou medidas de isolamento com vistas a garantir a emancipação política, frequentemente ameaçada por Buenos Aires. A burguesia mercantil desta localidade planejava a manutenção das províncias do antigo Vice-Reino numa grande nação sob sua hegemonia. Favorecida pela sua localização estratégica, Buenos Aires pressionava as regiões interiores que dependiam do acesso ao Atlântico, através da foz

do rio Paraná, com a proibição da livre navegação. Por outro lado, o controle do porto pelos portenhos garantiria enriquecimento da burguesia mercantil, por meio das trocas de comércio internacionais. Desta feita, as crises entre Buenos Aires e Assunção eram constantes, e Francia procurou uma saída para evitar a subordinação.

Portanto, o isolamento do Paraguai parecia a solução para evitar um enfrentamento com as nações vizinhas, haja vista que os problemas não se restringiam a Buenos Aires, mas estendiam-se ao Brasil e à Bolívia, com quem as discrepâncias sobre os limites de fronteiras levavam a disputas territoriais. Capdevila frisou essa situação paraguaia com relação as suas fronteiras:

Por otra parte, al estar situado en la juntura de los antiguos emperios Español y Portugués, el nuevo Estado Paraguayo, a la vez cruce y tierra de los confines vio todas sus fronteras disputadas por sus vecinos desde la afirmación de su independencia en 1811. (CAPDEVILA, 2010, p. 26)

Essas sucessivas ameaças levaram, segundo Capdevila (2010, p. 26), o governo de Francia a investir na militarização da sua nação, substituindo as antigas milícias formadas durante o enfrentamento da colônia, nas revoltas pela independência, por um exército regular, desse modo, comprometendo 90% dos gastos públicos com os salários dos soldados. Contudo, o autor salientou que o Paraguai não se constituía numa potência militar que ameaçasse os países vizinhos e que pensar dessa maneira seria um erro. O autor defendeu que o Paraguai era um país pobre ao aferir que

Los soldados estaban mal armados y mal pagados. Muy pocas unidades tenían armas de fuego. Los pocos cañones servían principalmente para hacer sonar la alarma. Finalmente, bajo Francia el ejército tenía sobre todo una misión de control del espacio interior. (CAPDEVILA, 2010, p. 26)

Sem contar que todo homem, excluindo-se os escravos, eram considerados soldados, segundo o autor. Portanto, não havia potencial de enfrentamento bélico durante o governo de Francia.

Com o falecimento de Francia, em 1840, duas juntas militares e um Consulado sucederam-se no poder, até que em 1844 Carlos Antonio López foi eleito pelo Congresso presidente da República do Paraguai. Nesse intervalo de tempo, as tensões com Buenos Aires se agravaram após o Paraguai assinar dois tratados de aliança com a província de Corrientes, em 1841, um referente aos limites territoriais e outro de comércio e navegação. Tendo em vista que esta província estava

insurgida contra Buenos Aires na época, Juan Manuel José Domingo Ortiz de Rosas, político e oficial argentino, como medida de retaliação determinou um bloqueio fluvial ao Paraguai, que só viria a ser revisto em 1852.

Foi, também, nesse interregno de tempo que Assunção oficializou sua independência, em 1842, sendo reconhecida, após dois anos, primeiramente pelo Império brasileiro.

O apoio do Império, naquele momento, não aconteceu sem interesses, uma vez que buscava negociar com Assunção a livre navegação pelo rio Paraguai, garantindo comunicação com a província de Mato Grosso. Ademais, o Império brasileiro também se opunha à política de Rosas e pretendia, de acordo com Doratioto (2012), isolá-lo no Prata. Isso porque o Império estava temeroso – quanto aos interesses de Rosas na República Oriental do Uruguai, pois a intervenção deste na guerra civil uruguaia, em apoio aos *blancos*, poderia significar uma ameaça à independência do Uruguai, prejudicando os negócios imperiais naquela região.

A Guerra Civil Uruguaia teve início em 19 de março de 1839 e término em 08 de outubro de 1851, foi motivada pelo confronto político entre o Partido *Blanco* e o Partido Colorado. A vitória do Partido *Blanco* nas eleições de 1834 possibilitou ao líder do partido, Manuel Oribe, se tornar o novo presidente do Uruguai; logo, Rivera, do Partido Colorado, se opôs e uma luta se iniciou ainda em 1836. A união de Manuel Oribe ao governante argentino Juan Manuel Rosas, cujas possíveis pretensões de anexar o Uruguai à Argentina, fizeram o Brasil tomar posição a favor de Rivera e intervir no confronto em apoio aos colorados.

As províncias argentinas, Corrientes e Entre Rios, contrárias ao governo de Rosas, também se envolveram organizando uma revolta contra o governante argentino, de modo que o resultado foi a derrota de Oribe e de Rosas. Para Bandeira (2012), o pano de fundo dos constantes embates na Bacia Platina esteve ligado aos interesses – não só políticos, mas principalmente econômicos – dos envolvidos. De um lado, as burguesias comerciais que buscavam o enriquecimento por meio dos portos de Montevideú e Buenos Aires, controlando o comércio e as taxações de impostos e, de outra parte, as classes rurais sustentadas pela exploração nativa dos campos e pela criação de gado compreendendo os farroupilhas, os estancieros saladeiristas, grupos dominantes, que “caudilhavam”.

Sendo assim, o Império brasileiro, mesmo após a independência do Uruguai, não deixou de estar presente nesta região a fim de aproveitar os recursos naturais para seus negócios de criação de gado e confecção do charque, portanto, para os

grupos estancieiros brasileiros, a ascensão dos *blancos* ao poder no Uruguai e sua aproximação com o federalista argentino Rosas eram vistas como prejudiciais aos seus negócios.

De outra parte, Carlos López, nos primeiros anos de seu governo, encontrou grandes entraves para a modernização e o avanço econômico do Paraguai, como salientou o autor Doratioto:

[...] o contato com o exterior para se modernizar encontrava um obstáculo em Rosas, que se recusava a reconhecer sua independência e dificultava seu comércio com exterior, ao controlar a navegação do rio Paraná. (DORATIOTO, 2002, p. 26)

Tal cenário se transformou a partir da década de 1850, pois o Paraguai obteve livre acesso fluvial, permitindo a exportação de produtos primários e a importação de tecnologias e de especialistas. Essa mudança se deu em razão dos eventos políticos que se sucederam.

Em 1852, o federalista Rosas foi derrubado do poder da Confederação Argentina. Uma aliança do Império com os colorados do Uruguai travou guerra contra os *blancos* apoiados por Rosas. A adesão de Justo José de Urquiza, general e político da província de Entre Rios, sublevada contra Rosas, viabilizou, finalmente, a vitória. Contudo, os atritos internos da Confederação não estavam findados.

Por conseguinte, o projeto de federalização, que significava uma descentralização do poder, pretendido pela maioria das províncias argentinas não foi aceito por Buenos Aires. Esta não estava disposta a perder sua hegemonia sobre a região. Tal desacordo deu origem a dois estados independentes, quais sejam: a Confederação Argentina e o Estado de Buenos Aires. Os dois estados independentes reconheceram a emancipação política do Paraguai e permitiram a sua navegação através dos rios Prata e Paraná.

A derrota de Juan Manuel Rosas e a contínua situação de crise entre a Confederação Argentina e o Estado de Buenos Aires possibilitaram o início de negociações diplomáticas para o tráfego internacional pelo Rio da Prata. Tal liberdade era ansiada não somente por países como o Paraguai e o Brasil, como também pela Grã-Bretanha, que ampliaria suas possibilidades de comércio com a região.

Urquiza, vitorioso contra Rosas, decretou em 28 de agosto de 1852 a livre navegação pelos rios e, em 13 de outubro de 1852, permitiu o tráfego pelos rios Paraná e Uruguai de todo navio mercante de qualquer nacionalidade, bem como

de navios de guerra das nações amigas. E o Estado de Buenos Aires, logo após sancionou uma lei que reconhecia a livre navegação pelos rios e decreto que garantiam o livre acesso ao rio Paraná a embarcações de qualquer bandeira sem prejuízo de estadia e impostos.

Tal contexto não se configurava como uma situação muito estável para o Paraguai e poderia mudar a qualquer momento, tendo em vista que os Estados argentinos continuavam em crise. Além do mais, os impasses de fronteira estavam pendentes, tanto com a Argentina, quanto com o Brasil, o que deixava suspenso uma nova retaliação ou até mesmo um possível conflito.

Contudo, a abertura fluvial do Rio da Prata para a navegação internacional, de 1852, possibilitou o estabelecimento de tratados de comércio com países europeus e com isso um crescimento econômico paraguaio, que foi de acordo com Areces: "sin duda limitado, pero lucrativo, para artículos europeos" (ARECES, 2010, p. 176). Além disso, houve importação de novas tecnologias e indústrias, como a fundição de ferro, estaleiros e instalação de telégrafos, estes quase exclusivamente para uso militar e novas máquinas têxteis e equipamentos fotográficos. Mas, para a autora, o que realmente teria ocasionado mudanças na vida cotidiana foi a chegada de imigrantes europeus com seus costumes e modas que influenciaram o estilo de vida das elites.

Em 1853, Carlos López enviou o seu filho Francisco Solano López numa viagem à Europa para poder estabelecer relações diplomáticas com as nações europeias e firmar acordos comerciais, especialmente com a Grã-Bretanha. Promoveu-se, com isso, a vinda de técnicos e especialistas que ajudariam na modernização do país.

Entretanto, Areces destacou em sua reflexão que não ocorreram mudanças mais profundas na sociedade ou na estrutura piramidal do poder. Segundo a autora, as decisões continuaram centralizadas em Carlos López e acrescentou também que:

En síntesis, si bien se dieron transformaciones, ni el estado ni el sectores acomodados generaron un cambio radical. Durante la etapa de los López, el Estado fue cada vez más omnipresente, tanto en la esfera de lo público como de lo privado, aunque en esta última se dio una cierta distinción propia de los nuevos tiempos, aunque sin aflojarse demasiado los controles del aparato represivo estatal. (ARECES, 2010, p. 178)

Sem abrandar os aparatos de repressão e sem deixar de investir nas forças armadas, Carlos López procurou incorporar equipamentos mais modernos no

exército herdado do governo de França. As antigas preocupações com relação à manutenção da soberania geopolítica não estavam afastadas.

O Império brasileiro vinha pressionando, inclusive, segundo Doratioto (2002), com ameaças de guerra, para a liberação da navegação pelo rio Paraguai. Tal acesso era vital para garantir a comunicação da capital Rio de Janeiro com a província de Mato Grosso. O acordo entre o Brasil e o Paraguai para a livre navegação do Império veio com o Tratado assinado no ano de 1856. Contudo, o Paraguai, ainda assim, vinha dificultando a navegação, e novas negociações decorreram em 1858, lideradas pelo diplomata brasileiro José Maria da Silva Paranhos e, sob pressão, Assunção acabou por ceder. As dificuldades de negociação quanto à livre navegação decorriam da falta de acordo entre ambos com relação aos limites de fronteira na região de Mato Grosso, hoje Mato Grosso do Sul, conforme salientou Doratioto:

O governo imperial reivindicava a soberania do território entre os rios Branco e Apa, tendo este último como limite com o Paraguai, com base no princípio *uti possidetis*, pois havia cidadãos dispersos nessa área. O governo paraguaio, por sua vez, pleiteava o limite no rio Branco, com base no Tratado de Santo Idelfonso, de 1777, assinado entre a coroa espanhola e a portuguesa, a diplomacia imperial rejeitava esse pleito e argumentava que o Tratado de Badajoz, de 1801, firmado entre essas duas metrópoles, anulava o documento do século anterior. (DORATIOTO, 2002, p. 32)

Possivelmente se sentindo ameaçado, tanto pelo Brasil quanto pelos Estados argentinos, considerando inclusive a possibilidade de união destes, Carlos López cedeu à reivindicação de livre navegação. De acordo com Doratioto: "Os López, pai e filho estavam persuadidos de que mais cedo ou mais tarde o Brasil e a Argentina, apesar de todas as suas rivalidades, se entenderiam para fazer a guerra ao Paraguai." (DORATIOTO, 2002, p. 35)

Diante da eminência de um possível confronto, uma vez que os impasses não se restringiam à liberdade fluvial, mas também eram de natureza territorial, Doratioto (2002, p. 35) avaliou que o Paraguai teria começado a se preparar militarmente, não para a ofensiva, mas sim para uma defensiva como acreditava Paranhos, responsável pelas negociações.

Para o autor Capdevila, Carlos López temia em conceder a livre navegação ao Império, pelo rio Paraguai, pois este poderia ser um meio do governo brasileiro reforçar militarmente a província de Mato Grosso, escoando para a região materiais

bélicos. E uma vez fortalecida a província, o Império teria maiores possibilidades de se apossar das terras litigiosas e,

Don Carlos temía que la libre navegación permitiera reforzar la capacidad militar de Mato Grosso y que en su momento, esto devenga una amenaza para su país. Motivo por el cual, aunque había admitido el principio de la libre navegación sobre el río Paraguay, inició paralelamente la construcción del fuerte de Humaitá cerca de la confluencia con el Paraná. (CAPDEVILA, 2010, p. 28)

Desse modo, a construção do forte de Humaitá tinha a clara intenção de servir de defesa para um possível ataque do Império. Capdevila salientou que a questão de fronteira entre Assunção e o Rio de Janeiro era bastante séria e que “La libertad de navegación sobre los grandes ríos internacionales envenenaba las relaciones interestatales [...]” (CAPDEVILA, 2010, p. 28). De fato, as relações entre Paraguai, os Estados Argentinos e o Império do Brasil estavam abaladas. A assinatura do Tratado de Livre Navegação (1856) não significou o desfecho dos problemas, a questão dos limites foi postergada para 1862, ou seja, por um prazo de seis anos.

Enquanto isso, Rio de Janeiro e Assunção comprometiam-se a não intervir na região de litígio. A grande motivação pela disputa dessa área, para Bandeira, era a sua riqueza, a erva-mate, o que alimentava a rivalidade “[...] por trás das questões de limites e da livre navegação, era a disputa pela posse das terras de produção de erva-mate e dos mercados de consumo de suas exportações” (BANDEIRA, 2012, p. 208). A erva-mate constituía-se no principal produto de exportação do Paraguai. Com a liberação do Prata e do rio Paraná, a erva-mate paraguaia aos poucos foi tomando o mercado das províncias argentinas e concorrendo com o produto brasileiro. As divisas com as exportações contribuíram para a militarização do país e acumulação de capital. Por outro lado, o Brasil estava insatisfeito com a concorrência que se acirrava cada vez mais, chegando a uma saturação dos mercados por volta de 1862, ocasionando a queda dos preços.

Os baixos valores da erva-mate afetaram o Brasil, mas mais ainda o Paraguai, por não possuir grande diversidade de produtos de exportação. A recessão que se desencadeou a partir daquele momento afetou novamente os ânimos dos países:

A crise no comércio daquele produto coincidiu com o fim da moratória de seis anos, estabelecida pelo Tratado de 6 de abril de 1856, para a solução do litígio em torno das fronteiras, sob o qual a disputa da área mais rica dos

ervatais paraguaios' se camuflava. Era inevitável, por conseguinte, que as tensões entre o Paraguai e o Império do Brasil se reacendessem, tanto mais quanto outros acontecimentos sobrevieram, concorrendo para exacerbar, interna e externamente, as posições em todos os países da Bacia do Prata. (BANDEIRA, 2012, p. 210).

Esse cenário nada promissor do início da década de 1860 agravou-se por uma junção de diversos fatores envolvendo os países platinos. Para Doratioto (2002), o ano de 1862 foi um marco importante nas políticas internas dos países e em suas relações. Registra-se um conjunto de fatores que atingiram o Prata: além do fim da moratória dos seis anos que vinha prorrogando a definição dos limites de fronteiras entre Paraguai, Brasil e Confederação Argentina, ocorreu no Paraguai o falecimento do presidente Carlos Antonio López e a ascensão do seu filho, Francisco Solano López; na Argentina, após disputas internas, culminou na reunificação das províncias sob a liderança de Buenos Aires; e, no Brasil o Partido Liberal ganhou força e substituiu a maioria Conservadora no governo. Consta-se que no cenário político do Segundo Reinado, dois partidos disputavam o poder, buscando garantir o maior número de cadeiras no Ministério e na Câmara dos Deputados: o Partido Conservador e o Partido Liberal e que, ao longo do seu governo D. Pedro II, procurou equilibrar os interesses entre os dois partidos, contudo os conservadores estiveram mais tempo no poder em relação aos liberais, desta feita o governo seguiu, em linhas gerais, o viés conservador.

Na Argentina, as guerras civis tiveram longa duração. Desde a sua independência, forças opostas se enfrentavam: de um lado os federalistas concentrados nas províncias de Entre Rios e Corrientes, do outro as forças centralizadoras de Buenos Aires. Ao longo de suas disputas, houve a divisão e formação de dois Estados independentes, a Confederação Argentina e o Estado de Buenos Aires, em 1852, como já dito. Contudo, uma nova frente de colisão, em 1861, liderada por Bartolomé Mitre, apoiador da centralização do poder em Buenos Aires, derrotou o militar Urquiza, na Batalha de Pavón, possibilitando a reunificação das províncias argentinas sob a liderança de Buenos Aires. Tal vitória não eliminou por completo os ideais federalistas, que continuavam a assombrar os interesses das elites portenhas.

Por outro lado, o Paraguai via nas províncias rebeldes da Argentina possíveis aliadas. Entre Rios e Corrientes poderiam representar uma saída mais estável para o acesso ao mar, via porto de Montevideu, considerando que as relações entre Assunção e Buenos Aires eram bastante instáveis, tendo em vista antigas

rivalidades e o litígio territorial que carecia de resolução. Sobre tais questões, Capdevila apresentou a seguinte análise:

En contrapartida, para comerciar con el mundo, el Paraguay de los López no tenía más opción que descender el Paraná y atravesar la Confederación Argentina; las llaves de la apertura estaban entonces em Buenos Aires. De manera que, como la Argentina no había salido totalmente de las guerras civiles, Asunción se convertía en un contrapeso a la nueva capital de la Confederación, limitando su poder de atracción para los territorios periféricos del norte, Entre Ríos y Corrientes. Paralelamente, Asunción se lanzó a garantizar su acceso al mar intentando un acercamiento con otra república de los confines: el Uruguay. (CAPDEVILA, 2010, p. 29)

Entre Rios e Corrientes, no norte da Argentina, eram favoráveis à livre navegação, portanto, eram uma opção para o Paraguai garantir seu comércio internacional através do porto de Montevidéu. Desse modo, convinha uma aproximação com o Uruguai para estreitar os laços políticos entre ambos. Por conseguinte, o presidente do Uruguai, Bernardo Prudêncio Berro, buscou no Paraguai um apoio para enfrentar a sua situação de quase protetorado do Brasil.

Todavía, tais aproximações, Entre Rios e Corrientes com Paraguai e com o Uruguai, eram vistas como uma ameaça ao poder de Buenos Aires. Não era conveniente que as forças federalistas das províncias do norte tivessem algum apoio de Assunção, ou até mesmo do Uruguai. Para a historiografia atual, esta situação representou um importante foco de tensão que antecedeu a Guerra.

A relação entre a Argentina unificada e o Uruguai também não se encontrava muito amistosa. A esse respeito o autor Bethell salientou que:

A principal preocupação de Mitre era garantir que o Uruguai não voltasse, mais uma vez, a concentrar um possível foco de oposição residual federalista nas províncias, ameaçando uma Argentina unificada sob a hegemonia de Buenos Aires. (BETHELL, 1995, p. 13)

Com efeito, não havia afinidade política entre Bartolomé Mitre e o governo dos *blancos* no Uruguai. Estes se aproximavam muito mais dos federalistas do norte argentino, enquanto que Mitre tinha um histórico de aproximação com o partido colorado. Desse modo, quando os colorados liderados por Venâncio Flores sublevaram contra o governo de Berro em 1863, obtiveram o apoio de Mitre.

Destacamos que na Batalha de Pavón Mitre recebeu a ajuda de Flores, portanto houve, também, uma troca de favores.

As disputas internas uruguaias não deixaram de refletir sobre os interesses do Brasil naquela região. Durante o governo dos *blancos*, o Império do Brasil recebeu inúmeras queixas dos pecuaristas residentes na República do Uruguai. O fato é que no final de 1850 “[...] mais de 20 mil súditos brasileiros, na maioria gaúchos, juntamente com seus escravos, ali se haviam estabelecido.” (BETHELL, 1995, p. 13). E o então governo de Berro procurava limitar a hegemonia imperial em seu país. De acordo com Bethell os brasileiros “[...] possuíam, talvez, 30% da terra, incluindo algumas das melhores propriedades disponíveis, e transportavam livremente o seu gado para as charquearias no Rio Grande do Sul.” (BETHELL, 1995, p. 13).

Desse modo, algumas medidas começaram a ser adotadas pelo governo *blanco* eleito em 1860, desagradando os brasileiros, como a cobrança de imposto sobre o gado exportado a pé para a então província de São Pedro do Rio Grande do Sul; a regulamentação sobre o trabalho dos peões para dificultar o uso de escravos, pois com o trabalho escravo os gaúchos barateavam os custos de sua produção e tornavam seu produto mais competitivo; a não renovação do Tratado de Comércio e Navegação de outubro de 1851, eliminando privilégios; e o fechamento da livre navegação dos rios Cebollate, Tacuru e Olimar para o Império. Além disso,

Berro empenhou à Grã-Bretanha e à França as rendas da alfândega, já hipotecadas ao Brasil pelo Tratado de 1851, como garantia de pagamento dos prejuízos causados aos cidadãos daqueles países europeus nas guerras civis uruguaias. (DORATIOTO, 2002, p. 45)

Tais imposições limitariam os lucros dos pecuaristas residentes no Uruguai e prejudicariam as finanças do Brasil.

Desse modo, eram crescentes as queixas dos súditos de perseguições, assassinações, roubos de gado e, portanto, exigiam-se providências por parte do governo brasileiro. Doratioto citou que o deputado conservador Ferreira da Veiga, em plenário, questionava o ministro dos Negócios Estrangeiros, sobre a situação dos brasileiros residentes no Uruguai: “O deputado descrevia súditos do Império encontrados decapitados nas estradas uruguaias, com o documento de nacionalidade na boca como ultraje, ao passo que outros eram açoitados.” (DORATIOTO, 2002, p. 51).

Os problemas que o Império vinha enfrentando com o Uruguai não poderiam ser resolvidos, segundo Bandeira (2012, p. 213), sem a derrubada do partido *blanco*

do poder, responsável pelas retaliações aos brasileiros. Assim, as queixas dos súditos de perseguições, mortes e assaltos serviram de pretexto para uma ação do Império, já que as reais motivações eram de ordem política e econômica.

Em abril de 1863 as tensões entre *blancos* e *colorados*, no Uruguai, se acirraram. A tropa de Venâncio Flores, que se organizava no interior da Argentina, invadiu o Uruguai com o intuito de derrubar o partido *blanco* do poder. Essa ação mexeu com os países vizinhos. Buenos Aires, apesar de se dizer neutra, apoiava os *colorados* dentro do território argentino; para o Império brasileiro interessava a queda do governo *blanco* para solucionar seus problemas econômicos e os conflitos com os súditos gaúchos, com quem o governo imperial procurava evitar contendas tendo em vista o histórico da Revolução dos Farrapos; já o Paraguai temia a ação do Brasil e da Argentina sobre o Uruguai, pois uma possível dominação da Banda Oriental com a queda dos *blancos* significava um desequilíbrio desvantajoso para o Paraguai, especialmente quanto ao acesso ao porto.

O Império brasileiro e a Argentina atuaram nos acontecimentos do Uruguai, buscando acordos diplomáticos que pudessem findar o conflito e principalmente garantir vantagens para si. Mas, não só o Uruguai rompeu relações diplomáticas com a Argentina, tendo em vista o seu apoio aos *colorados*, como também o Brasil cada vez mais acreditava que somente uma intervenção militar poderia pôr fim ao conflito. Por outro lado, a tentativa de Solano López em se posicionar como árbitro das negociações não foi aceita pelos países vizinhos, o que o levou a tomar uma posição mais ofensiva.

Frente ao fracasso das negociações com os *blancos*, o Brasil expediu um “[...] *ultimatum* ao Uruguai, com ameaças de retaliação [...]” (BETHELL, 1995, p. 15). Por conseguinte, López interferiu, em apoio ao Uruguai, naquele momento sob o governo de Aguirre, enviando um *ultimatum* ao Brasil “[...] contra qualquer intervenção no Uruguai.” (BETHELL, 1995, p. 15). Para Capdevila (2010, p. 30), Francisco Solano López foi menos prudente que seu pai ao tentar posicionar seu país como um árbitro da região, exigindo por meio do *ultimatum* a não intervenção militar do Brasil no Uruguai.

A ação argentina e brasileira no Uruguai, em apoio aos *colorados* e em oposição aos *blancos*, era vista por Solano López como “[...] uma ameaça crescente ao equilíbrio de poderes existente no Rio da Prata, que, em sua opinião, garantia a segurança, a integridade territorial e a independência do Paraguai.” (BETHELL, 1995, p. 14). Esse fato levaria o Paraguai para uma mobilização militar aparelhando-se para uma possível guerra.

Naquele contexto de disputas de interesses, de acordo com a historiadora Lilia M. Schwarcz, era possível visualizar a formação de dois grupos distintos, "ainda informais", que possivelmente poderiam vir a se enfrentar, "De um lado, federalistas argentinos, *blancos* uruguaios e o Paraguai; de outro, Império brasileiro, o Partido Colorado e o governo argentino." (SCHWARCZ, 1998, p. 457). A autora destacou, ainda, que "[...] os federalistas argentinos, apesar de vencidos, continuavam atuando e viam, assim como o Paraguai, no porto de Montevidéu uma alternativa para o comércio exterior." (SCHWARCZ, 1998, p. 457). Essa afinidade de interesses entre ambos levou Solano López a acreditar que teria apoio, também militar, dos federalistas argentinos, no caso de um conflito armado.

Diante desse cenário, a guerra não tardou a iniciar. Para Doratioto, apesar das diferentes contradições existentes entre as nações do Prata, a guerra não era a única saída, mas parecia ser uma opção rápida para cada um dos envolvidos alcançar seus objetivos, como vemos no texto que segue:

A guerra era vista por diferentes ópticas: para Solano López era a oportunidade de colocar seu país como potência regional e ter acesso ao mar pelo porto de Montevidéu, graças a uma aliança com os *blancos* uruguaios e os federalistas argentinos, representados por Urquiza; para Bartolomé Mitre era a forma de consolidar o Estado centralizado argentino, eliminando os apoios externos aos federalistas, proporcionado pelos *blancos* e por Solano López; para os *blancos*, o apoio militar paraguaio contra argentinos e brasileiros viabilizaria impedir que seus dois vizinhos continuassem a intervir no Uruguai; para o Império, a guerra contra o Paraguai não era esperada, nem desejada, mas, iniciada, pensou-se que a vitória brasileira seria rápida e poria fim ao litígio fronteiriço entre os dois países e às ameaças à livre navegação, e permitiria depor Solano López. (DORATIOTO, 2002, p. 93 e 96)

Logo, cada qual dos envolvidos esperava que a guerra pusesse fim aos seus anseios que por longos anos foram protelados por meio de difíceis negociações. É muito provável que não se calcularam as dimensões que este conflito tomaria, tanto na questão temporal, quanto das perdas humanas e dos prejuízos materiais.

## 1.2 A guerra

Num contexto platino efervescente e sem os resultados esperados nas negociações entre o Império e os *blancos*, projetou-se o estopim para o início da Guerra. Sendo assim, quando o Brasil optou pela ação armada na República do

Uruguai, e o Paraguai imediatamente reagiu em retaliação ao Brasil, a Guerra teve seu início. Conforme salientou Capdevila “El detonante del conflicto internacional consistió en la inmediata respuesta de Asunción a la intervención militar brasilera en el Uruguay en octubre de 1864.” (CAPDEVILA, 2010, p. 30).

Logo após a invasão do Brasil no Uruguai, em apoio a Venâncio Flores, a marinha brasileira bloqueou Montevidéu. Desse modo, em doze de novembro de 1864, Solano López ordenou o aprisionamento do navio brasileiro, Marquês de Olinda, que trafegava pelo rio Paraguai rumo ao Mato Grosso, levando a bordo o novo presidente daquela província, Frederico Carneiro de Campos. Tal ato precipitou a guerra, sendo que de imediato as relações diplomáticas entre os países foram rompidas e, em treze de dezembro, o Paraguai declarou, formalmente, guerra ao Brasil.

Sucedendo a declaração de guerra, procedeu-se à ocupação paraguaia das terras litigiosas, localizadas na província de Mato Grosso. E em seguida, em apoio ao presidente Aguirre no Uruguai, López passou a negociar a passagem por Misiones, norte da Argentina, com intuito de alcançar a província de São Pedro do Rio Grande do Sul. De acordo com Capdevila (2010, pp. 30-31), López estava convencido de que o Brasil e a Argentina não se uniriam, tendo em vista a popularidade do seu regime na província de Entre Rios e junto ao caudilho Urquiza. Além disso, provavelmente esperava ter apoio das províncias argentinas descontentes em se submeter ao poder de Buenos Aires. Mas, não só a Argentina proibiu a passagem das tropas por Misiones, como também o apoio de Urquiza nunca veio.

Tendo a solicitação de sua passagem pelo norte da Argentina negada, López acabou por declarar guerra, também, à Argentina e mais tarde invadiu Corrientes, tomando o seu porto fluvial. Tais acontecimentos ocorreram entre março e abril de 1865, e neste contexto Montevidéu já havia sido dominada e os colorados, liderados por Flores, já assumiam o poder na República Uruguia.

Em resposta às sucessivas declarações de guerra e às já efetuadas ocupações por parte do Paraguai, Brasil, Argentina e Uruguai uniram-se, em primeiro de maio de 1865, para firmar uma aliança que resultou na assinatura do Tratado da Tríplice Aliança, no qual ficou firmada a união dos três países contra o Paraguai. Esse acordo explicitava que o objetivo da aliança era lutar contra o regime autoritário de Solano López; logo, não seria uma guerra contra o povo paraguaio, e sim contra seu governante.

Por conseguinte, a guerra só poderia ser considerada finda com a derrota de López. Mas, sobretudo o Tratado exprimiu os interesses das duas principais nações,

a Argentina e o Brasil, em solucionar questões que são anteriores ao conflito: delimitar definitivamente as fronteiras com o Paraguai, procurando garantir a posse das terras litigiosas e assegurar junto ao novo governo, que deveria ser constituído no Paraguai, a livre navegação dos rios Paraná e Paraguai.

Apesar de no Tratado os Aliados terem se disposto a uma guerra contra o governante Solano López, entende-se que tal movimento não seria possível sem que a nação paraguaia também fosse afetada, como o foi de diversas formas: envolvendo-se no conflito armado, sofrendo as penúrias com a falta de alimentos, sendo acometida pelas doenças e, finalmente, tendo sua população e seu território reduzido.

Desde o início do conflito, existiram grandes disparidades entre as nações envolvidas, sendo que a historiografia atual aponta que o Brasil era demograficamente muito superior ao Paraguai, do mesmo modo suas exportações e arrecadações eram mais elevadas. Somando-se o potencial do Brasil mais as capacidades do Uruguai e da Argentina, formou-se uma coalizão muito difícil de ser derrotada por um único país, principalmente com as características que marcavam a nação paraguaia.

De acordo com os números apresentados por Bethell (1995) e Doratioto (2002), na década de 1860 o Brasil contava com uma população aproximada de 10 milhões de habitantes, a Argentina com um pouco mais de 1,5 milhões, o Uruguai entre 250 e 300 mil e o Paraguai com algo em torno de 400 mil habitantes. Por conseguinte, apesar de no início do conflito o Paraguai estar melhor aparelhado com efetivos do exército, em torno de 77 mil soldados, o Brasil, com 18 mil soldados, pôde ampliar esse número tendo em vista a sua superioridade populacional, somando-se, ainda, aos efetivos da Argentina e do Uruguai. -

Ademais, economicamente havia uma vantagem muito grande dos aliados sobre o Paraguai. O comércio exterior do Brasil, por exemplo, girava em torno de 23,7 milhões de libras esterlinas, enquanto que a arrecadação de impostos em torno de 4,3 milhões em comparação com o Paraguai, este tinha arrecadação com comércio exterior em torno de 560 mil libras esterlinas e de impostos em torno de 314 mil libras esterlinas. Tais números, baseados na tabela apresentada por Doratioto (2002, p. 91), nos indicaram que as disparidades existentes pendiam desfavoravelmente para o Paraguai. Além disso, a possibilidade de realizar empréstimos e de adquirir materiais bélicos da Europa era mais favorável aos aliados.

Doratioto (2002, p. 97) apontou, ainda, que Solano López, confiando nas forças que possuía, esperava realizar uma "guerra-relâmpago", sem dar muito tempo ao inimigo, com isso a vitória seria certa e um "novo equilíbrio de poder" se formaria no

Prata. Mas os planos não desenrolaram conforme o planejado: o fator surpresa não foi bem aproveitado, o apoio que era conjecturado não aconteceu e os *blancos* foram derrotados antes mesmo de poderem se unir a López. Para este autor:

A falta de adesão de correntinos e entrerrianos a Solano López foi o primeiro e importante fator para inviabilizar seu plano na campanha no Prata. O líder paraguaio esperava que suas tropas em Corrientes fossem reforçadas pelas milícias de Entre Rios e Corrientes, com o general Urquiza colocando-se do lado paraguaio. (DORATIOTO, 2002, p. 135)

Contrariando as expectativas de López, as províncias do norte argentino mantiveram a neutralidade, prevalecendo o posicionamento de Buenos Aires. O Paraguai se viu sozinho na sua ação bélica contra o Brasil, contudo deu continuidade aos planos de apoio ao Uruguai, via Argentina e província de São Pedro do Rio Grande do Sul.

Os aliados rapidamente tomaram iniciativas para fazer frente às investidas do Paraguai, que de maio a junho já havia alcançado São Borja, na província de São Pedro do Rio Grande do Sul. Para Schwarcz (1998, p. 465), o ufanismo patriótico foi bastante marcante nos primeiros anos da Guerra e contribuiu para a mobilização de homens a fim de engrossar o exército brasileiro. Desse modo, em 1866 o número de soldados já havia subido para 67.365, em 1867 para 71.039 e em 1869 para 82.271 homens. De acordo com a autora:

O exército imperial ganhava corpo rapidamente a partir de poucas convocações compulsórias e do alistamento de voluntários, que foi mais evidente durante o primeiro ano da guerra, quando a participação no evento era considerada um grande ato de patriotismo, uma verdadeira “cruzada patriótica”. (SCHWARCZ, 1998, p. 465)

Para conquistar os voluntários, o próprio imperador serviu de inspiração posando para fotografia e pinturas com seu traje militar. A pesquisadora pontuou que no ano de 1865 “[...] ninguém se identificava tanto com a guerra como o imperador, que acumulava, até aí, pontos em sua popularidade” (SCHWARCZ, 1998, p. 467). Entretanto, os anos foram transcorrendo e o curso da guerra já não era tão inspirador nos anos seguintes.

A fim de compreender melhor o desenrolar da Guerra, considerando os diferentes momentos e sua longa duração, optou-se pela divisão temporal proposta por Capdevila (2010) que divide a Guerra em três fases ou períodos.

### 1.2.1 Primeira fase

A primeira fase compreendeu de dezembro de 1864 a outubro de 1865. Foi o período da ofensiva paraguaia. O Paraguai ocupou as províncias de Mato Grosso, de Corrientes e de São Pedro do Rio Grande do Sul. Nessa última, conseguiu conquistar Uruguaiana. Apesar dos importantes feitos bélicos das tropas paraguaias, os aliados obtiveram vitória na Batalha do Riachuelo e efetuaram um bloqueio ao Paraguai.

Em fins de 1865, as tropas de Solano López na província de São Pedro do Rio Grande do Sul foram expulsas, permanecendo, ainda, a ocupação em Mato Grosso. Capdevila apontou que houve grandes prejuízos para López, já nessa primeira fase: "En menos de un año el Paraguay perdió lo esencial de su flota y su tropa más aguerrida. El Paraguay vivía atrincherado" (CAPDEVILA, 2010, p. 32). Os enfrentamentos na província sul-riograndense foram bastante custosos para o Paraguai, mas foi na derrota do Riachuelo que este perdeu parte substancial de sua frota.

Mapa 1 - Ocupação paraguaia



Fonte: DORATIOTO (2002, p. 94).

## 1.2.2 Segunda fase

A segunda fase compreendeu os meses de outubro de 1865 a julho de 1868. Essa fase foi caracterizada pela invasão do Paraguai pelos aliados. Para Capdevila (2010, p. 32), correspondeu a uma guerra de posição. Embora se sucedessem muitos combates em Mato Grosso, a maior parte do conflito se concentrou na zona de confluência do Rio Paraguai e o Rio Paraná. A fortificação de Humaitá e as forças de López impediram a passagem dos aliados rio acima.

Esse momento também se caracterizou pela forte resistência de López frente à invasão aliada no Paraguai, fazendo o conflito se prolongar por mais tempo do que o esperado inicialmente. Além disso, uma das piores derrotas aliadas aconteceu no ano de 1866 na Batalha de Curupaiti, após as tentativas de negociação de paz entre Mitre e López, em Yatayti-Corá, falharem. Essas circunstâncias fizeram com que a inicial empolgação dos aliados começasse a se desvanecer e o apoio ao Império diminuir. Para Schwarcz "[...] nesse momento a guerra deixa de ser uma unanimidade para se tornar cada vez mais impopular." (SCHWARCZ, 1998, p. 468), e esta situação de impopularidade do conflito implicou queda nos alistamentos de Voluntários da Pátria, obrigando o governo a intensificar medidas de recrutamento obrigatório.

A impopularidade da Guerra e as disputas políticas internas afetaram a participação da Argentina e do Uruguai no conflito. Na Argentina, no final de 1866, ocorreu o levante, conhecido como Montonero, contra Mitre e a participação argentina na Guerra. Devido a estas sublevações provinciais, de inspiração federalista, em janeiro de 1868 Mitre decidiu se ausentar da Guerra, juntamente com sua tropa, retornando a Buenos Aires. Em fevereiro, ainda no ano de 1868, outra rebelião, desta vez no Uruguai e liderada pelo ex-presidente Berro, resultou no assassinato de Venâncio Flores. Neste mesmo dia, os aliados de Flores prenderam e assassinaram Berro. Estes eventos comprometeram o apoio argentino e uruguaio ao Império e resultaram na substituição do comando. Com a saída de Mitre, a chefia das operações bélicas foi transmitida à época para o então marechal Luís Alves de Lima e Silva, depois elevado Duque Caxias como ficou conhecido na história oficial brasileira até os dias atuais.

O prolongamento da guerra desgastou todos os países envolvidos, mas o Paraguai enfrentou as piores condições por ser palco de várias batalhas. Além disso, o bloqueio dos aliados prejudicou o acesso não só a materiais bélicos, mas também a toda espécie de provimentos. Por outro lado, o Brasil vinha comprometendo suas finanças com os investimentos na Guerra, necessitando recorrer a

empréstimos estrangeiros. A continuidade da Guerra era questionada, tendo em vista que o inimigo parecia cada vez mais enfraquecido. Contudo, o Império estava intransigente quanto ao cumprimento do Tratado no que se referia à captura e derrota do presidente Solano López.

### 1.2.3 Terceira fase

Capdevila (2010, pp. 32-33) considerou a terceira e última fase a partir de julho de 1868, iniciada com a tomada de Humaitá, a partir da qual teriam ocorrido mudanças na configuração do conflito, tornando-se uma Guerra de trincheiras com guerrilhas esporádicas. Esse período foi marcado pela retirada de Francisco Solano López com seu exército e parte do seu povo. Os aliados conquistaram a capital Assunção e López continuou sua retirada em direção à cordilheira central.

A chegada dos aliados a Assunção, em início de janeiro de 1869, foi interpretada por muitos, naquele momento, como o desfecho do conflito. Caxias, o então comandante, defendia o fim da Guerra desde a tomada de Humaitá. Mas essa não era a ordem do governo do Império. Assim, Caxias, alegando problemas de saúde, se retirou das operações e retornou ao Rio de Janeiro. O governo imperial se preocupou em substituí-lo e enviou, para dar cabo do conflito, Gastão de Orléans, o conde d'Eu, marido da princesa Isabel, portanto genro do imperador. Quanto à nomeação do conde Schwarcz observou:

Agora conde D'Eu se achava a frente de um exército de 26 mil homens, cansados e loucos para desertar. Aí estava uma tarefa inglória: o príncipe-consorte se transformava numa espécie de capitão do mato, atrás de López. (SCHWARCZ, 1998, p. 475)

Este, certamente, não foi o melhor momento para se assumir a Guerra. Em abril de 1869, o desânimo era generalizado, as perseguições longas e penosas, sofria-se inclusive com a falta de mantimentos. E a Guerra não teria fim até a captura do presidente paraguaio, que seguia em fuga pelo interior, região que em grande parte era desconhecida pelos aliados.

Sob o comando de conde d'Eu, os avanços militares continuaram até a conquista de Peribeubuí, a capital provisória fundada por López para substituir Assunção, dominada pelos aliados. Prosseguindo as operações, sucedeu-se, em dezesseis de agosto de 1869, a Batalha de Campo Grande ou Acosta Ñu. O autor Bethell (1995, p. 20) a destacou como a última grande batalha. Nesta ocorreu a derrota e o

massacre das tropas paraguaias, mas Solano López conseguiu escapar e continuou retirando-se para o norte.

Ao longo de um ano, as tropas aliadas perseguiram López e seu pequeno exército que migrava para a cordilheira, por meio da floresta, em condições dramáticas. Capdevila se reporta para aquele momento afirmando que: “Las fuerzas brasileras continuaron combatiendo al ejército de López o lo que de él restaba. El mismo estaba compuesto principalmente por niños soldados.” (CAPDEVILA, 2010, p. 33). Naqueles últimos momentos, quando as guerrilhas se fizeram mais presentes, não raro as tropas de Solano López eram compostas por meninos com pouco mais de dez anos de idade, o que revela a devastação causada pelos longos anos de guerra.

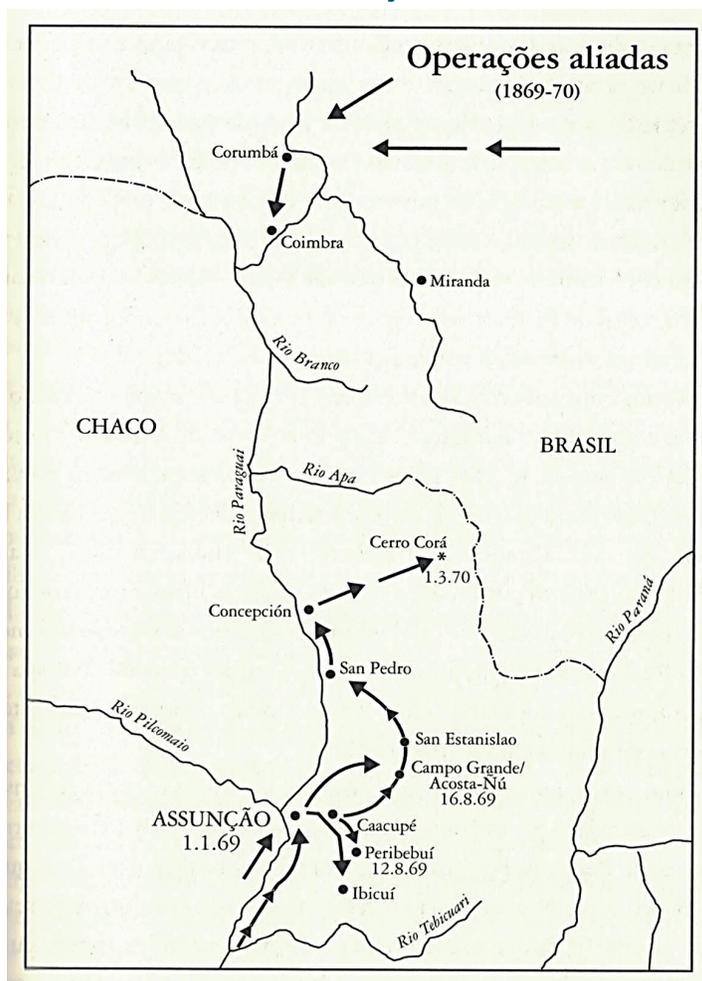
Mas, na percepção do governo imperial, a paz para o Brasil somente poderia ser alcançada com a derrota e expulsão de Solano López, conforme salientou o autor Doratioto:

Sua derrubada apresentava-se ao Império como pré-requisito à paz, por ser o líder paraguaio o “guarda-costas” dos federalistas argentinos e dos *blancos* em Montevideú; sua deposição era uma questão de “segurança” para o governo imperial. (DORATIOTO, 2002, p. 161)

Esse posicionamento obstinado de D. Pedro II em findar a ação somente com a derrubada do presidente López fez com que o imperador fosse responsabilizado pela continuidade da Guerra. De modo geral, já não se via mais sentido em continuar o conflito quando o maior forte já havia sido derrubado, o forte de Humaitá, a capital já se encontrava dominada, e um governo provisório, orientado pelos aliados, já estava estabelecido.

Todavia, as incursões teriam fim somente em 1º de março de 1870. As tropas aliadas alcançaram Solano López, a sua família e seus homens. Em meio à resistência, López foi atingido e morto, as margens do rio Aquidabã, em Cerro Corá, fronteira com o Brasil; o mesmo se sucedeu com um de seus filhos. A Guerra chegou ao desfecho, mas se iniciava um longo e difícil processo de negociações de paz entre os países aliados, especialmente a Argentina e o Brasil, que buscaram anexar os territórios litigiosos.

## Mapa 2 - Operações aliadas



Fonte: DORATIOTO (2002, p. 397).

Os longos anos de envolvimento na Guerra do Paraguai trouxeram consequências, em grande medida, devastadoras para a maioria dos envolvidos, mesmo que em diferentes proporções. Nesse sentido, é provável que poucos duvidem de que o Paraguai foi a nação mais afetada. Capdevila afirmou que "El país fue pulverizado. Se le amputó el 40% de su territorio y había perdido alrededor del 60% de sus habitantes. Su población masculina adulta estaba destruida, su economía: devastada" (CAPDEVILA, 2010, p. 33). Boa parte dos territórios litigiosos foi tomada pelo

Brasil e a Argentina, em torno de 40% do total. Contudo, os números de mortos é bastante controverso; Bethell (1995, p. 21) apontou para um número bem menor do que aquele sugerido por Capdevila, o autor assinalou algo em torno de 50 a 80 mil mortos, ou seja, de 15% a 20%, mas não negou em seus escritos que as bases de produção e de infraestrutura foram destruídas.

O Uruguai foi o país que menos sentiu os reflexos da Guerra, este participou com contingentes inferiores ao dos demais envolvidos. Esta nação foi muito mais afetada pelos seus problemas internos. Doratioto (2002, p. 462) sugeriu que dos 5.583 homens uruguaios que iniciaram a Guerra 3.120 morreram ao longo do conflito.

No que tange à Argentina, Bethell (1995, p. 21) apresentou os números estimados de 18 mil mortos em batalha, 5 mil mortos em distúrbios interiores e 12 mil mortos na epidemia do cólera. Mas, para esse país houve também um saldo positivo com as anexações dos territórios das Misiones e Chaco Central. Além disso, a Guerra teria "[...] contribuído positivamente para a consolidação nacional." (BETHELL, 1995, p. 21), as províncias mantiveram-se unidas e "Buenos Aires foi aceita como a capital inquestionável de uma República Argentina unida." (BETHELL, 1995, p. 21). Nesse sentido, o autor avaliou que a Guerra teve seu aspecto positivo no que tange à estabilização política da nação argentina.

O Brasil viveu os dois extremos, foi o país com o mais elevado custo de guerra, mas foi também o mais beneficiado. Doratioto registrou que o Império perdeu aproximadamente 50 mil combatentes e herdou mil inválidos. Já os gastos teriam sido de 614 mil contos de réis, "O conflito custou, pois, ao Brasil, quase onze anos de orçamento público anual, em valores de pré-guerra [...]" (DORATIOTO, 2002, p. 462). O alto custo da contenda repercutiu de forma bastante negativa sobre o governo imperial, implicando novas dívidas e perda de popularidade.

Por outro lado, o Império anexou todo o território em litígio com o Paraguai, a região entre o Rio Apa e o Rio Branco. Além disso, segundo Bethell a

[...] Guerra também estimulou a indústria brasileira – sem chegar a mencionar as fábricas de produtos têxteis (para uniformes do exército) e o arsenal do Rio – e de alguma maneira modernizou a infra-estrutura do país. (BETHELL, 1995, p. 22)

Mas, além da modernização e aumento da produção têxtil, o autor sinalizou, ainda, para as mudanças na ordem social e política. Algumas discussões ganharam pauta e aos poucos foram se concretizando, como a emancipação dos escravos, a

reforma política do país e o surgimento do Partido Republicano. Sem contar com o incremento do exército que se tornou “[...] moderno e profissional, interessado em desempenhar um papel político” (BETHELL, 1995, p. 22). Daí a relação da Guerra do Paraguai com o golpe que instaurou a República no Brasil.

Enfim, os traumáticos resultados nos diferentes âmbitos (social, político, econômico e até mesmo cultural) foram mais incisivos para a nação paraguaia. Areces, em seu estudo, ressaltou que foi grande o envolvimento da sociedade na Guerra e que

Durante el desarrollo de la guerra, los paraguayos defendieron palmo a palmo el territorio, contribuyendo toda la población, tanto pudientes como los que no lo eran, con el costo de la guerra, aportes que constan en voluminosos legajos del Archivo Nacional de Asunción. (ARECES, 2010, p. 188)

O envolvimento de grande parte da população no conflito e o fato deste ter ocorrido, na maioria, em território guarani, ocasionou uma destruição à nação, que dificilmente seria tão cedo recuperada. Areces (2010, p. 193) mencionou ainda perdas humanas de aproximadamente 300 mil pessoas, número bastante elevado, a maioria homens mortos em combate. Os demais perderam suas vidas por ocasião de crimes ou por penúrias e enfermidades, uma vez que a produção de alimentos ficou comprometida com a Guerra, especialmente pela falta de mão-de-obra masculina, acrescentou a autora.

Além disso, a autora ressaltou que a Guerra também provocou notórias perdas do patrimônio cultural relacionado à destruição de arquivos do Estado e bibliotecas, de lugares de memória coletiva, como monumentos e símbolos nacionais e proibição para o uso do idioma guarani.

Concluimos, portanto, com Capdevila, que em seu estudo defendeu a tese de ter ocorrido com o Paraguai uma “guerra total”:

Los aliados no conocieron la misma guerra que los paraguayos. Del lado paraguayo esta guerra fue vivida como guerra total. Del lado de la Alianza, el nivel de implicancia de la población varió considerablemente según las regiones. (CAPDEVILA, 2010, pp. 31-32)

A Guerra não foi a mesma para cada um dos envolvidos, visto que as consequências foram variadas, mas no Paraguai foi vivida com mais intensidade, mobilizando quase todo seu povo, por isso, para a nomeação de uma “guerra total”.

## Capítulo 2

---

# A guerra chega ao Mato Grosso

A província do Mato Grosso à época da Guerra do Paraguai constituía-se em um vasto território que incluía os atuais estados do Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Rondônia. Na segunda metade do século XIX, a província já possuía vários pontos de ocupação por parte dos colonizadores portugueses e seus descendentes, contudo, algumas áreas, como a parte sul, ainda eram de colonização recente. A sua população, tendo em vista a dimensão territorial da província, não era muito expressiva. Thomas Whigham (2010, v. 1, p. 210) afirmou que Mato Grosso era habitado por uma pequena população de menos de sessenta e cinco mil habitantes, dos quais vinte e quatro mil eram indígenas e seis mil eram escravos.

De outra parte, a delimitação da fronteira da província com o país vizinho, o Paraguai, ainda carecia de uma demarcação definitiva. Tal circunstância se arrastava há longos anos sem que os países interessados chegassem a um acordo a respeito das terras compreendidas entre o rio Apa e o rio Branco, localizadas no atual Mato Grosso do Sul. Por fim, sabe-se que os governos do Brasil e do Paraguai estabeleceram uma moratória para a resolução permanente sobre as fronteiras, vencida em 1862. O prazo se expirou sem que houvesse um acordo de ambas as partes.

Desse modo, iniciada a Guerra, após a intervenção do Brasil no Uruguai, o Paraguai tomou a medida de ocupar as terras litigiosas do Mato Grosso. Tal iniciativa do governo López é atualmente ensejo de questionamento por parte dos/as pesquisadores/as, a fim de se entenderem os motivos que o teriam levado numa campanha ao norte quando os partidários *blancos* esperavam sua ajuda ao sul.

Algumas explicações foram tecidas a esse respeito e uma delas é a de que López, sabedor de que na província existia um bom arsenal bélico estocado e uma criação de milhares de cabeças de gado, teria planejado um ataque rápido para obter tais recursos e utilizá-los na campanha militar no Uruguai. Esse eixo explicativo, defendido por Whigham (2010), Maestri (2015) e Jardim (2015), supunha, portanto,

que tal ação deveria durar poucas semanas para que o presidente paraguaio pudesse redirecionar as tropas para a Banda Oriental.

Os autores Jorge Thompson e Juan Crisóstomo Centurión, contemporâneos à Guerra, que lutaram ao lado de Solano López, em suas memórias e reminiscências sobre a Guerra, fizeram referência à grande quantidade de armamentos apreendidos na campanha do Mato Grosso e que foram utilizados em todo o transcorrer do conflito, conforme se lê nos trechos que seguem:

Tales fueron las cantidades de armas y pólvoras que trajeron los paraguayos de los depósitos de Matto Grosso, que el Paraguay no tuvo necesidad de proveerse de otra parte para sostener la guerra durante el tiempo que duró. (CENTURIÓN, 2005, t. 1, p. 170)

Se mandó inmediatamente a la Asunción una primera remesa de cañones de todo calibre (desde 4 a 32) donde fueron montados con toda actividad, construyendo al mismo tempo los correspondientes armones de munición. Cincuenta carpinteros trabajaban día y noche en esta obra.

[...]

En una sola aldea de las tomadas, se encontraron cuatro cañones, quinientos fusiles, sesenta y siete carabinas, ciento treinta y una pistolas, cuatrocientos sesenta y ocho sables, mil noventa lanzas y nueve mil cuatrocientos cuarenta y siete balas de cañón. (THOMPSON, 1910, t. 1, p.41)

Estas informações a respeito do interesse do Paraguai nos materiais bélicos do Império, armazenados no Mato Grosso, e das consideráveis quantidades de armas e munições que foram capturadas e transportadas para Assunção, em parte contribuíram para levantar a tese de que López empreendeu o ataque ao Mato Grosso em busca desse arsenal.

Por outro lado, há de se considerar, ainda, o interesse paraguaio em assegurar as terras litigiosas das quais, aos poucos, o Brasil vinha se apossando. Para Whigham, ocupar essa área poderia garantir ao Paraguai a posse definitiva e evitaria que o Brasil a fortificasse via rio Paraguai, em suas palavras: "Estaba también la larga disputa territorial con el Brasil. Un golpe audaz contra el norte podía asegurar la frontera, dado que los brasileños no podrían reforzar Mato Grosso en forma oportuna, salvo a través el río Paraguay." (WHIGHAM, 2010, v. 1, p. 209).

Centurión (2005, t. 1, p. 158) foi defensor da posse das terras pelo Paraguai. Para este fiel coronel de Solano López, era possível ver nos semblantes dos cidadãos e dos soldados a satisfação e a confiança na expedição ao Mato Grosso,

pois seu êxito corrigiria o erro que permitiu, no passado, que os portugueses se estabelecessem nas ricas terras da província, que eram de legitimidade espanhola desde a conquista da América.

Desse modo, a campanha militar paraguaia à província mato-grossense pode ter tido várias razões, quais sejam: a busca por armas e munição, o provimento de subsistência para as tropas, no que se refere à apreensão do gado e garantir a posse da área litigiosa. Ao que Whigham (2010, v. 1, p. 209) acrescentou ter sido também uma ação estratégica, uma vez que evitaria, no caso de um confronto total com o Brasil, que este direcionasse tropas pelo interior para o Mato Grosso e atacasse o Paraguai pelo norte, obrigando ao exército de López lutar em duas frentes.

Em fins de 1864, de acordo com o autor Whigham (2010, v. 1, p. 210), a província dispunha de 4 mil homens armados, mas que na prática eram menos de um terço, pois muitos estavam deslocados mais ao norte, através do rio Cuiabá e em geral não possuíam treinamento e atuavam de forma isolada e não em tropas. O pequeno Forte de Coimbra era a única importante defesa, já que os núcleos militares de Dourados, Nioaque e Miranda funcionavam bem como postos de observação, mas sem potencial em caso de ataque.

Nesta senda, Mato Grosso não estava capacitado para o enfrentamento militar e não esperava que ele fosse acontecer. Contudo, Maestri chamou a atenção para o arsenal bélico que existia na província, inferindo que o Império vinha se preparando para um confronto. O autor salientou que se tinha a informação sobre uma movimentação de tropas em Concepción, no Paraguai, e que isto fez com que o governo imperial provesse armamentos e munição para a defesa de Mato Grosso. Além disso, considerou que: "As tropas provinciais não eram poucas e esperava-se a invasão." (MAESTRI, 2015, p. 107), haja vista que eram compostas por:

[...] 170 oficiais e uns 5.700 praças, 4.600 no serviço ativo e 1.100 na reserva. A tropa de primeira linha era de 1.415 soldados. Portanto, mais de seis mil soldados! [...] 150 marinheiros e aprendizes, possuía seis vapores - Anhambay, Paraná, Jaurú, Corumbá, Alpha, Paraná - e o lanchão Constituição. Pequenos barcos podiam ser artilhados. (MAESTRI, 2015, p. 108)

Para o autor Maestri, não havia desconhecimento e nem falta de precaução por parte do Império com relação a um possível avanço paraguaio, para este o que explica o não enfrentamento e a consequente falta de defesa do território foi o "caráter" da população, como se pode verificar no seguinte texto:

[...] o Mato Grosso possuía população reduzida e social e culturalmente *ec-lética*, sob grande tensão social e étnica. *Comunidade* pouco apta e disposta à defesa do território. Quando pudera, mato-grossenses perderam-se nos matos para não responder ao chamado às armas. Fugiam para proteger a vida, o maior bem que possuíam, despreocupados com territórios que mais comumente não lhes pertenciam. (MAESTRI, 2015, p. 108)

Portanto, na perspectiva de Maestri, a província ficou vulnerável à ocupação das tropas de López por uma questão social e cultural da população que a habitava. Indígenas, cativos e mesmo os próprios colonos, de acordo com esta argumentação, não possuíam motivos óbvios para se dispôr ao confronto armado, preferiram fugir e salvaguardar suas vidas.

Por outro lado, os escritos de Centurión (2005, t. 1, pp. 159-160) e Thompson (1910, t. 1, p. 40) relatam que os soldados de López encontraram os vilarejos do Mato Grosso despovoados, porque as populações locais haviam evacuado a área por orientação do próprio governo Imperial. Este teria prevenido os habitantes com dois meses de antecedência, diante da previsão de um avanço de tropas paraguaias.

Diante dos posicionamentos diversos, atenta-se à perspectiva de que a província, por mais que estivesse equipada com material bélico, não dispunha de um contingente militarmente preparado e numericamente suficiente para um confronto armado e sem este, diante do perigo eminente, a população "bateu em retirada" incluindo os oficiais.

Para o autor Doratioto (2002, p. 98), o território mato-grossense era o mais vulnerável do Império. Em sua análise, constatou que foram feitas alertas pelo ministro da Guerra quanto a necessidade de conservar uma força do Exército na então província de Mato Grosso, todavia essa ação preventiva não chegou a se concretizar. Na perspectiva desse autor houve negligência militar por parte dos gabinetes de governo na medida em que foi enviada "grande quantidade de armas e munições e outros artigos bélicos, sem destinar a tropa necessária para utilizá-las" (DORATIOTO, 2002, p. 98). Portanto, havia armamento, mas não homens preparados para manuseá-los.

Doratioto (2002, p. 98) aferiu que os efetivos do Exército eram de apenas 875 soldados e os homens da Guarda Nacional inferiores a 3 mil, número insuficiente para agir em caso de ataque. Além disso, estes poucos soldados encontravam-se dispersos por cinco distritos militares. Portanto, o autor avaliou que: "Nesse

contexto, a única e precária defesa de que dispunha o Mato Grosso, em caso de ataque paraguaio, era o forte de Coimbra, construído na época colonial [...]” (DORATIOTO, 2002, p. 99). Enquanto que o Paraguai estaria bem preparado, já que possuía muitas informações sobre a região, obtidas nos anos anteriores à Guerra, por meio da espionagem.

Segundo Doratioto (2002, p. 99) em 1862 o tenente André Herreras, da Marinha paraguaia, chegou a Corumbá e dali se dirigiu ao porto de Dourados, numa visita supostamente investigativa; já em 1863 foi a vez do coronel Francisco Isidoro Resquín, que - disfarçado de fazendeiro - teria mapeado as localidades de Miranda e Nioaque; sem contar com os dados obtidos, em 1864, por meio do desertor do forte de Coimbra, José Antônio Acosta. Em fins de 1864, os referidos militares, munidos das informações quanto ao poderio bélico, a paisagem natural e os habitantes locais, retornariam liderando a ocupação da província.

## 2.1 A incursão paraguaia no Mato Grosso

Em 12 de dezembro de 1864, Solano López designou seus comandantes para a expedição de Mato Grosso. O comando geral ficou sob responsabilidade do General, então coronel, Don Vicente Barrios, que era cunhado do presidente López. Dois dias depois, a frota naval partiu de Assunção pelo rio Paraguai: “El embarque comenzó el 14 de diciembre con la citación de tres mil soldados a bordo de cinco vapores y tres barcasas en Asunción” (WHIGHAM, 2010, v. 1, p. 215)

De acordo com Whigham (2010, v. 1, p. 217), em 16 de dezembro a esquadra fez parada em Concepción, interior do Paraguai, até neste ponto havia-se percorrido um pouco mais da metade do caminho até a fronteira com o Brasil. O pequeno porto foi o lugar de encontro de Barrios com a tropa terrestre do General Francisco Isidoro Resquín, este o aguardava com cerca de três a cinco mil soldados, a maioria da cavalaria, para juntar-se a campanha. Dois dias depois, as duas expedições saíram: uma terrestre e a outra fluvial, em direção ao Mato Grosso.

A esquadra de Barrios, denominada de División Expedicionaria del Norte, tinha o objetivo de alcançar o Forte de Coimbra e avançar sobre Albuquerque e Corumbá. Enquanto que a guarnição de Resquín, denominada de Coluna de Operación sobre a vila de Miranda e o rio Mbotetey (Miranda), se lançou na conquista dos vilarejos da parte sul Nioaque, Dourados, Miranda.

### Mapa 3 - Primeiros Movimentos do Exército Paraguai



Fonte: GUIMARÃES, Acyr Vaz. *apud* DORATIOTO (2002, p. 95).

Na noite do dia 26 de dezembro, Barrios e seus homens chegaram ao Forte e, sem que sua presença fosse notada, os soldados se colocaram a postos, como explicou Centurión:

[...] navegando día y noche, es decir el 26 de Diciembre de 1864 a las 9 de la noche, fondeó la escuadrilla una legua más abajo de Coímbra, desembarcando allí las tropas y la artillería. Esta fue colocada sobre una colina a la otra banda del río frente a Coímbra; las chatas y cañoneras tomaron posición para bombardear la fortaleza, y los cuerpos de infantería y zapadores listos para llevar en seguida el ataque. (CENTURIÓN, 2005, t. 1, p. 161)

Assim, conforme os escritos de Centurión (2005, t. 1, pp. 161-162), na manhã do dia 27 de dezembro, quando os preparativos para o bombardeio já estavam concluídos, um barco com bandeira branca se aproximou do Forte, era um oficial de Barrios com uma mensagem para Porto Carrero, então chefe da guarnição de Coimbra. Na nota, Barrios informou que, a mando de seu governo, veio tomar posse do Forte e como prova de humanidade e moderação convidava o seu comandante a render-se no prazo de uma hora, não o fazendo tomariam o local a força. Porto Carrero respondeu-lhe que seguia ordens e regulamentos do Exército Brasileiro e somente por ordem Superior poderia responder a ele, portanto estava enviando uma cópia da mensagem recebida aos seus superiores.

A esquadra de Barrios, no entanto, ao receber a resposta do comandante brasileiro, abriu fogo contra o Forte. Os homens de Porto Carrero se puseram a postos e responderam ao ataque. A guarnição que defendia o Forte de Coimbra, segundo Whigham, constituía-se de

[...] 115 hombres de artillería, sin contar cuarenta varones indios, civiles y convictos, y siete mujeres dependientes. Además de la guarnición del ejército, dos buques navales, el de construcción británica *Anhambái* y el más pequeño vapor *Jaurú*, estaban anclados en las inmediaciones. (WHIGHAM, 2010, v. 1, p. 217)

O fogo perdurou ao longo do dia e somente findou ao anoitecer, quando a pouca visibilidade não favorecia continuar.

O clima entre os paraguaios, após o primeiro dia de combate, de acordo com Whigham (2010, v. 1, pp. 218-219), era de muito otimismo e sua moral estava alta. A bordo de sua embarcação, o comandante Barrios brindava à glória de López. Calculava-se que seu inimigo tinha sido posto numa condição insustentável.

Na manhã do dia 28 de dezembro, no entanto, observaram que, após o ataque dos canhões ao Forte, este continuava em pé sem grandes sinais do atentado do dia anterior. Conforme os apontamentos de Whigham (2010, v. 1, p. 219) e Thompson (1910, t. 1, p. 37), Barrios, então, organizou uma frente de ataque terrestre, contudo, sem grande sucesso: o terreno era irregular e protegido por cactos espinhosos; o calor do meio dia causou princípio de insolação em muitos homens; os tiros dos soldados brasileiros foram constantes. Além disso, a ocupação do Forte não foi efetivada devido às dificuldades em escalar as altas muralhas. Ao que Thompson explicou:

A pesar de sufrir un terrible fuego de metralla y de fusilería, llegaron hasta las murallas; pero no pudieron treparlas porque carecían de escaleras; sin embargo siete hombres lo consiguieron y penetraron en la fortaleza, algunos fueron inmediatamente muertos y los demás se retiraron. (THOMPSON, 1910, t. 1, p. 37)

Ao final daquele dia houve um saldo considerável de baixas e feridos paraguaios. Whigham (2010, v. 1, p. 219) sinalizou 164 feridos e 42 mortos, enquanto que no Forte não teriam ocorrido baixas entre os brasileiros. Apesar desse resultado, aparentemente positivo para o Império, Whigham (2010, v. 1, p. 220) afirmou que a situação era desesperadora para Porto Carrero, pois se havia gasto mais de três quartos das rodadas de munição para os rifles, sendo necessário às mulheres trabalhar na fabricação de mais provisões, usando pesadas pedras para moldar balas de 17 milímetros.

Desse modo, ao despontar do terceiro dia, os homens de Barrios encontraram o Forte evacuado. O comandante brasileiro, seus oficiais e civis locais haviam se retirado durante a noite nos navios Anhambay e Jaurú em direção a Cuiabá.

Para Maestri (2015, p. 112), esta foi uma "deserção ingloria", pois não houve uma grande resistência dos brasileiros. Justificava-se a retirada pela falta de munição e pelo cansaço das mulheres que teriam trabalhado exaustivamente forjando munição. Entretanto, segundo o autor, abandonaram-se no local: "[...] dez canhões, cento e vinte quilos de pólvora, uns oitenta mil cartuchos de fuzil!" (MAESTRI, 2015, pp. 112-113).

Tanto Centurión (2005, t. 1, p. 164) quanto Thompson (1910, t. 1, p. 38) fizeram suas observações a respeito desse fato e avaliaram que os brasileiros deveriam ter resistido, uma vez que tinham a disposição dois navios de guerra e, não estando a comunicação com a região norte cortada, havia a possibilidade de abastecimento de víveres. Ademais, dispunham de munição no interior do Forte. Centurión,

mais crítico, denominou a retirada dos brasileiros de “fuga vergonhosa”, quando poderiam ter tido um desfecho mais honroso.

A decisão de Porto Carrero suscitou e ainda suscita críticas, contudo foi uma importante vitória paraguaia e em todo o seu país soldados e população celebraram como tal, salientou Whigham (2010, v. 1, p. 221).

Após a posse definitiva do Forte, a esquadra de Barrios se dirigiu rio acima para os próximos alvos: Albuquerque e Corumbá, que foram ocupadas, nos dias primeiro e quatro de janeiro de 1865, respectivamente, sem maiores dificuldades, haja vista que estavam evacuadas e sem forças militares para resistência. Em 29 de dezembro o navio Anhambay, de Porto Carrero, havia aportado no pequeno posto de Albuquerque e colocado seus ocupantes a par da situação ao sul, em Coimbra. Prosseguindo viagem, no dia dois de janeiro, fez outra parada em Corumbá onde se reuniram em comitê de emergência deliberando pela evacuação, também, dessa localidade.

As ocupações paraguaias garantiram-lhes a posse de armamentos e munições, que foram abandonadas, provavelmente, devido à retirada repentina, que não permitiu que se levassem ou eliminassem para não cair na posse de mãos alheias. Para Whigham, este foi um erro cometido pelos brasileiros: “A lo largo de la campaña, los brasileños en retirada cometieron este error repetidamente, dejando mucho material útil en manos paraguayas” (WHIGHAM, 2010, v. 1, p. 222). A expedição naval de López, portanto, obteve resultados satisfatórios em suas investidas que se concluíram com a apreensão do navio Anhambay.

De Corumbá, o comandante Barrios enviou o seu navio Ypora, sob o comando do jovem tenente Andrés Herreros, para a captura das embarcações brasileiras em fuga. O Anhambay retornava, rio abaixo, após deixar sua tripulação em local próximo a Cuiabá, quando foi interceptado pelo Ypora, no dia seis de janeiro, na confluência dos rios Paraguai e São Lourenço. O marinheiro inglês Josiah Baker, que pilotava o Anhambay, direcionou o navio pelo rio São Lourenço, empreendendo fuga, mas foi alcançado e conquistado assim que a embarcação encalhou num banco de areia. Quanto ao momento da captura do vapor, Thompson assim relatou:

Los brasileiros se aterrorizaron; muchos se tiraron al río, donde fueron muertos á balazos; el resto fué completamente pasado a cuchillo. El capitán Baker, que se había visto obligado á cargar y disparar su cañón personalmente, viendo que sus hombres no querían batirse de ningún modo, se echó al agua y se refugió en las selvas. (THOMPSON, 1910, t. 1, p. 39)

O tenente Herreros foi muito prestigiado entre os soldados paraguaios e a população de seu país, pelo sucesso de sua atuação. Contudo, esse episódio também rendeu versões degradantes à ação paraguaia, alegou-se terem sido cortadas as orelhas dos brasileiros e estas postas numa corda e amarradas no navio. Ainda atualmente tal relato desperta dúvidas quanto a sua veracidade, contudo, à época, certamente essa história muito divulgada contribuiu para disseminar uma visão de barbarismo paraguaio, como apontou Whigham: “Cualquiera que sea la verdad acerca de esta historia de atrocidades, ella fue ampliamente creída en Sudamérica y colaboró con la reputación general de ferocidad que tenían los paraguayos” (WHIGHAM, 2010, v. 1, pp. 226-227). Ademais, neste caso seria preciso considerar, também, as ações dos aliados para não incorrer a julgamentos parciais.

Encerrada a incursão contra os navios brasileiros, Herreros retornou ao sul levando consigo o vapor capturado. O tenente teria decidido não seguir pelo rio Cuiabá em direção à capital da província pelo fato das águas estarem muito rasas.

De outra parte, a expedição terrestre de Isidoro Resquín atingiu o território mato-grossense na mesma data em que a esquadra de Barrios havia alcançado Coimbra. Esta expedição foi dividida em duas colunas para melhor efetivar sua ação: uma sob o comando do major Martín Urbietta, e outra sob a responsabilidade de Resquín.

Conforme a narrativa de Whigham (2010, v. 1, pp. 229-230), o Major Urbietta passando por Ponta Porã, em vinte e nove de dezembro, lançou campanha sobre a colônia militar de Dourados, onde enfrentou uma resistência pouco significativa por parte de Antônio João Ribeiro e seus homens. Cinco dias depois, saqueou e queimou a colônia de Brillhante e a pequena estação pecuária de Vila Vacaria. Em seguida, deslocou-se em direção ao norte para encontrar com a coluna de Resquín.

Enquanto isso, Resquín e seus homens, no dia vinte e nove de dezembro, haviam ocupado a colônia de Miranda, que se encontrava previamente despovoada. Em trinta de dezembro, dirigiram-se a Nioaque encontrando pelo caminho uma resistência em torno de 200 a 300 cavaleiros imperiais. Após o confronto, a tropa brasileira contava com consideráveis perdas humanas, em torno de 57 homens, optando, desse modo, pela retirada, ficando o caminho livre para a coluna paraguaia tomar Nioaque, em dois de janeiro. Dessa localidade avançaram sobre a aldeia de Miranda (não confundir com a colônia de Miranda), mas esta estava, também, evacuada, de acordo com os escritos do pesquisador Whigham (2010, v. 1, pp. 230-231).

A fim de assegurar a área, Resquín enviou 300 homens da cavalaria para atacar a distante colônia militar de Coxim, conforme informou Whigham (2010, v. 1, p. 231), onde, assim como na maioria das localidades, as tropas paraguaias não encontraram resistência, pois a grande parte dos habitantes e dos oficiais já haviam se retirado.

Findadas as operações na província de Mato Grosso, as tropas de López se retiraram, deixando apenas pequenas guarnições nos pontos ocupados, perdurando a presença paraguaia na região até o ano de 1866, sem que houvesse oposição brasileira.

As expedições terrestres por onde passaram, conseguiram se apossar de grandes quantidades de armamentos, pois assim como se sucedeu nas localidades ocupadas por Barrios, a população havia se retirado às pressas, deixando para trás um arsenal valioso. Na aldeia de Miranda, Maestri (2015, p. 122) afirmou que foram abandonadas “[...] ‘quatro peças, com seus carros de munição, 502 fuzis, 67 carabinas, 131 pistolas, 468 espadas, 1092 lanças, 9847 projetis e artilharia de vários calibres’. Armamento suficiente para formar um batalhão!”

Analisando os resultados da campanha num viés político, Whigham (2010, v. 1, pp. 231-232) inferiu que foi uma vitória de pouca utilidade, pois não alcançou seu objetivo geral de resgatar o regime dos *blancos* em Montevidéu, houve grande perda de tempo e a expedição encontrava-se muito distante da Banda Oriental. Portanto, concluiu que assegurar o seu flanco norte pareceu ser de maior importância para López.

Por outro lado, considerando-se a quantidade de armas e munições que existiam na província, levantou-se o questionamento quanto às reais intenções do Império naquele contexto. Para Whigham, esse arsenal sugere muito mais que apenas uma posição defensiva, afinal “[...] desde el punto de vista brasileño, el Paraguay era una extensión natural del Mato Grosso y cualquier geógrafo podía ver que la república se clavaba como una daga en las entrañas del Imperio.” (WHIGHAM, 2010, v. 1, p. 232). Contudo, na perspectiva do referido autor, naquele momento não teria sido projeto do Paraguai conter uma expansão territorial, iniciada há muito pelos portugueses, esta seria uma perspectiva política de longo prazo. De outra parte, o Império acreditava em poder se preparar rapidamente ante qualquer contingência.

Whigham (2010, v. 1, p. 232) afirmou que López sabia da falta de soldados do governo brasileiro para pegar em armas em Mato Grosso, portanto não objetivava dar um golpe preventivo quanto à posse das terras. Salientou que se o Paraguai

o quisesse fazer, o teria feito, com poucos homens, tomando a região do Apa e com isso impedindo o acesso do exército brasileiro à província, por meio fluvial. Portanto, o objetivo primordial da campanha, de acordo com o autor, foi o de obter material: "El deseo de adquirir material, antes que consideraciones estratégicas, ofrece una mejor explicación de la invasión de 1864-65. De hecho, la captura de armas y municiones, en última instancia, le dio a la expedición su razón de ser." (WHIGHAM, 2010, v. 1, p. 232)

Em síntese, o que teria motivado, em última análise, a ação paraguaia nas terras litigiosas, atualmente pertencentes ao estado de Mato Grosso do Sul, foi a possibilidade de abastecimento bélico para o exército de López, além de gado, dinheiro e outros bens que foram apreendidos como joias, documentos e diferentes utensílios.

## 2.1 A precariedade da defesa militar

O início do conflito sul platino representou para o Império um desafio no que tange à organização e à estruturação de um exército compatível com as exigências de um movimento para além da fronteira. Logo, o inicial despreparo militar foi marcante para a província de Mato Grosso. A falta de uma guarnição preparada em número e recursos ocasionou grande medo e instabilidade em várias localidades, especialmente após a notícia das ocupações paraguaias na região fronteiriça.

Alúcio Gonçalves de Farias, em sua tese de doutoramento intitulada *Infantaria de Mato Grosso: Soldados, Oficiais e Justiça Militar (1864-1914)*, avaliou que a situação militar da província, antes da Guerra, era precária. Farias (2015, p. 129) verificou que somente depois de ocorrida a ocupação, a Corte tomou a iniciativa de expedir dois decretos que tinham a finalidade de convocar Corpos das Províncias de São Paulo e Minas Gerais para formar uma expedição ao sul de Mato Grosso. Essa mobilização, de acordo com o pesquisador, fazia parte das estratégias do comandante Caxias, que planejava a defesa do território brasileiro em duas frentes.

Ocorridos sete meses de ocupação paraguaia, o governo conseguiu organizar os Corpos que partiram para o Mato Grosso. Foram arregimentados em torno de 15 mil soldados, não sem dificuldades, pois a resistência e a deserção comprometeram o envio da cota solicitada às províncias, conforme a pesquisa de Farias (2015, pp. 129-130).

Enquanto isso, Mato Grosso também se organizava. Farias (2015, p. 134) constatou que o então Batalhão de Caçadores de Mato Grosso passou a denomi-

nar-se de 19º Batalhão de Infantaria de Linha. Este, em grande parte do conflito, atuou em Cuiabá, objetivando defendê-la em caso de ataque. Muitas companhias dessa unidade, em tempos finais da Guerra, foram encaminhadas para Assunção. Ao término, retornaram para Corumbá e mais tarde prosseguiram para Vila Maria (atual Cáceres), onde o Batalhão havia se formado.

Assim como em boa parte da nação, organizar uma força militar na província mato-grossense, capaz de atender as necessidades daquele momento, apresentou seus entraves. Santos analisou que a dificuldade para a formação de um exército esteve relacionada à maneira como se davam os recrutamentos, inferindo que:

Durante o século XIX, o recrutamento foi dificultado pelas redes de proteção em torno dos potentados locais e por numerosas isenções legais, fazendo com que o recrutamento não fosse estendido a todas as camadas da sociedade, ficando restrito a grupos específicos, ou seja, aos livres e aos pobres indesejáveis que não contavam com algum tipo de proteção. (SANTOS, 2016, p. 1)

As isenções, segundo a pesquisadora, acabaram reduzindo as opções de recrutamento, assim muitos que poderiam ter sido arregimentados ficaram isentos da obrigação militar e, com isso, os contingentes terminavam não sendo completados. Por consequência, os alistamentos foram acontecendo por diversos meios como a "[...] contratação de voluntários e do engajamento de ex-praças, mas principalmente pelo recrutamento forçado [...]" (SANTOS, 2016, p. 4). Apesar das vantagens oferecidas aos voluntários, de acordo com a pesquisadora, o serviço militar não era atrativo para a maioria da população e poucos acabavam aderindo.

Por outro lado, Santos (2016, pp. 7-8) constatou que se conferia um ar disciplinador aos quartéis, portanto indivíduos considerados indesejáveis socialmente eram arbitrariamente recrutados. A população livre e pobre foi quem acabou sendo o maior alvo dessa ação. Ter cometido algum tipo de delito poderia classificar a pessoa como perigosa; logo, tornava-se forte candidata ao recrutamento forçado. Acreditava-se que, por meio da intervenção vigilante do aquartelamento, os princípios da ordem e da civilização poderiam ser incutidos nesses indivíduos.

Santos (2016, p. 10) constatou que a movimentação das ruas era frequentemente mirada pelos encarregados do recrutamento a fim de prender aqueles que cometiam pequenos delitos ou simplesmente completar a cota de efetivos por meio da coação.

Transitavam pelas ruas principalmente os escravos de ganho que vendiam seus produtos ou buscavam água e homens livres e pobres, muitos, também, vendendo algo como frutas, peixes e rapaduras; conforme especificou Santos (2016, p. 9). E foi nesse meio que os recrutadores buscaram grande parte do contingente, entre aqueles que não possuíam qualquer recurso de proteção e cuja condição de pobreza justificava a ideia de perigoso. Estes, portanto, eram passíveis de serem arregimentados sem maiores complicações.

Desse modo, os alistamentos ocorriam, na maior parte das vezes, por meio da violência e os recrutados submetidos a um longo período de serviço militar. Enfrentando essas condições adversas e distantes das famílias, muitos acabavam desertando, desfalcando as tropas.

Diante do exposto, verificou-se grande precariedade na constituição de batalhões realmente preparados para uma possível ação de defesa do território da província de Mato Grosso. Homens arrebatados e forçados para o corpo militar, sem que para isso tivessem algum preparo ou mesmo interesses pessoais, acabaram formando boa parte do contingente beligerante.

Não bastasse o infortúnio do recrutamento forçado, o contexto da Guerra trouxe suas próprias atribuições. O pesquisador Farias (2015) apontou várias adversidades enfrentadas pelos soldados que lutaram na província durante o conflito como a alimentação imprópria e insuficiente, falta de vestuário, acomodações insalubres e proliferação de epidemias. Vale ressaltar que foram dificuldades semelhantes às que ocorreram em outros pontos de combates.

No entanto, alguns desafios foram mais específicos na província mato-grossense. Suas características naturais bastante peculiares, como a inundação dos rios e o acesso à região, que acontecia em grande parte por meio fluvial, trouxeram algumas situações distintas. Farias (2015, p. 140) apontou que as chuvas e as cheias dos rios agravavam os problemas com as doenças, assim como prejudicavam a mobilidade das tropas e a instalação de acampamentos.

De outra parte, sabe-se que a rota fluvial para a província foi dificultada pela ocupação paraguaia na fronteira. Com isso, o abastecimento da região com gêneros diversos ficou prejudicado, ocasionando a falta de alimentos não somente para as tropas, mas também para a população local.

Os batalhões passaram a depender dos recursos vindos pela via terrestre, por caminhos distantes que saíam da província de São Paulo e perpassavam por Minas Gerais até chegarem ao sul do Mato Grosso. Essa viagem era custosa e demorada,

portanto a chegada de mascates aos acampamentos, segundo Farias (2015, p. 138), ajudava a amenizar a falta de mantimentos e vestuário.

As adversidades naturais e a insuficiência de alimentos foram obstáculos constantes para as tropas. Mas, o mais mortal inimigo foram as doenças. Farias (2015, pp. 142-143) identificou diversas enfermidades que acometeram os soldados, grande parte causada pela insalubridade da água que era consumida e pelo clima da região. Diarreias e febres eram bastante comuns, mas também registraram-se casos de Hepatite, Bronquite, Reumatismos, Cancros Venéros, entre outros. Todavia, foi o surto de varíola de 1867 o mais avassalador de todas as moléstias.

Chegado o final do conflito, restaram tropas reduzidas e maltrapilhas que, apesar de seus esforços, não tiveram o reconhecimento pelos trabalhos prestados. Para Farias (2015, p. 159), as autoridades não valorizaram os soldados combatentes. Estes, aos poucos, foram sendo esquecidos, eram viúvas, inválidos e ex-escravizados abandonados. Muitos podiam ser vistos mendigando pelas ruas, notadamente uma demonstração do total descaso e desamparo aos que se dedicaram nos campos.

Ainda que ex-combatentes tenham sido agraciados com medalhas de honra, para o pesquisador estes gestos: “[...] não espelhavam o real reconhecimento dos que lutaram no conflito, uma vez que nem todos foram agraciados” (FARIAS, 2015, p. 159). E com a desmobilização das tropas em 1870, muitos combatentes ficaram abandonados à própria sorte, já que boa parte das promessas feitas pelo governo não foram cumpridas.

## 2.3 Varíola, o mais atroz inimigo

O movimento populacional ocasionado pelo conflito arrastou homens e mulheres de uma região a outra, esse fluxo populacional não somente levou consigo usos e costumes de diferentes lugares, mas também contribuiu para propagar doenças nos povoados e nos campos de batalha. A cólera foi destacada por diversos autores e memorialistas como causadora de grande mortandade durante a Guerra nas duas frentes de combate. Mas não foi a única doença a acometer soldados e civis. A varíola, popularmente denominada de bexiga, em determinadas localidades foi tão avassaladora quanto à cólera. Seu vírus se disseminou, especialmente, por meio dos soldados vindos de áreas contaminadas e em 1867 chegou a Cuiabá.

Sobre este fato da Guerra do Paraguai, que marcou profundamente a população cuiabana, da segunda metade do século XIX, Rocha, em sua tese de doutoramento, escreveu: “Em consequência desse conflito, dá-se a invasão de

Cuiabá, capital da Província de Mato Grosso, não pelos soldados paraguaios, mas pela varíola, [...]” (ROCHA, 2013, p. 96). A repercussão da doença foi tamanha que pôde ser comparada a uma invasão inimiga. A população que se estimava de 12 mil habitantes teria sido reduzida à metade.

Não somente a capital foi assolada pelo perecimento, mas sim, toda a província e de diferentes maneiras pois, de acordo com Rocha, a morte teve que ser enfrentada em quatro frentes:

[...] a guerra, representada pelo enfrentamento do conflito armado com o Paraguai; a peste, representada pela varíola, ceifadora inexorável de vidas e trazida à cidade pelos soldados que defendiam a Província no conflito; a fome gerada pela carestia e pelo desabastecimento; e as intempéries naturais, como as enchentes do Rio Cuiabá, descritas pelos cuiabanos como a maior inundação at e então vista. (ROCHA, 2013, p. 97)

O conflito, portanto, trouxe consequências marcantes para Mato Grosso, e estas foram somadas   forte enchente do rio, que destruiu moradias e planta oes de subsistência. Já a propaga ao das bexigas na capital dificultou ainda mais a obten ao de alimentos. O pouco que se encontrava era vendido por valores abusivos.

O medo passou a ser a principal companhia da popula ao cuiabana. A ocupa ao do sul da província pelas tropas paraguaias causou grande pânico. Segundo a pesquisadora Rocha, “Parecia a todos que os inimigos poderiam adentrar a capital da Província e que nada poderia ser feito para impedir seu avanço” (ROCHA, 2013, p. 99).

Entretanto, a varíola foi a adversária mais atroz daqueles anos de guerra. Joaquim Ferreira Moutinho (1869, pp. 99-100), médico português que residia em Cuiabá naquele contexto, relatou sobre o infortúnio vivido pelos habitantes. Descreveu como a doença chegou até a cidade por meio dos soldados que haviam participado da expedi ao para recuperar Corumbá e de como ela foi se alastrando entre os moradores. Segundo Moutinho, as autoridades nada fizeram para impedir a situa ao, não se precaveram com cordões de segurança, impedindo a entrada de infectados e não retiraram os doentes para lugares mais distantes. Além disso, considerou que os enfermos ficaram desassistidos de cuidados.

Diferentemente do que teria acontecido em Vila Maria, atual Cáceres. Naquela localidade, o comandante impediu a contamina ao da popula ao colocando cordões sanitários em todos os pontos da Vila, evitando a entrada de qualquer pessoa.

Já os contaminados foram enviados para longe a fim de evitar-se o contágio. Com essas medidas, para Moutinho (1869, p. 106), conseguiu-se reduzir consideravelmente os efeitos da doença em Vila Maria, enquanto que outras paragens foram completamente devastadas.

Moutinho (1869, pp. 100-101) registrou que, em Cuiabá, todas as pessoas que teriam se comunicado com os recém-chegados da campanha caíram doentes. Os soldados não eram vacinados, assim como a maioria da população da capital, fato esse que agravou a situação. No entanto, com a varíola se alastrando houve a aplicação da vacina, mas sem o efeito esperado. Já a população, cada vez mais descrente nos médicos e na medicação, passou a se apegar nas preces a Deus, buscando pela sua misericórdia. Um fervor religioso, impulsionado pela forte crença numa cólera divina que estaria castigando os humanos.

O médico registrou em seus escritos os horrores daqueles tempos, segundo ele foram dois meses de perdas irreparáveis. Os habitantes da capital, devido à alta mortalidade, viram-se reduzidos para menos da metade, de acordo com Moutinho (1869, p. 118). No entanto, para esse contemporâneo da epidemia, as estatísticas oficiais apresentavam números reduzidos.

Por outro lado, Marlene Menezes Vilela, em sua dissertação, que trata da ocorrência da varíola em Cuiabá, no ano de 1867, analisou diversos registros de óbitos e enterros realizados pelas instituições religiosas e pela polícia. E, em sua pesquisa, Vilela (2001, pp. 72-73) constatou que o número de mortos poderia ter chegado aos 20% da população local, referindo-se às mesmas duas freguesias urbanas mencionadas pelo médico. Para a pesquisadora, as cifras que Moutinho apresentou são elevadas e não se confirmaram por meio dos documentos. Além disso, considerou que nem todos os doentes vieram a óbito. No seu levantamento de dados, a pesquisadora verificou que a mortalidade esteve em volta de 50% a 60% dos adoecidos pela bexiga, sendo de 60% para as pessoas em estado de indigência e 50% para os praças.

Na versão de Moutinho (1869, p. 102), de todas as casas saíam cadáveres, algumas tiveram suas portas trancadas, pois seus moradores estavam todos mortos. Tanto o rico quanto o pobre de alguma maneira teriam sido acometidos pela calamidade. As mercadorias começaram a faltar e até mesmo a água potável.

E os relatos de Moutinho (1869, pp. 103-104) não cessam por aí e dão notícias de que o ar da cidade se encontrava fétido, alguns corpos permaneciam nas residências por falta de quem os enterrassem, outros se encontravam aos montes

no campo destinado aos enterramentos, cujas valas já estavam cheias. Decidiu-se por queimar muitos dos cadáveres, mas estes não eram consumidos por completo pelas chamas e acabavam se tornando alimento para cães e corvos.

A visão trágica recriada por Moutinho e a maneira de lidar com a morte e o morto em tempos de epidemia levaram a pesquisadora Rocha a comparar, guardando as devidas proporções, o surto de varíola, em Cuiabá, com a peste negra europeia do século XIV. Rocha abordou, em sua tese, mudanças no trato com a morte: os rituais costumeiros e as visitas e despedidas deixaram de ser praticados, de acordo com a pesquisadora:

As igrejas de Cuiabá, identificadas como lugares de louvação e de expressão de fé da população, eram lugares desses rituais. No entanto, por ocasião da epidemia de varíola, foram utilizadas não apenas como espaços de congregação, mas também de enfrentamento de uma realidade que alterava profundamente o cotidiano das famílias, reféns quando o sopro da morte invadindo as moradas, irremediavelmente arrancava de seu convívio muitos entes queridos, não permitindo rituais de despedida e enterramentos como até então se fazia. (ROCHA, 2013, p. 104)

Os enterramentos necessitaram de um novo local, mais distante da cidade a fim de proporcionar maior sanidade. Já não poderiam acontecer nos cemitérios urbanos, seu destino passou a ser o campo ou um espaço próprio denominado de Cai Cai, conhecido como o cemitério dos variolosos. Os mortos perderam a área sagrada para se tornarem perniciosos, não deviam ser tocados e com isso perdiam o direito dos rituais, antes tão importantes para a salvação das almas.

O próprio Moutinho relatou sobre a perda de um filho de poucos meses de idade, o qual não pôde enterrar, por medidas de precaução. O chefe de polícia ficou encarregado de recomendar o sepultamento, mas o jazigo nunca foi localizado no Cai Cai: "Ahi procuramos a sepultura de nosso innocente filho, e não foi-nos possivel encontral-a. Seria elle enterrado?" (MOUTINHO, 1869, p. 106).

A mortandade causada pela doença trouxe ainda outras consequências, como crianças órfãs, moças e velhos que ficaram desamparados. E, nas palavras de Moutinho (1869, pp.104-105), toda a população teria sucumbido não fosse pela ajuda do 2º batalhão de artilharia a pé, cujos soldados eram vacinados e oriundos de diferentes províncias, onde a bexiga era conhecida, com isso puderam auxiliar cuidando dos doentes e dos enterramentos.

## 2.4 Memórias da guerra no Mato Grosso

Todos esses acontecimentos marcaram profundamente a história da província de Mato Grosso. Na parte sul, que hoje compreende o estado do Mato Grosso do Sul, desmembrado em 1977, a ocupação paraguaia contribuiu para uma intensificação do processo de colonização local por parte do Estado brasileiro, com vistas a integrar definitivamente a área à nação.

Por outro lado, houve um esforço para a preservação de uma memória da Guerra em vários municípios dos estados do Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, mais intensamente neste último, nas localidades por onde o conflito passou. São ruas, avenidas, praças e monumentos que levam os nomes das batalhas, nomes de “heróis” e a data de um acontecimento tido como marcante. Nesse aspecto, cabe ressaltar que houve a construção de uma memória muito peculiar da Guerra do Paraguai a qual privilegia os grandes homens, seus atos heroicos e as grandes batalhas. Essa história, que se preserva e se perpetua, está intimamente ligada aos anseios de uma elite dominante que, por meio da construção de determinados discursos, se legitima no poder.

Afirma-se que, ao se emancipar politicamente, o estado sul-mato-grossense se tornou “órfão de sua história”, a separação da capital Cuiabá, implicou a perda de considerável documentação oficial que ficaria de posse de uma elite intelectual cuiabana, portanto a rememoração de determinados episódios e personagens da Guerra vieram a cumprir a função de criar uma história e identidade local para o novo estado.

Nessa perspectiva, destaca-se que intelectuais sul-mato-grossenses se debruçaram sobre a criação e registro de uma narrativa que foi produzida e afinada com os desígnios desse grupo dominante que galgou e se apossou do poder estadual; logo uma história e uma memória que privilegiou determinados fatos históricos, nomes, heróis, episódios, acontecimentos, famílias, etc.

Desse modo, aponta-se que o grupo no poder legitimou sua história, sua memória e identidade através da narrativa construída por um conjunto de memorialistas formado por profissionais liberais: jornalistas, escritores, poetas, advogados, entre outros representantes da elite dominante que, sem o devido rigor do ofício de historiador, gestaram uma história elitista e excludente.

Os “grandes nomes” e os acontecimentos supostamente importantes delinearão a identidade criada, portanto nomes como os de Guia Lopes, Antonio João Ribeiro, Carlos de Moraes Camisão, entre outros, foram escolhidos para representar

as virtudes do homem sul-mato-grossense, já que estes teriam sido os principais responsáveis em recuperar as terras e, conseqüentemente, a honra da nação brasileira.

A escolha criteriosa de determinados personagens, que passaram a simbolizar o ideal do homem sul-mato-grossense, perpassou pela ideia do "herói" que salva sua terra e sua gente e que dá sua vida se for necessário. Tal perspectiva excluiu uma série de sujeitos partícipes dos eventos que não mereceram espaço nessa narrativa idealizada. Além disso, infere ao cidadão atual posturas e condutas a serem incorporadas.

Por outro lado, determinados atos considerados heroicos são passíveis de controvérsias, a exemplo da atuação do comandante Porto Carrero, aclamado como grande defensor do Forte de Coimbra, quando pesquisas e relatos publicados apontam que Porto Carrero teria abandonado o local, sem grande resistência e com considerável quantidade de munição, que poderia ter sido utilizada na defesa do reduto. Nesse caso, existe a possibilidade de diferentes interpretações quanto ao heroísmo de Carrero.

A respeito dos episódios eleitos pelos memorialistas para a construção do discurso que legitimou a história do estado do Mato Grosso do Sul, destaca-se a retirada da Laguna, narrada por Alfredo d'Escragolle Taunay.

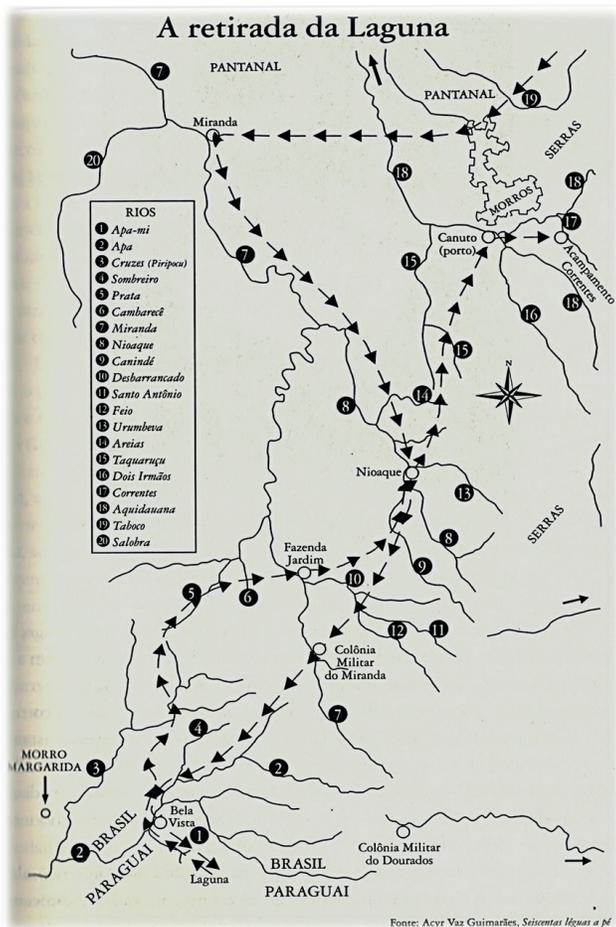
Esta expedição, que ocorreu entre 1865 e 1867, oficialmente denominada de Corpo Expedicionário em Operações no Sul de Mato Grosso, tinha por finalidade recuperar as terras ocupadas na província de Mato Grosso. Mas, tendo em vista as inúmeras adversidades enfrentadas pela coluna como a falta de alimentos, recursos médicos insuficientes, morosidade para a tomada de decisões dos comandantes, as longas distâncias percorridas sem os devidos meios de transporte, entre outros, implicaram resultados trágicos. A coluna sofreu grandes perdas humanas sem que o objetivo fosse atingido.

A expedição foi planejada propondo arregimentar 12 mil soldados, contudo a adesão de homens foi mínima e as deserções inúmeras. Portanto, ao se estabelecer em Coxim, de acordo com o levantamento de Doratioto (2002, pp. 122-123), a coluna somou um total de apenas 2203 combatentes e outras 1300 pessoas (mulheres, crianças, carreteiros, bagageiros, comerciantes, aventureiros).

Além do contingente ínfimo que afetou substancialmente a coluna, outro fator impactante foi o trajeto percorrido. Foram mais de dois mil quilômetros de um percurso cheio de obstáculos naturais, especialmente adentrando em Mato Grosso, onde se enfrentou as inundações dos rios e terrenos alagadiços, tais adversidades acabaram por levar algumas vidas.

Outras dificuldades marcantes foram as péssimas instalações, a insalubridade dos ambientes onde as tropas permaneceram, a insuficiência de víveres e a falta de água potável. Essas circunstâncias contribuíram para a disseminação de doenças, vindo a afetar a coluna uma epidemia de beribéri que ceifou quatrocentos homens. A cólera somada aos combates levaram outros 908 soldados, sem somar as mortes de demais pessoas que acompanhavam a coluna. Ao final o Corpo Expedicionário, viu-se reduzido a setecentos combatentes, conforme dados apresentados por Doratioto (2002, p. 128).

#### Mapa 4 - Retirada da Laguna



Fonte: GUIMARÃES, Acyr Vaz. *apud* DORATIOTO (2002, p. 125).

Apesar do fracasso da coluna, Taunay imortalizou o episódio da Retirada nar-  
rando as inquietudes vividas pelo exército de forma romantizada, épica e honrosa.  
Construiu-se, assim, naquele contexto, uma historiografia épica e monumental que  
viria a ser amplamente utilizada pelos/as escritores/as do Mato Grosso e Mato  
Grosso do Sul.

Taunay, por meio da narrativa de sua obra *A Retirada da Laguna*, conseguiu  
transformar o grande infortúnio que foi a expedição militar na província de Mato  
Grosso, conferindo-lhe uma dimensão patriótica e gloriosa, da defesa e da entrega  
pela pátria. O autor não deixou de expor as adversidades vividas pela expedição,  
contudo a forma como o fez concedeu uma áurea heroica aos militares e a deter-  
minadas personagens, como foi o caso do Guia Lopes. Ademais, oportunamente  
culpabilizou o presidente paraguaio pela ocorrência do conflito e os soldados ad-  
versários pelos supostos atos de “barbarismo” e, nessa lógica, legitimou e aprovou  
a ação do Exército brasileiro.

Tendo em vista essas peculiaridades, o episódio foi diversas vezes rememorado  
pelas elites intelectuais mato-grossenses e sul-mato-grossenses, com propósitos  
políticos e ideológicos, assim mitos e heróis são enfatizados para forjar uma iden-  
tidade local.

Registra-se que Taunay constituiu a sua obra a partir dos seus relatos de diário  
e de suas reminiscências. Além disso, foi uma produção vinculada aos anseios e  
interesses imperiais, portanto são escritos que devem ser compreendidos a partir do  
seu “lugar social”. Entretanto, destaca-se que os memorialistas sul-mato-grossenses  
utilizaram-se da obra *A Retirada da Laguna* como uma verdade histórica, cons-  
truindo a partir dela uma memória da Guerra e da história do local, privilegiando  
os grandes feitos e os grandes homens em detrimento de sujeitos que não foram  
considerados, como exemplo citam-se as mulheres, os indígenas, os escravizados  
e libertos e pequenos posseiros.

Conclui-se, portanto, que existem atualmente nos estados de Mato Grosso  
e Mato Grosso do Sul espaços que preservam uma memória oficial da Guerra  
do Paraguai, por meio de monumentos - sejam eles ruas, avenidas ou praças -  
simbolicamente nomeadas com nomes de heróis e de grandes acontecimentos.  
É uma história composta de ideais e anseios da elite que a gestou, desse modo  
trata-se de uma memória exclusiva que favorece determinados grupos, e que se  
legitima ao se transpor sobre a coletividade por meio dos espaços públicos que  
perpetuam tal memória.

## Capítulo 3

---

# Temas para o ensino da guerra do Paraguai: sujeitos/as, cotidiano e Mato Grosso

A narrativa da Guerra do Paraguai sofreu alterações nas últimas décadas, como apontado nessa pesquisa, a partir do estudo de novas fontes e novos objetos. Algumas interpretações mudaram, principalmente sobre as causas do conflito e os diversos sujeitos que estiveram nos campos de batalha foram incluídos e reconhecidos nessa nova história.

A Guerra não se restringiu aos campos de batalha e nem envolveu apenas militares. Pesquisas da historiografia recente e os escritos de memorialistas revelaram um conflito, cuja repercussão atingiu mulheres e crianças, envolveu homens escravizados e homens pobres, negros e pardos na grande maioria. São sujeitos revelados, que por muito tempo foram ocultados, silenciados e invisibilizados por uma história que privilegiou os acontecimentos monumentais e os grandes nomes.

O universo da guerra foi por muitos anos entendido como um ambiente masculino, mas a contenda que se sucedeu na América do Sul foi de longe uma guerra somente de homens, o que se mostra nessa investigação é um universo multifacetado e, à medida que se dirige o olhar, acessa-se um caleidoscópio.

Nesse sentido, ressalta-se, por exemplo, que a participação feminina na Guerra foi muito além das poucas “senhoras respeitáveis” cujos nomes são lembrados. As mulheres que acompanharam os combatentes, para Salles (SALLES, 2003, p. 122), constituíram um exército distinto. A quantidade de mulheres era bastante expressiva e sua presença tinha as mais variadas motivações e intenções. Em geral, levavam consigo seus filhos pequenos nascidos antes ou durante o conflito.

Foram submetidas aos mais variados perigos e violências que o ambiente da Guerra com sua precária infraestrutura oferecia, mostraram-se, ainda assim, resistentes, seja por amor a algum dos combatentes: filho, amante ou marido; seja porque era necessário para a sua sobrevivência.

Para a mentalidade atual, a guerra não é entendida como um espaço próprio para a presença de crianças, muito menos para combatentes infantes, contudo nem por isso elas estão livres dessa condição traumática, assim como, também, não o estiveram nos séculos passados.

Na Guerra do Paraguai, registrou-se a presença de menores por meio de relatos e raras imagens fotográficas. São crianças de diferentes idades, origens e nacionalidades que foram, de alguma maneira ou outra, arroladas ao conflito. Muitas, na tenra idade, acompanharam suas mães (vivandeiras, companheiras ou esposas dos soldados); outras estiveram envolvidas na contenda como jovens soldados; e, teve, ainda, os pequenos que nasceram em meio à Guerra, nos acampamentos improvisados, e ali cresceram junto aos soldados compartilhando de uma vida rude.

Não houve uma contabilização referente ao número, vidas e baixas, como ressaltou Salles (2003, p. 128), mas a presença das crianças foi atestada pelos testemunhos de partícipes do confronto.

A participação do negro, do pardo e do escravizado liberto na Guerra do Paraguai ainda é pouco mencionada quando se trata deste conflito. Por outro lado, há um esforço da historiografia recente em investigar e trazer à baila das discussões esses sujeitos da contenda, a saber, homens negros, pardos e ex-escravizados, que se fizeram presentes por diferentes motivos: cumprindo com os deveres patrióticos, prestando as obrigações de cativo, buscando um reconhecimento social ou até mesmo tentando fugir das amarras da escravidão.

Nesse sentido, o conjunto de 7 (sete) aulas-oficina que se apresenta nesse Capítulo possibilita o estudo de diferentes sujeitos/as que lutaram ou estiveram no conflito, como é o caso das mulheres, das crianças, dos homens negros e pardos, dos escravizados libertos e dos Voluntários da Pátria. Em algumas Oficinas são abordados, também, os temas da Guerra na província de Mato Grosso, do cotidiano nos acampamentos e das adversidades vividas pelos soldados. Tais temáticas, ressalta-se, são pouco abordadas (quando o são) e exploradas pela historiografia oficial pertinente a este assunto e por parte significativa das narrativas didáticas de história desde o século XIX até a contemporaneidade.

A metodologia está pautada na proposição, como já apontado anteriormente, de aulas-oficina que utilizam imagens, produzidas no contexto da Guerra ou logo após o seu término, e textos diversos como fontes de ensino de história.

Cada aula-oficina desta proposta compõe-se das seguintes etapas: prenúncios do Tema, da Identificação, da Justificativa, da Contextualização, dos Objetivos (Geral e Específicos) e da Metodologia; seguida dos passos metodológicos que constituem parte das Oficinas, sendo eles:

**Atividade 1: investigando os conhecimentos** – nesta primeira tarefa, o objetivo é identificar os conhecimentos prévios dos/as estudantes a respeito do tema proposto. Portanto, propõem-se questões que convirjam com os objetivos da oficina. Por exemplo, se um dos objetivos for *Reconhecer por meio das fontes a presença de menores no conflito*, então, se sugere a questão: *Você considera possível que crianças estiveram e lutaram na Guerra do Paraguai?*

**Atividade 2: socializando as respostas** – este é o momento em que os/as estudantes poderão expor as respostas, dadas às questões anteriores, numa aula dialogada. Sugere-se que o/a professor/a faça junto com os seus/suas estudantes um registro das hipóteses levantadas verificando as recorrências e ausências nas respostas, bem como discutindo-as com os/as estudantes. Essa atividade dará pistas para o/a professor/a averiguar quais são os conhecimentos já construídos, em que nível se encontram, se existem visões equivocadas ou estereotipadas, entre outros, a fim de direcionar as próximas discussões.

**Fontes iconográficas** – nesse passo, apresentam-se para a classe três fotografias e/ou pinturas de diferentes perspectivas, referentes ao tema em questão. Num primeiro momento, o/a professor/a poderá conduzir uma conversa para verificar se os/as estudantes já conheciam tais imagens, quais impressões elas lhes causaram, etc.

**Atividade 3: análise das fontes iconográficas** – nessa atividade, espera-se que os/as estudantes realizem uma análise mais aprofundada das imagens por meio de três subitens: a identificação das imagens na sua forma pura (considerando objetos, pessoas, cenário, etc.); a interpretação dos conteúdos explícitos (qual situação histórica a imagem aborda) e a análise dos conteúdos implícitos (identificação de valores simbólicos que transcendem a imagem). Essa tarefa poderá ser realizada em duplas ou grupos para que os/as estudantes possam discutir suas ideias e observações. O recurso para a apresentação das imagens ficará a cargo do/a professor/a, pois dependerá das possibilidades da instituição escolar.

**Fontes escritas** – nessa seção se apresentarão documentos escritos que poderão ser utilizados de maneira criativa pelo/a professor/a. Objetiva-se que tais documentos possibilitem o trabalho de comparação de fontes e de complementação às informações já obtidas.

**Atividade 4: problematização das fontes** – nessa etapa, apresentam-se questões voltadas às perguntas iniciais (da Atividade 1). O objetivo é avaliar os avanços em relação ao levantamento dos conhecimentos prévios. Ao exemplo da questão que sugerimos no início ‘Você considera possível que crianças estiveram e lutaram na Guerra do Paraguai?’, o/a professor/a voltará a esta pergunta para verificar as novas respostas formuladas pelos/as seus/suas estudantes.

**Avaliação: comunicação do aprendizado** – a avaliação será organizada em dois momentos. No primeiro, espera-se que os/as estudantes possam expressar o aprendizado numa aula dialogada. E no segundo momento, sugere-se uma produção criativa dos/as estudantes, que possa ser compartilhada com as demais classes e, ao mesmo tempo, constituir-se num registro da aula.

Salientamos que tanto as ilustrações quanto os textos apresentados não têm a pretensão, nem o devem, de serem analisados como uma expressão da realidade vivida, mas sim como construções culturais criadas com uma intencionalidade, que muitas vezes desconhecemos. São produtos do seu tempo que refletem o olhar e os anseios de quem os produziu. Portanto, espera-se que as imagens e os documentos escritos possam suscitar, nos/as estudantes, questionamentos e análises, numa perspectiva de problematização das fontes.

Sobretudo, que este livro possibilite momentos profícuos de discussões, ampliando o olhar dos/as estudantes sobre o acontecimento da Guerra do Paraguai e, em especial, sobre a realidade que os cerca.

## AULA-OFICINA 1:

---

# AS MULHERES NA GUERRA DO PARAGUAI

### Tema

---

---

As mulheres brasileiras e paraguaias na Guerra do Paraguai.

### Identificação

---

---

Constituiu-se uma proposta de oficina de ensino de história do tema da Guerra do Paraguai, com foco na presença e participação das mulheres brasileiras e paraguaias no conflito.

O material exibe imagens produzidas no contexto da Guerra ou imediatamente após o conflito. Além destas, selecionaram-se documentos escritos contemplando autores/as da historiografia

atual, tanto brasileira quanto estrangeira e de memorialistas, pessoas que estiveram presentes no conflito e deixaram suas impressões em seus registros.

Para o trabalho com as fontes, elaboraram-se questões de identificação e interpretação de imagens. As atividades permitem uma aula dialogada, análise crítica dos documentos, produção textual e expressão criativa dos/as estudantes.

### Justificativa

---

---

As vagas abordagens do tema das mulheres na Guerra nos manuais didáticos e a ausência de outros materiais pedagógicos que pudessem suprir essa lacuna levaram à elaboração de uma proposta de oficina que possa, de alguma maneira, contribuir para a abordagem da temática com os/as estudantes do ensino médio.

Sabe-se que mulheres de diferentes classes sociais, brasileiras e paraguaias, estiveram envolvidas no conflito. O grau de envolvimento e comprometimento com a contenda foram os mais diversos, mas as mulheres lá estiveram: fazendo comércio – levando até os soldados e oficiais os diferentes víveres e objetos

que pudessem ser úteis; costurando uniformes – às vezes improvisando com seus conhecimentos quando havia falta de tecidos; arando e cultivando o solo para fornecer alimentos numa época em que começavam a escassear; lavando, passando e cozinhando para seus maridos, companheiros ou para quem precisasse de seus serviços; cuidando dos feridos e doentes, seja nos hospitais como enfermeiras, seja nos campos, de forma improvisada, como um ser invisível. Ademais, outros exemplos poderiam ser dados ainda de mulheres que doaram suas joias, seus filhos, seus esposos e, por fim, suas vidas.

## Contextualização

---

Os anos que compreenderam 1864 e 1870 foram de grande mobilização militar, econômica e populacional para as nações argentina, brasileira, paraguaia e uruguaia, por ocasião da Guerra do Paraguai. Os dois primeiros anos do conflito inspiraram atitudes patrióticas em homens e mulheres, tanto brasileiros quanto paraguaios.

Compreende-se que o universo da guerra foi por muitos anos entendido como um ambiente masculino, mas a contenda que se sucedeu na América do Sul foi de longe uma guerra somente de homens.

O ensino da Guerra visibilizando os sujeitos mulheres tem o objetivo de propiciar uma memória da Guerra para além dos feitos heroicos dos “grandes homens”. Visa valorizar os atos de pessoas comuns com quem os/as estudantes possam se identificar, tornando o tema mais significativo.

Por outro lado, o uso de imagens como fontes de ensino traz também sua contribuição, tendo em vista a necessidade de se problematizar as imagens num contexto atual, em que estas tomam grande espaço nas sociedades e no cotidiano das pessoas.

No Brasil, verificaram-se diferentes formas da presença e participação feminina nos campos de batalha. A autora Dourado (2002) identificou distintas contribuições femininas no Brasil, assim denominadas: matriarcas, patriotas, andarilhas e vivandeiras, fugitivas e viúvas dos combatentes.

As matriarcas foram as mulheres que, segundo a autora, vivenciaram o processo de ocupação e colonização das terras sul mato-grossenses e em determinados momentos de suas vidas tiveram que assumir sozinhas a responsabilidade da criação de seus filhos e do cuidado com as terras.

Com a eclosão da Guerra, estas mulheres encontravam-se em pleno cenário das operações militares, sendo alvos de violências e privações. A título de exemplo, Dourado cita o caso de Rafaela Senhorinha Maria da Conceição Barbosa, mais conhecida como Senhorinha. Esta matriarca, ficando viúva de seu primeiro marido, casou-se com seu cunhado José Francisco Lopes, o famoso Guia Lopes, da expedição conhecida como retirada da Laguna. Por duas vezes, Senhorinha e seus filhos se tornaram prisioneiros dos paraguaios e, ficando viúva pela segunda vez, viu-se sozinha nos cuidados com as terras e criação dos filhos.

As mulheres denominadas de patriotas foram as que de alguma maneira se dedicaram aos campos de batalha. Neste caso, destacam-se principalmente as voluntárias da pátria que atuaram como enfermeiras. São conhecidas, entre outras, a senhora Ana Justina Ferreira Néri, mulher da elite, viúva de um reconhecido oficial da marinha. Néri mudou-se para Corrientes e para outras regiões palco do conflito para acompanhar seus filhos e ali atuou como enfermeira, cuidando dos doentes nos hospitais do exército.

Também é famoso o caso da jovem Jovita, Antonia Alves Feitosa, de 18 anos, nascida no Piauí, que em 1865 voluntariou-se como soldado,

disfarçada de homem. Sua identidade foi descoberta e virou notícia de jornal. As notícias variaram entre críticas à participação de mulheres como soldados, pois não condizia, naquele período, com o papel social feminino, mas também houve elogios à iniciativa da jovem e uso de sua imagem como um estímulo aos sentimentos patrióticos dos homens.

As andarilhas e vivandeiras foram em grande parte mulheres simples do povo que acompanharam as tropas cada qual com seus motivos. Algumas casadas acompanharam seus maridos, outras não quiseram abandonar seus filhos, e muitas procuravam servir as tropas com seus serviços: lavando, passando, cozinhando ou comercializando produtos diversos. A presença feminina nas tropas significou ainda mais, pois relatos memorialistas registram os cuidados das mulheres com os feridos e doentes e a participação efetiva delas nos combates.

Contudo, a presença não oficial destas mulheres nos campos de batalha também significou em várias ocasiões um abandono e descaso. Os cuidados médicos, por exemplo, eram prioridade dos soldados homens, com isso muitas mulheres foram vítimas de doenças e ferimentos, quando não de agressões e assassinatos, às vezes cometidos pelos próprios aliados.

As mulheres fugitivas, para a autora Dourado, foram as que, vivendo nas terras mato-grossenses na época da ocupação paraguaia, sem amparo das autoridades, não tiveram outro recurso de proteção a não ser fugir para as florestas ou cidades distantes. Dourado salienta que estas mulheres estiveram em condições frágeis de segurança e em algumas ocasiões foram alvos de violências dos ocupantes.

Por fim, as viúvas dos combatentes e outras dependentes foram mulheres que, numa sociedade essencialmente patriarcal, se viram muitas vezes em condições de pobreza. Apesar de o Estado prever indenizações para familiares de oficiais mortos, o processo era burocrático e nem sempre as conseguiam, por dificuldades múltiplas.

Quanto às mulheres paraguaias, identifica-se uma cultura de raízes indígenas bastante marcante. As autoras Potthast (2006) e Valinotti (2013) destacam as mulheres paraguaias como tradicionalmente camponesas, ligadas aos cuidados e cultivos do solo. Mas também são tecelãs e costureiras que se dedicaram arduamente na confecção dos uniformes dos soldados paraguaios. Portanto, as mulheres paraguaias desempenharam papel importante no abastecimento das tropas e da sociedade paraguaia, de um modo geral produzindo alimentos e vestimentas.

Além disso, destacaram-se os cuidados femininos com feridos e doentes nos hospitais da guerra, onde muitas vezes colocavam em prática seus conhecimentos medicinais tradicionais.

Na história paraguaia sobre as mulheres na Guerra comumente se identificam dois grupos: as residentes e as destinadas, que em sua maioria pertenceram às elites locais. As residentes constituíam as mulheres que acompanharam o presidente Solano López e sua tropa em retirada, são consideradas mulheres exemplares e patriotas, que se entregaram pela causa nacional. Ajudavam no cultivo de alimentos para o sustento das tropas.

Já as destinadas foram as mulheres condenadas por atos de traição ou por serem parentes de supostos traidores da pátria. Quase todas eram enviadas para distantes acampamentos de trabalho, onde eram obrigadas a cultivar a terra sem que para isso tivessem ferramentas ou recursos adequados. As autoras supracitadas destacaram casos de violência contra as destinadas, que não somente eram vigiadas e forçadas ao trabalho, mas também sofriam castigos físicos e eram submetidas às penúrias.

Contudo, a fome e as doenças chegaram para todas elas, independente da classe social ou da sua condição de residente ou destinada. Os últimos anos

de Guerra foram anos de privações no Paraguai, sem poder importar gêneros de primeira necessidade e com dificuldades para produzi-los, era difícil encontrar quem não tivesse sido afetado pelas tribulações.

Outro caso bastante abordado pela historiografia paraguaia são as mulheres que, imbuídas de espírito patriótico ou não, procuraram contribuir com a Guerra, doando o que tinham de maior estima: as suas joias. As joias representavam muito mais que um adorno pessoal; eram, antes de qualquer coisa, uma maneira das mulheres possuírem algum bem de valor, além de lhes atribuírem *status* social. Portanto, o ato de se desfazer das joias, doando-as para

a nação, era visto como um gesto de grande patriotismo e de doação pessoal.

Atualmente, parte da historiografia Paraguai procura visibilizar a participação e a contribuição das distintas mulheres, não somente no contexto da Guerra, mas também na reconstrução da nação no pós-guerra, quando estas se constituíam na maioria da população. Nesse sentido, ocorrem embates histórico e políticos, que se acentuaram a partir da década de 1970, a fim de incluir na memória feminina paraguaia da Guerra as mulheres destinadas, as estrangeiras, as mulheres comuns que tradicionalmente foram excluídas da história, por não serem consideradas exemplos patrióticos.

## OBJETIVOS

### Objetivo Geral:

---

- Abordar, por meio de distintas fontes, a presença e participação das mulheres na Guerra do Paraguai.

### Objetivos específicos:

---

- Propiciar a identificação e interpretação de imagens da Guerra do Paraguai.
- Possibilitar uma leitura crítica de fontes distintas.
- Reconhecer e avaliar as diferentes formas da participação feminina no conflito e sua importância.
- Estimular a participação ativa dos/as estudantes por meio de exposições orais, produção escrita, pesquisa de campo e a iniciativa criativa.

## METODOLOGIA

A proposta está organizada com a apresentação das imagens, atividades de identificação e interpretação iconográfica, sugestão para a elaboração de hipóteses, documentos escritos, atividades de comparação de fontes e verificação das hipóteses e atividade conclusiva.

Inicia-se com a apresentação de três imagens do contexto da Guerra: uma pintura e duas fotografias. A apresentação destas aos/as estudantes poderá ser realizada de acordo com as possibilidades da escola e do/a professor/a, podendo ser de forma impressa ou em projeções, atentando-se para que elas fiquem nítidas e visíveis a fim de que os/as estudantes possam observar seus detalhes.

Apresentadas as imagens para a classe, orienta-se estabelecer um diálogo inicial a respeito delas, questionando os/as estudantes sobre o que estão visualizando, se já conheciam a imagem, se identificam do que se trata, enfim, possibilitar uma familiarização com as fontes de estudo e, ao mesmo tempo, avaliar o nível de conhecimentos dos/as estudantes com relação a elas.

Na sequência, apresentam-se questões pertinentes à identificação e à interpretação de imagens. De acordo com Panofsky (1991 p. 50), a leitura e análise de uma pintura se sucedem em três dimensões, sendo elas:

- 1. Significado primário ou factual:** procede-se com a identificação das formas puras – objetos, seres humanos, animais, plantas, casas, ferramentas, etc., que podem ser vistos na imagem;
- 2. Significado secundário ou convencional:** a partir dos objetos identificados, interpreta-se o fato que está ilustrado, ou seja, conhece-se o seu significado. Portanto, o estudante infere qual é o assunto ou conceitos da pintura e em qual contexto histórico se insere;
- 3. Significado intrínseco ou conteúdo:** é a descoberta e interpretação dos valores simbólicos, ou seja, o conteúdo que deve ser revelado, pois ele não está explícito. Ligando o fato representado com o contexto histórico, transcende-se a pura imagem para a interpretação do que está além.

Quanto à análise e interpretação de fotografias, buscou-se suporte em Mauad (1996) e Kossoy (2014), que

entendem a constituição da fotografia como um elemento cultural e, para Kossoy, também artístico. Não se objetiva

apresentar a fotografia como um retrato da realidade, mas sim na condição de um bem construído culturalmente, assim como os objetos, poses e cenários trazem para o nosso tempo representações culturais do contexto em que foi produzida, bem como as relações de poder sobre a escolha do que seria ou não retratado.

Mauad (1996, pp. 11-12) sugere três passos importantes a serem considerados: o primeiro é entender que numa sociedade coexistem e se articulam múltiplos códigos e níveis de codificação que dão significado ao universo cultural, o segundo é conceber a fotografia como resultado de um processo de construção de sentido. O estudo da produção da imagem revelará pistas para se chegar ao que não está aparente, e terceiro é atentar-se à relação signo e imagem.

Desse modo, associamos a leitura e interpretação das imagens, pintura e fotografias, em três passos, procurando contemplar os requisitos principais. No primeiro, denominado de identificação primária, o/a estudante fará uma descrição dos elementos que observa, incluindo os constitutivos da iconografia, por exemplo: autor/a (se existir), ano, material, dimensões, etc. No segundo, identificação secundária, verificar-se-á o assunto de cada fonte e o contexto histórico ao qual se relaciona. E no terceiro momento, na identificação intrínseca, o/a

estudante deverá ir além da representação e inferir os conteúdos não explícitos.

Após esta etapa, o/a estudante elaborará uma conclusão prévia do que já conseguiu apreender com a iconografia.

Em seguida, passa-se para uma proposição de levantamento de hipóteses por parte do/a estudante a respeito das impressões que teve das imagens.

Lembrando que o levantamento de hipóteses pode ser de forma dialogada, juntamente com o/a professor/a, para que este/esta possa orientar as dúvidas e suscitar a curiosidade da classe.

Após esta etapa, apresentam-se documentos escritos. Esses devem ser lidos e discutidos pela turma, cabe novamente o apoio do/a professor/a para sanar dúvidas e dar esclarecimentos sobre os/as autores/as, por exemplo.

Os textos escritos têm a finalidade de complementar a atividade com as imagens, possibilitando comparações, refutar ou comprovar as hipóteses que foram levantadas anteriormente e trazer novas informações.

Poderão surgir novas questões ou hipóteses ficarão sem solução, nestes casos, caberá ao/a professor/a avaliar a possibilidade de novas fontes ou introduzir uma atividade de pesquisa extra.

Por fim, os/as estudantes elaborarão sua conclusão a respeito da presença e

participação das mulheres na Guerra e, a partir dessa sensibilização, deverão investigar, em sua comunidade, o papel de diferentes mulheres e a importância que elas têm para a sociedade em que vivem.

A atividade final será a elaboração de um painel, partindo da criatividade dos/as estudantes, contendo os materiais elaborados durante as aulas a respeito das mulheres na Guerra e os materiais coletados sobre as mulheres em sua comunidade.

A avaliação deverá ser continuada e processual, acompanhando os/as estudantes a cada etapa da oficina, com especial atenção para a atividade final, quando se avaliará em que medida os/as estudantes compreenderam o papel das mulheres nos diferentes espaços e tempos, ou seja, nas sociedades do século XIX e em sua própria comunidade nos dias de hoje, identificando diferentes sujeitos, suas lutas e conquistas.

## FONTES ICONOGRÁFICAS

### IMAGEM 1: LA PARAGUAYA

A obra *La Paraguaya*, concluída em 1879, teve como autor o renomado pintor uruguaio Juan Manuel Blanes, que viveu entre 1830-1901. Conhecido por ser um artista atento aos detalhes e ao realismo nas suas representações, Blanes também gostava de se dedicar aos temas históricos.

Fonte: BLANES, Juan Manuel (1830-1901). *La Paraguaya*. Óleo sobre tela, 100 x 80 cm. Concluída em 1879. Museu Nacional de Artes Visuales – Uruguai. Disponível em: <http://mnav.gub.uy/cms.php?o=1083>. Acesso em: 08 de maio de 2024.



## IMAGEM 2: ANTONIA ALVES FEITOSA – JOVITA

Jovita foi uma piauiense de 18 anos que, em 1865, vestiu-se de homem e candidatou-se como soldado Voluntária da Pátria. Sua identidade feminina foi descoberta, mas Jovita acabou sendo aceita na função de enfermeira e embarcou com os demais oficiais rumo a Corrientes.

Fonte: CHAPELIN, Leon. *Antônia Alves Feitosa* [Guerra do Paraguai]. Coleção Francisco Rodrigues FR-01900. carte de visite. 10.5X6.3. Recife, Pernambuco, 1865. Instituição Fundação Joaquim Nabuco.

Disponível em: [http://digitalizacao.fundaj.gov.br/fundaj2/modules/visualizador/!uit\\_frame.php?cod=3592](http://digitalizacao.fundaj.gov.br/fundaj2/modules/visualizador/!uit_frame.php?cod=3592). Acesso em: 02 de maio de 2024.



### IMAGEM 3: HOMENS E MULHERES INDÍGENAS DO CHACO EM FRENTE A ASSUNÇÃO

A população paraguaia do século XIX era composta, na sua maioria, por etnias indígenas como os índios do Chaco ou Patagônia, representados na fotografia. Em várias ocasiões, durante a Guerra do Paraguai, os aliados se encontraram com grupos indígenas e registraram o momento.



INDIOS do Chaco - Defronte d'Assumpção. Paraguai: s.n., 1868-1870. 1 foto. papel albuminado. p&eb. 12,7 x 19 cm. Acervo Biblioteca Nacional Digital Brasil. Disponível em: [https://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo\\_digital/div\\_iconografia/icon393033/icon1406450.jpg](https://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_iconografia/icon393033/icon1406450.jpg). Acesso em: 02 de maio de 2024.

## ATIVIDADE 1: identificação e interpretação de imagens

### 1. Identificação Primária:

Neste item sugere-se que você faça uma descrição detalhada de cada imagem. Relate tudo o que é possível visualizar: seres humanos, animais, objetos, cenário, expressões, vestimentas, etc. Também a forma de representação: se é pintura, fotografia, quem foi seu/sua autor/a, ano da produção dimensões da imagem, etc.



### 2. Identificação Secundária:

Com base na sua descrição anterior, aponte qual é o assunto de cada imagem, ou seja, qual é o fato histórico que pode ser reconhecido e estabeleça uma ligação deste fato com a imagem.



4. Por meio das diferentes perspectivas apresentadas pelas imagens, elabore uma conclusão prévia a respeito da presença e da participação das mulheres brasileiras e paraguaias na Guerra do Paraguai.



### 3. Identificação intrínseca:

Identifique em cada imagem os conteúdos que não estão visíveis. Associando as cenas com o ambiente histórico, você conseguirá interpretar os sentidos não explícitos pelos/as autores/as.

## ATIVIDADE 2: levantando hipóteses

---

### IMAGEM 1:

1. Na sua opinião, qual foi o objetivo do autor ao compor a cena?
2. A partir da imagem, qual perfil você traçaria da mulher paraguaia pós-guerra, pensando nas características étnicas, culturais, sociais, emocionais, entre outros?
3. Qual impressão que este cenário pós-Guerra pode causar nos observadores?

### IMAGEM 2:

1. Por quê, na sua interpretação Jovita vestiu uma saia sobre o uniforme de soldado?
2. Por quê, em sua opinião, mesmo uniformizada, Jovita não segura uma arma?
3. Como será que a atitude de Jovita foi recebida pela sociedade daquela época?

### IMAGEM 3:

1. O que os/as personagens, que posaram para a fotografia, podem nos revelar sobre as características étnicas e culturais da população paraguaia no contexto da Guerra?
2. Por que as mulheres estão sentadas enquanto os homens aparecem em pé?
3. O que teria levado os indígenas da região do Chaco para Assunção?

## FONTES ESCRITAS

# A mulher paraguaia na Guerra

### Documento 1: Mulheres enfermeiras

“Jovens mulheres eram contratadas para servir os feridos que não tinham quem os cuidasse. As jornadas de trabalho se alternavam entre os horários diurno e noturno. As trezentas e quatrocentas camas e em alguns casos durante a cólera, mil camas do hospital nunca estavam vazias. Não poucas mulheres desconfiavam dos métodos da medicina moderna dos cirurgiões e às escondidas punham em prática antigas receitas naturais.

Embora alguns observadores **criticavam a presença feminina** [grifo nosso] outros diziam que elas eram indispensáveis nos lotados quartos de feridos da guerra, atingidos pelos ferimentos tanto quanto pelas enfermidades. Quase todas as mulheres [...] tinham entre 15 a 20 anos.” (BARRETO VALINOTTI, Ana. **Las mujeres**. Colección 150 anos de la Guerra Grande nº. 7. El Lector, Asunción, Paraguay, 2013, pp. 21-22, *tradução nossa*.)

### Documento 2: Mulheres provedoras

“Quando o marechal López decretou a mobilização total da população masculina em 1866 [...], a economia paraguaia se transformou automaticamente em uma economia de ‘guerra total’.

As mulheres paraguaias que tradicionalmente se ocupavam do cultivo da fazenda, e a venda posterior de produtos de granja e agrícolas, e costuravam vestuários para o exército, passaram agora a converter-se nas principais provedoras do Estado

desses produtos, e claro, também deviam lavar com mais intensidade a terra, depois de planejados e supervisionados os campos agrícolas.

O peso do abastecimento do exército passou, no segundo ano da guerra, a recair inteiramente sobre as mulheres, meninos, meninas e homens acima de 60 anos.” (BARRETO VALINOTTI, Ana. **Las mujeres**. Colección 150 anos de la Guerra Grande nº. 7. El Lector, Asunción, Paraguay, 2013, p. 27, *tradução nossa*.)

### Documento 3: Relatos de um militar brasileiro no momento da ocupação de Assunção

"Mais tarde, foram chegando famílias, constituídas exclusivamente de mulheres e crianças, que se tinham refugiado nos povoados próximos. A cidade ia perdendo o aspecto demasiado severo de praça de guerra. Nas ruas e lagos, viam-se grupos de mulheres sentadas em pequenos tamboretas, vendendo em tabuleiros de pau *chipas*

e frutas, rendas, em que são exímias, e o afamado *inhanduti*, que dizem ser de tecido muito de moda. Todas, sem exceção, andavam descalças." (CERQUEIRA, Dionísio. **Reminiscências da campanha do Paraguai, 1865-1870**. Rio de Janeiro Biblioteca do Exército. Coleção General Benício, pub. 499, vol. 179, 1980, p. 309.)

### Documento 4: As reconstrutoras

"Nem todos os homens paraguaios haviam morrido no conflito, mas a relação demográfica entre os sexos foi muito desequilibrada. Havia em média quatro mulheres por homem; em alguns lugares, não obstante, a relação foi de um para dez ou vinte. Estas circunstâncias, mesmo que seu papel tradicional tenha sido camponês, as obrigava a assumir a tarefa de reconstruir a economia e a sociedade paraguaia." (POTTHAST,

Barbara. Algo más que heroínas. Varias roles y memorias femeninas de la Guerra de la triple alianza. **Diálogos** - Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História, vol. 10, núm. 1, 2006, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, Brasil, pp. 98-99, [tradução nossa]. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=305526864009>. Acesso em: 10 de maio de 2024)

# A mulher brasileira na Guerra do Paraguai

## Documento 5: O papel social da mulher na Guerra

“Chegaram os retratos do Viegas, o meu antigo inspetor, e da interessante Jovita que me pareceu muito engraçada nos seus trajes de primeira Sargenta. Entretanto Polidoro, como homem de muito juízo e bom senso, fez muito bem não consentindo na partida daquela patriota como soldado. O papel de enfermeira para a mulher que queira dedicar-se é o mais elevado e nobre possível; concilia a dedicação e a conveniência, a abnegação e a dignidade. A piauiense devia considerar tudo isso e em lugar

de seus instintos belicosos, lembrar-se de que para uma mulher é mais nobre sanar feridas do que as abrir.” (TAUNAY apud DOURADO, Maria Tereza. **Mulheres comuns, senhoras respeitáveis:** A presença feminina na Guerra do Paraguai. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Dourados, Mato Grosso do Sul, 2002, p. 85. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cp000145.pdf>)

## Documento 6: A presença feminina não oficial: de esposas a amantes

“Essas mulheres que seguiam o exército não tinham medo de coisa alguma. iam às avançadas mais perigosas levar a *bóia* dos maridos. Nas linhas de atiradores que combatiam encarniçadas, vi-as mais de uma vez achegarem-se dos feridos, rasgarem as saias em ataduras para lhes estancarem o sangue, montá-los na garupa dos seus cavalos e conduzi-los

no meio das balas para os hospitais. Algumas trocavam as amazonas por bombachas nos dias de combates e, as pontas das suas lanças formavam os salientes nas cargas dos seus regimentos.” (CERQUEIRA, Dionísio. **Reminiscências da campanha do Paraguai, 1865-1870.** Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército. Coleção General Benício, pub. 499, vol. 179, 1980, p. 300.)

### Documento 7: A cólera nos campos de batalha

"Nesse mesmo dia 28 morreram algumas mulheres, mais abandonadas ainda do que os outros doentes, mais privadas de socorros e, em razão de sua natural fraqueza, mais assinaladas com o selo da última miséria."

(TAUNAY, Alfredo d'Escragolle Taunay, Visconde de. **Retirada da Laguna**. Tradução de Salvador de Mendonça. Rio de Janeiro: Typ. Americana, 1874, p. 192. <http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/221688>.)

### Documento 8: Mulheres no combate

"Menina era também Maria Francisca da Conceição, ou Maria Curupaiti, de 13 anos de idade, casada com um cabo do corpo de pontoneiros. Proibida de acompanhar o marido, disfarçou-se de homem, e, lado a lado com ele, combateu em Curuzu, quando seu companheiro foi mortalmente ferido. Mantendo

seu disfarce, participou, em seguida, do ataque a Curupaiti, onde foi ferida. No hospital, finalmente, teve sua identidade revelada e ganhou sua alcunha." (SALLES, Ricardo. **Guerra do Paraguai**: Memórias & Imagens. Rio de Janeiro, Edições Biblioteca Nacional, 2003, p. 122)

## ATIVIDADE 3: estabelecendo relações

### 1. Confirmando hipóteses:

Após a leitura dos documentos escritos, avalie as hipóteses levantadas anteriormente, verificando se houve confirmação ou não e se alguma hipótese permaneceu sem resposta.



### 2. Relacionando fontes:

Estabeleça relações entre as informações das imagens e os documentos escritos, quanto aos sujeitos que nelas aparecem: suas características étnico, culturais e sociais e os papéis que desempenharam naquele contexto.



### 4. Reconhecendo os sujeitos:

Elabore uma conclusão sobre a importância que tiveram as diferentes mulheres na Guerra do Paraguai quanto a sua atuação nos campos de batalha e fora deles e as dificuldades que essas mulheres enfrentaram.



### 3. Comparando sujeitos históricos:

Compare a presença e atuação das mulheres brasileiras e paraguaias nas fontes analisadas.

## ATIVIDADE 4: elaboração de um painel

Para a atividade final, cada estudante ou grupo de estudantes irá analisar atentamente o local onde vive: sua casa, seu bairro, cidade, vila, etc., para identificar as distintas mulheres, considerando as suas características étnico-culturais e sociais, seus afazeres, profissões e contribuições.

Feita a identificação, deverão avaliar o melhor recurso de registro dessas ações e características femininas, podendo ser em forma de relatos das próprias mulheres, narrativas dos/as estudantes, desenhos ou fotografias (caso seja permitido este tipo de registro).

O material elaborado deverá ser socializado com a turma, relatando

sobre a escolha e as descobertas realizadas.

Em seguida, os/as estudantes poderão compor um único mural com os materiais coletados e as atividades sobre as mulheres na Guerra do Paraguai, a fim de que se possa estabelecer comparações e relações entre os sujeitos mulheres nos diferentes espaços e tempos, considerando os papéis desempenhados em cada um dos momentos e as características étnicas, culturais e sociais identificadas.

Objetiva-se que o mural seja elaborado a partir da criatividade dos/as estudantes e que fique à mostra para demais estudantes da unidade escolar.

## AULA-OFICINA 2

---

# AS CRIANÇAS NA GUERRA DO PARAGUAI

### Tema

---

A presença de crianças brasileiras e paraguaias na Guerra do Paraguai.

### Identificação

---

Apresenta-se uma proposta de aula-oficina para a abordagem da participação de menores no conflito sul-americano de 1864 a 1870.

A oficina é composta por três imagens fotográficas do contexto da Guerra, nas quais é possível visualizar uma indígena com uma criança aninhada às costas, um grupo de crianças e mulheres supostamente sendo atendidas por enfermeiros e um menino paraguaio, feito prisioneiro, posicionado junto a um oficial aliado.

Além das imagens, incluem-se documentos escritos, relatos de contemporâneos do conflito que deixaram registradas suas impressões e hoje são importantes fontes de pesquisa. Tais documentos abordam a presença de crianças no conflito, como isso se deu e os reflexos da Guerra sobre a vida delas.

Para o trabalho com as distintas fontes, sugere-se uma sequência de atividades que irá guiar a análise e leitura dos documentos.

### Justificativa

---

A escassez de material pedagógico referente ao tema e a pouca ou nenhuma menção da temática nos diversos manuais didáticos impulsionaram a investigação e a elaboração desta proposta de aula-oficina.

Ademais, importantes pesquisas e trabalhos publicados nos últimos anos apontam para a participação de diferentes sujeitos no conflito, contudo essas abordagens são relativamente novas se comparadas ao período já sucedido desde o término da Guerra.

Portanto, acredita-se ser salutar abordar e aprofundar a presença das crianças no contexto da contenda, tratando-as, também, como sujeitos que lá estiveram, embora não por vontade própria, mas porque suas mães seguiam os companheiros pelos tortuosos caminhos da Guerra, porque os campos de batalha exigiam cada vez mais soldados ou, ainda, por virem ao mundo em meio ao sangrento combate.

## Contextualização

---

Na Guerra do Paraguai, registrou-se a presença de menores por meio de relatos e raras imagens fotográficas. São crianças de diferentes idades, origens e nacionalidades, as quais foram, de alguma maneira ou outra, arroladas ao conflito. Muitas, na tenra idade, acompanharam suas mães (vivandeiras, companheiras ou esposas dos soldados); outras estiveram envolvidas na contenda como soldados; houve, ainda, os pequenos que nasceram em meio à Guerra, nos acampamentos improvisados, e ali cresceram junto aos soldados, compartilhando de uma vida rude.

Não existe uma contabilização referente ao número, vidas e baixas, como ressaltou Salles (2003, p. 128), mas a presença das crianças foi atestada pelos testemunhos de participantes do confronto.

Testemunhos deste grande confronto, os menores viveram toda a crueldade que um ambiente de guerra oferece e, em muitos casos, foram as maiores vítimas. No Paraguai, esses pequenos sobreviventes foram a esperança da reconstrução da nação. No Brasil, o impacto deu-se em menor proporção, mas não de menor importância para as crianças que vivenciaram o conflito.

Cerqueira, em suas *Reminiscências*, registrou, em diferentes passagens, a presença de crianças nos campos de batalha, demonstrando que elas lá estiveram em espaços e situações diversas, documentando inclusive o nascimento de algumas delas.

Os quase seis anos de conflito deram espaço para arranjos amorosos que se fizeram e se desfizeram e deles, muitas vezes, nasciam os/as pequenos/as. E naquele contexto, com poucas possibilidades de uma vida diferente e procurando estar com seus companheiros, as mulheres seguiam com seus bebês, mesmo sujeitas às dificuldades e violências.

Diferentes oficiais brasileiros que estiveram na Guerra como o já citado Cerqueira (1980), mas também o tenente-coronel Albuquerque Bello (2011),

Benjamin Constant (1999) e o Visconde de Taunay (1874) documentaram, por meio de seus escritos, as diversas formas de violências e adversidades às quais ficaram expostos os menores nos acampamentos e nos campos: crianças que presenciaram as cenas de horror, outras que foram mortas nas batalhas, lutando ou vitimadas pelos ataques. Mas, possivelmente, a maior parte delas tenha padecido da subnutrição e das doenças, os recursos médicos e os provimentos já eram escassos para os soldados e mais ainda o eram para as crianças e mulheres.

Esta realidade foi vivenciada tanto pelos menores nos acampamentos brasileiros quanto pelas crianças paraguaias. Contudo, considerando que a maior parte do conflito foi travado em território guarani, verificou-se que as consequências da Guerra foram ainda mais traumáticas naquela nação. A escassez de alimentos e as enfermidades afetaram grande parte da população, causando enorme mortandade de crianças e mulheres.

Além disso, registrou-se a presença de grande número de menores, por vezes ainda meninos, lutando nos campos como jovens soldados. De acordo com o pesquisador Capdevila (2012, p. 42), o alistamento de rapazes de apenas 13 anos de idade foi autorizado a partir de 1867, quando o governo paraguaio já

sentia a falta de novos combatentes. Contudo, a presença dos jovens já antecedia a essa data.

Apesar dessa baixa idade, em alguns casos ela foi ainda menor, os autores Capdevila (2010, p. 42) e Potthast (2005, v. 103, p. 94), ao citarem o testemunho de Emili Laurent-Cochelet, que foi cônsul francês em Assunção de 1852 a 1868, indicaram que crianças de até 7 anos foram usadas para conduzir os animais dos correios.

Entretanto, a experiência que mais abalou a república paraguaia, rememorada todos os anos, foi a Batalha de Acosta Ñu, conhecida também como Batalha de Campo Grande, ocorrida quando os aliados tomavam Piribebuy, em agosto de 1869. Nesta batalha, teriam lutado em torno de 3 mil a 6 mil combatentes paraguaios, entre os quais muitos meninos, e em torno de 20 mil combatentes aliados. Foi uma luta injusta, não somente pela disparidade numérica, como também pela presença dos menores, que foi ignorada pelos soldados aliados. O resultado foi desastroso, com grande número de baixas e prisioneiros paraguaios. Cerqueira (1980, p. 329), que esteve presente naquele combate, não deixou de documentar suas impressões acerca dos muitos meninos feridos e mortos que se encontravam espalhados pelo campo, mencionando o quão terrível foi a luta.

O Paraguai, em 1869, encontrava-se desprovido de homens combatentes, haviam se passado anos de combates desgastantes. Assim, os meninos que cresceram desde o último alistamento foram arrolados ao exército.

Diante desse contexto, é imprescindível compreender que a noção de infância para o contexto do século XIX difere, em vários aspectos, para os dias atuais. Levava-se muito mais em consideração o desenvolvimento físico do que a própria idade. Neste sentido, um menor de 14 anos poderia ser apto, por exemplo, a se casar ou a trabalhar, sem que isso causasse grande estranheza. Afinal, na grande maioria das nações do século XIX não havia uma regulamentação específica destinada aos menores. Essa discussão iniciou em fins do século XIX, na Europa, e ganhou força apenas no século XX, na tentativa de proteger crianças e adolescentes da exploração, abusos e exposição à violência.

No Brasil, por exemplo, a primeira legislação que se referiu à regulamentação do trabalho dos menores foi o

Decreto Nº 1.313 de 1891, este definiu que somente crianças com mais de 12 anos de idade poderiam ser contratadas como trabalhadores nas fábricas de tecidos e, como aprendizes, crianças acima de 08 anos. Contudo, a elaboração de um código específico para atender os menores se deu apenas em 1927, pelo Decreto nº 17.943-A, de 12 de outubro de 1927, que consolidou as leis de assistência e proteção a menores.

Sendo assim, é possível depreender que, na ocasião da Guerra do Paraguai, os menores encontravam-se desassistidos de uma legislação que os protegesse da exposição à violência. E que essa circunstância está relacionada a uma noção de infância própria daquele contexto, quando as discussões acerca da proteção à criança e ao adolescente ainda não se faziam presentes tal qual nos dias atuais.

Desse modo, a Guerra foi chegando até as crianças e vitimando-as de diferentes formas: quer pelas mazelas, quer pelas armas.

## OBJETIVOS

### Objetivo Geral

---

- Abordar por meio de distintas fontes a participação de menores na Guerra do Paraguai.

### Objetivos Específicos

---

- Reconhecer, por meio das fontes, a presença de crianças no conflito.
- Identificar os motivos que propiciaram o envolvimento de menores no confronto.
- Avaliar as consequências às crianças afetadas direta ou indiretamente pela Guerra.
- Possibilitar aos/as estudantes o contato e análise de documentos históricos reproduzidos em contexto escolar.

## METODOLOGIA

A aula-oficina aqui proposta encontra-se organizada nas seguintes etapas:

**Atividade 1: investigando os conhecimentos** – nessa primeira tarefa, o objetivo será identificar os conhecimentos prévios dos/as estudantes a respeito do tema. Portanto, propõem-se questões que convirjam com os objetivos da oficina.

**Atividade 2: socializando as respostas** – esse será o momento em que os/as estudantes poderão expor as respostas dadas às questões anteriores, numa aula dialogada. Sugere-se que o/a professor/a faça, junto com os/as

seus/suas estudantes, um registro das hipóteses levantadas, verificando as recorrências e ausências nas respostas, bem como discutindo-as com os/as estudantes. Essa atividade dará pistas para o/a professor/a averiguar quais são os conhecimentos já construídos, em que nível se encontram, se existem visões equivocadas ou estereotipadas, entre outros, a fim de direcionar as próximas discussões.

**Fontes iconográficas** – nesse passo, apresentam-se três fotografias do contexto da Guerra do Paraguai representando crianças, mas com assuntos

distintos. Num primeiro momento, o/a professor/a poderá conduzir uma conversa para verificar se os/as estudantes já conheciam tais imagens, quais impressões elas lhes causaram, entre outros.

**Atividade 3: análise das fontes iconográficas** – nessa atividade, espera-se que os/as estudantes realizem uma análise mais aprofundada das imagens; essa está organizada em três subitens que correspondem à identificação das imagens na sua forma pura considerando objetos, pessoas e cenário e a interpretação dos conteúdos explícitos e implícitos nas imagens. Esta tarefa poderá ser realizada em duplas ou grupos para que os/as estudantes possam discutir suas ideias e observações. O recurso para a apresentação das imagens ficará a cargo do/a professor/a, pois dependerá das possibilidades da instituição escolar.

**Fontes escritas** – nessa seção apresentam-se documentos escritos cuja leitura deverá auxiliar neste estudo, no

que tange às formas como as crianças foram envolvidas no conflito e as consequências da Guerra para elas.

**Atividade 4: problematização das fontes** – essa etapa apresenta questões que se voltam às perguntas iniciais (da Atividade 1). O objetivo é avaliar os avanços em relação ao levantamento dos conhecimentos prévios.

**Avaliação: comunicação do aprendizado** - a avaliação está organizada em dois momentos. No primeiro, espera-se que os/as estudantes possam expressar o aprendizado numa aula dialogada. E no segundo momento, sugere-se a produção textual de diferentes gêneros. Os textos produzidos poderão compor um livro de textos da turma. Por conseguinte, esse material poderá ser arquivado na biblioteca da escola para que estudantes de outras turmas possam ter acesso. Além disso, será uma forma de registro das atividades realizadas, processo importante para a atividade pedagógica que muitas vezes carece de registros.

## ATIVIDADE 1: Investigando os conhecimentos

---

1. Você considera ser possível crianças terem estado e lutado na Guerra do Paraguai?
2. De que maneira crianças podem ter sido envolvidas neste conflito?
3. Existiram na Guerra crianças soldados?
4. Quais podem ter sido as consequências para as crianças paraguaias e brasileiras ao longo do confronto e após seu término?

## ATIVIDADE 2: Socializando as respostas

---

1. Nessa atividade os/as estudantes deverão expor as suas respostas.
2. Em conjunto professor/a e estudantes poderão registrar e discutir as hipóteses levantadas. Esse registro poderá ser feito na própria lousa para todos/as visualizarem e anotarem se preferirem.

## FONTES ICONOGRÁFICAS

### IMAGEM 1: ÍNDIA COM CRIANÇA ÀS COSTAS

Índia Belela, do Paraguai, com uma criança às suas costas. Fotografia tirada entre 1865 e 1870.

TREBBI, Frederico. Índia Belela. Paraguai: s.n., entre 1865 e 1870. 1 foto: carte de visite, papel albuminado, p&B., 9 x 5,7. Custódia: Biblioteca Nacional (Brasil). Disponível em: [http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo\\_digital/div\\_iconografia/icon514942\\_1152999/icon1152926.jpg](http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_iconografia/icon514942_1152999/icon1152926.jpg). Acesso em: 02 de maio de 2024.



### IMAGEM 2: MULHERES E CRIANÇAS PARAGUAIAS

Mulheres e crianças paraguaias posam para fotografia no momento em que parecem estar sendo atendidas por enfermeiras e médicos.



FAMÍLIAS PARAGUAIAS desabrigadas durante a Guerra do Paraguai. 1867. Custódia: Arquivo Nacional do Brasil, Rio de Janeiro. Disponível em: <https://pin.it/byhhp2demep36f>. Acesso em: 09 de maio de 2024.

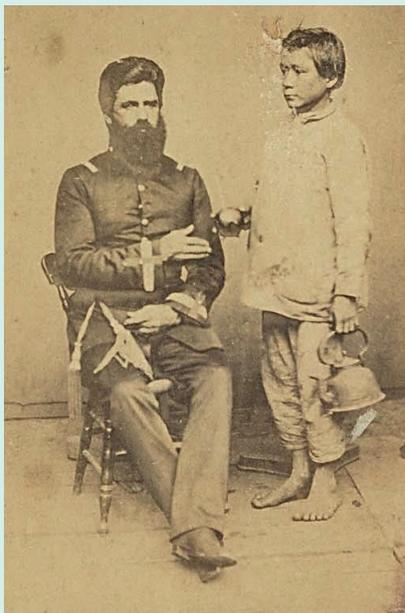
### IMAGEM 3: PRISIONEIRO PARAGUAIO

Prisioneiro paraguaio em janeiro de 1868, capturado e incorporado para prestar serviços ao oficial que posa ao seu lado.

#### A infância

Importante saber que, naquele momento, muitas nações ocidentais já se posicionavam contrárias ao uso de crianças pequenas nos combates, pois entendia-se que elas deveriam ser protegidas. Entretanto, é preciso estar ciente de que a concepção de infância no século XIX difere dos dias atuais. Um menor de 14 anos, por exemplo, poderia se casar ou trabalhar como se fosse um adulto.

Questões como o trabalho infantil e direitos das crianças e adolescentes passaram a ser discutidos somente no final daquele século e início do século XX.



PRISIONEIRO Paraguayo. Paraguai: s.n., 1868.  
1 foto, papel albuminado, p&nb, 9 x 5,6 cm.  
Coleção: Biblioteca Fluminense. Custódia:  
Biblioteca Nacional (Brasil). Disponível em:  
[http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo\\_digital/  
div\\_ikonografia/icon393035/icon1408778.html](http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_ikonografia/icon393035/icon1408778.html).  
Acesso em: 02 de maio de 2024.

## ATIVIDADE 3: Análise das fontes iconográficas

### 1. Identificação Primária:

Nesse item você deverá fazer uma descrição detalhada de cada imagem. Relate tudo o que é possível visualizar: seres humanos, animais, objetos, cenário, expressões, vestimentas, etc. Também a forma de representação: se é pintura, fotografia, quem foi seu/sua autor/a, ano da produção dimensões da imagem, etc.



### 2. Identificação Secundária:

Com base na sua descrição anterior, aponte qual é o assunto de cada imagem, ou seja, qual é o fato histórico que pode ser reconhecido e estabeleça uma ligação deste fato com a imagem.



### 3. Identificação intrínseca:

Identifique em cada imagem os conteúdos que não estão visíveis. Associando as cenas com o ambiente histórico, você conseguirá interpretar os sentidos que não estão explícitos.

## FONTES ESCRITAS

---

### Documento 1: Os nascimentos em meio a Guerra

Neste trecho, Dionísio Cerqueira, que foi militar brasileiro combatente da Guerra, fala de crianças que nasciam nos acampamentos e passavam a acompanhar seus pais:

"Não era muito raro ouvir à noite depois do toque de silêncio um vagido de criança, que nascia. Na manhã seguinte, fazia a sua primeira marcha amarrada às costas de alguma china caridosa ou da própria mãe, que, com a cabeça envolvida num lenço vermelho, cavalgava magro matungo, cuja sela era uma barraca dobrada, presa ao lombo por uma guasca.

Esses filhos do regimento criavam-se fortes e, livremente, cresciam nos acampamentos, espertinhos e vestidos de soldadinhos, com um gorro velho na cabeça e comendo a magra bóia que com eles e as mães, repartiam os pais, brutais às vezes, mas quase sempre amorosos e bons."

(Fonte: CERQUEIRA, Dionísio **Reminiscências da campanha do Paraguai, 1865-1870**. Rio de Janeiro Biblioteca do Exército. Coleção General Benício. pub. 499. vol. 179. 1980. p. 99).

## Documento 2: Menores combatentes

Este texto é a tradução da escrita de Emili Laurent-Cochelet, que foi cônsul francês em Assunção de 1852 a 1868, citado pela autora Barbara Potthast. Laurent-Cochelet fala dos recrutamentos de adolescentes e crianças pelo governo paraguaio:

“Se publicou em 28 de maio, na campanha, uma nova ordem chamando para baixo das armas o resto dos habitantes de 14 anos para cima. Já se havia recrutado todos os homens de 15 a 60 anos, e eu vi um regimento inteiramente composto por adolescentes. O que pode esperar-se de semelhantes soldados, incapazes de resistir as fadigas de uma campanha!

A pressão foi ainda maior [que os de Misiones, B.P] para os distritos próximos da capital para obter um grande número de jovens de 13 a 16 anos, que os recrutamentos anteriores haviam deixado de lado.

Em Assunção, se continua enviando ao Exército sucessivamente todos os funcionários de Estado, únicos homens aptos restantes, os oficiais do porto, os médicos militares da praça, controladores e funcionários da Alfândega. [...] Se assegura que além dos feridos e mutilados, se recruta para o serviço militar até os meninos de 7 anos, para serem os condutores dos animais que levam o correio!

Se continua recrutando ativamente. Todos os meninos que cresceram desde o último alistamento, todos os idosos inválidos que foram meio restabelecidos, até leprosos, são postos abaixo da bandeira. Se vê partir para Humaitá companhias de meninos que mal conseguem sustentar o peso dos fuzis, e cujos oficiais não passam de um.”

(Fonte: RIVAROLA, 1988 apud POTTHAST, Barbara. Niños soldados y niñas famélicas en la Guerra del Paraguay. In: **Entre la familia, la sociedad y el Estado. Niños y jóvenes en América Latina (siglos XIX - XX)**. CARRERAS, Sandra. POTTHAST, Barbara. Madrid / Frankfurt am Main: Bibliotheca Ibero-Americana. V. 103. 2005. p. 94. [tradução nossa]. Disponível em: [https://publications.iain.spk-berlin.de/receive/riai\\_mods\\_00001263](https://publications.iain.spk-berlin.de/receive/riai_mods_00001263). Acesso em: 02 de maio de 2024).

### Documento 3: Crianças roubadas

Durante a presença das forças aliadas no Paraguai, muitas pessoas foram raptadas. E para tentar localizar filhos, parentes ou até mesmo famílias inteiras perdidas, publicavam-se avisos em periódicos ou encaminhavam-se pedidos de buscas às embaixadas, como estes citados nos escritos de Decoud:

#### CRIANÇA PERDIDA

Joaquina Vera roga a todos a quem chegue este aviso, lhe deem notícias de seu filho de 5 anos chamado Juan B. Molina, que foi perdido em Caacupé em agosto do ano passado, e que agradecerá eternamente. A esta imprensa remeter.

As características do menino são: cabelos castanhos e crespos, olhos pardos, meio branco mas muito queimado do sol, rosto redondo, com um sinal na cabeça de onde sai um cabelo branco, duas verugas em uma mão e nascido no departamento da Villa del Pilar. (Publicado originalmente no periódico La Regeneración, nº 50 de 11 de dezembro de 1869)

[...]

N. 261

Assunção, 19 de agosto de 1873.

O assinante, ministro das relações exteriores, se dirige a Você para encarregá-lo a descobrir o paradeiro da menina Rosa Isabel, de 10 anos de idade e que por notícias que tem sua mãe, D. Felicia Rios, consta estar na casa da família do falecido D. Juan Gato, que reside em Morón, e caso a encontrar faça-a embarcar com destino a esta capital no primeiro vapor de saída que o governo tem passagem.

Deus guarde a Você muitos anos.

JOSÉ DEL R. MIRANDA

Ao senhor Mariano Boneo, cônsul do Paraguai em Buenos Aires.

(DECOUD, Héctor Francisco. **Sobre los escombros de la Guerra**: Una década de vida nacional 1869-1880. Tomo Primeiro. Asunción, Paraguay, 1925, pp. 252-253 [tradução nossa]. Disponível em: <http://bibliotecanacional.gov.py/biblioteca/sobre-los-escombros-de-la-guerra-una-decada-de-vida-nacional-1869-1880-tomo-primero/>. Acesso em: 04 de maio de 2024.).

## Documento 4: Menores recrutadas

No Brasil, não foi muito comum a presença de menores combatentes nos campos de batalha. Mas, muitos menores, por vezes crianças, foram recrutados de diversas províncias. Por decisão do Ministério da Guerra, a maioria destes eram enviados para instituições do Exército destinados aos aprendizes. O historiador Adler H. F. de Castro realizou uma pesquisa a respeito dos Aprendizes Menores do Arsenal de Guerra e fez a seguinte constatação:

"No Brasil há documentos que apontam que os recrutadores não se preocupavam muito com a idade, ou mesmo com o porte físico, do recruta a ser enviado para o exército, ainda mais contando que os policiais recebiam um bônus por cada 'recruta' feito, o mesmo valor (5.000 réis em 1842) que era pago pela captura de um desertor.

[...]

Por exemplo, apenas em 1865, encontramos menção de 23 menores dos contingentes de voluntários e guardas nacionais vindos do Ceará e que no Batalhão 107 da Guarda Nacional e no Corpo de Voluntários Princesa Leopoldina, ambas da Bahia, tinham vindo 21 menores. Outras províncias do Império também enviaram crianças como Voluntários da Pátria."

(CASTRO, Adler Homero Fonseca de. Crianças na Guerra: os aprendizes menores do arsenal de guerra. In: **150 anos após – A Guerra do Paraguai**: entrealhares do Brasil, Paraguai, Argentina e Uruguai. Vol. 1. SQUINELO, Ana Paula (org.). Campo Grande-MS. Ed. UFMS, 2016. pp. 210-211).

## ATIVIDADE 4: Problematização das fontes

- O que as fontes analisadas nos anunciam a respeito das crianças no contexto da Guerra do Paraguai?
- Explique como as crianças foram envolvidas nesse conflito, tanto do lado brasileiro quanto do lado paraguaio.
- O que as fontes fotográficas e textuais nos mostram sobre as consequências da Guerra para os menores que nela estiveram?

## AVALIAÇÃO: Comunicação do aprendizado

### 1º Passo:

Sugere-se que os/as estudantes realizem uma pesquisa sobre situações de vulnerabilidade de crianças, de sua localidade ou do país, à violência, ao trabalho infantil ou a outras circunstâncias semelhantes. Para esta investigação, o/a professor/a poderá sugerir os recursos mais apropriados para a realidade local: noticiário televisivo, jornais ou revistas, meios de comunicação digital, sites, entre outros.

### 2º Passo:

Espera-se que os/as estudantes consigam verbalizar sobre o que eles apreenderam e sobre o que esse conteúdo significou para a sua vida.

Como sugestão os/as estudantes poderão se orientar pelas seguintes questões:

O que a pesquisa lhe mostrou sobre as crianças do tempo presente?

O que esse conteúdo lhe ensinou sobre as crianças que estiveram na Guerra?

### 3º Passo:

Por fim, propõe-se uma forma de registro por meio da produção textual de diferentes gêneros. Os textos poderão compor um livro da turma. A finalidade é dispor deste material na biblioteca da escola para acesso aos demais estudantes.

## AULA-OFICINA 3

---

# NEGROS E LIBERTOS LUTANDO NA GUERRA DO PARAGUAI

### Tema

---

A participação de homens negros, pardos e de escravizados libertos nos exércitos brasileiro e paraguaio, na Guerra do Paraguai.

### Identificação

---

Apresenta-se uma proposta de aula-oficina do conteúdo da Guerra do Paraguai para o reconhecimento e problematização da participação de homens negros, pardos e de escravizados libertos nos exércitos brasileiro e paraguaio.

### Justificativa

---

A abordagem da presença dos negros, pardos e ex-escravizados na Guerra do Paraguai ainda é vagamente mencionada nos livros didáticos de História destinados ao Ensino Médio, especialmente quando se trata do exército paraguaio. Há pouca ou nenhuma menção a estes homens, o que cria uma falsa impressão de exércitos compostos por homens brancos, quando, na verdade, grande parte dos brasileiros convocados para o conflito pertencia à população mais pobre for-

mada, em grande medida, por negros e mestiços.

Do mesmo modo, negligenciar a presença de homens negros no exército paraguaio significa excluir esse grupo étnico da constituição daquele país. Tradicionalmente, costumou-se a identificar o elemento espanhol e mestiço, quando muito o indígena, enquanto que o negro, já presente na região que viria a compor o Paraguai desde o século XVIII, foi negado pela historiografia e discursos nacionalistas do século XX.

Assim como a participação dos homens negros e pardos na Guerra merecem maior reconhecimento, também o envio de escravizados para os campos de batalha necessita de maior problematização nos ambientes escolares.

## Contextualização

---

A participação dos homens negros, pardos e dos escravizados libertos na Guerra do Paraguai ainda é pouco mencionada quando se trata deste conflito. Entretanto, eles se fizeram presentes por diferentes motivos: cumprindo com os deveres patrióticos, prestando as obrigações de cativo, sendo enviado como o substituto de alguém, buscando um reconhecimento social ou até mesmo tentando fugir das amarras da escravidão.

O recrutamento de escravizados e da população mais pobre já era prática usual em conflitos no Brasil, no período colonial. Mas, durante o processo de independência do Brasil, oficializou-se o pagamento de indenização por parte do Estado aos senhores que cedessem homens escravizados, com o intuito de estimular um maior número de engajamento militar. Empregar escravos era uma forma de engrossar as linhas de combate, portanto não era uma situação nova quando ocorreu a Guerra do Paraguai.

Entretanto, a Constituição da época garantia o direito à propriedade privada, desse modo o escravo não poderia ser apropriado, nem mesmo pelo Estado.

Para que o cativo pudesse se alistar, era necessário que o seu dono concedesse a liberdade por meio da carta de alforria.

Assim, senhores de escravizados, instituições e o próprio governo libertaram escravos para os engajarem no Exército. Contudo, esses não foram os únicos escravizados a seguirem para a Guerra. Ocorreram casos de cativos fugidos que se alistaram como libertos com o propósito de viver em liberdade, contudo, se fossem localizados pelos seus senhores, estes poderiam exigir sua devolução, ou então o pagamento da indenização à qual tinham direito.

Houve uma importante participação de escravizados na Guerra. Entretanto, eles não foram a maioria dos soldados. O historiador Doratioto (2002, p. 458) estimou que em torno de 8.489 dos 123.148 combatentes foram cativos libertos. A assinatura da Lei Eusébio de Queirós em 1850, que proibiu o tráfico transatlântico, diminuiu consideravelmente a entrada de novos cativos no Brasil e elevou os preços daqueles comercializados internamente. Essa situação não foi muito favorável para a doação de escravizados.

Por outro lado, se os libertos não foram a maioria dos combatentes, não os confundamos com os homens negros e pardos que lutaram na Guerra. Apesar de não termos números oficiais quanto a etnia dos soldados, é possível depreender que negros e pardos formaram grande parte do destacamento militar. O pesquisador Salles salientou que

[...] havia um grande contingente populacional livre, não utilizado no setor principal da produção, sem grande poder de barganha política e social e, conseqüentemente, disponível para ser recrutada. O fato de essa população ser majoritariamente negra ou mestiça não permite considerar que ela fosse escrava. (SALLES, 1990, p. 77)

Sabendo que os recrutamentos recaíam em geral, sobre a população menos favorecida, é possível concluir que homens livres, negros e pardos engrossaram as fileiras. Contudo, "a própria ideologia escravista produzia a conclusão racista de que quem era livre era branco e quem era escravo – trabalhava – era negro." (SALLES, 1990, p. 77). Portanto, induzindo a ideia errônea de que se a maior parte dos soldados foram livres, então também eram brancos.

Salles, em sua investigação, concluiu que já no ano de 1800, a população negra livre era superior à da negra escrava. E "Em 1872 havia 4.200.000

negros ou mulatos livres para 1.500.000 escravos e 3.800.000 brancos livres." (SALLES, 1990, p. 77). Desse modo, ainda que os escravizados alforriados não fossem maioria no exército, os homens negros e pardos, provavelmente o foram.

Apesar de o alistamento, em geral, ter sido uma imposição para as classes subalternas, para alguns ele foi visto como uma oportunidade. Alistar-se, tornar-se um soldado e participar de um evento importante, o quanto estava sendo, para a nação, a Guerra do Paraguai, de alguma maneira poderia proporcionar um reconhecimento social para o indivíduo submetido aos preconceitos étnicos, raciais e ao descaso das autoridades.

O historiador Izecksohn afirmou que "O início da mobilização para a luta no Prata ofereceu aos negros livres a oportunidade de provar seu valor e bravura em combate, além de realçar seu *status* social." (IZECKSOHN, 2015, p. 99). Neste sentido, destacou a organização de onze companhias de Zuavos na província da Bahia e uma na de Pernambuco, compostas por veteranos negros que lutaram pela independência. Esses participaram da etapa inicial do conflito, nos anos de 1864 e 1865 e, em agosto de 1866, foram integrados às tropas regulares.

Quanto ao Exército paraguaio, não é comum pensarmos em homens escravizados e negros compondo seus batalhões. Todavia, o autor Toral (1995, p. 287) evidenciou que pelo menos três dos países que lutaram na Guerra tinham batalhões formados exclusivamente por homens negros. Os escravizados teriam sido engajados tanto no exército brasileiro, quanto no de López.

Em setembro de 1865, o governo de López iniciou o recrutamento sistemático de escravizados para substituir os mortos e feridos em combate. De acordo com Toral (1995, p. 289), ao menos dois importantes contingentes de homens negros e pardos foram incorporados ao exército. Um deles teria participado da ocupação da província do Mato Grosso.

Em 1866, teriam sido alistados os últimos escravizados daquela na-

ção. Muitos proprietários, sentindo-se pressionados, realizaram doações de seus submissos para o governo, por meio de cartas de doação. Segundo o pesquisador Toral (1995, p. 290), aproximadamente uma dezena destas cartas ainda se encontram no Arquivo Geral de Assunção.

Contudo, o alistamento de afro-descendentes, tanto no Brasil quanto no Paraguai, não proporcionou uma igualdade de tratamento entre brancos e negros, tampouco o serviço nos exércitos resultou em expansão da cidadania pela via militar. Portanto, o uso do soldado negro de longe resultou na aceitação destes homens como iguais, já que este tipo de recrutamento derivou da necessidade dos seus serviços como soldado, conforme concluiu Izecksohn (2015, p.98).

## OBJETIVOS

### Objetivo geral

---

- Identificar e problematizar a participação de homens negros, pardos e escravizados libertos nos exércitos brasileiro e paraguaio, durante a Guerra do Paraguai.

### Objetivos específicos

---

- Verificar a presença de homens negros, pardos e libertos na Guerra do Paraguai, nos exércitos brasileiros e paraguaios.
- Problematizar a presença de escravizados libertos na Guerra.

- Analisar diferentes formas de ingresso de homens negros nos exércitos.
- Reconhecer e valorizar a contribuição negra para a formação do exército brasileiro.

## METODOLOGIA

A aula-oficina aqui proposta encontra-se organizada nas seguintes etapas:

**Atividade 1: investigando os conhecimentos** – nessa primeira tarefa, o objetivo será identificar os conhecimentos prévios dos/as estudantes a respeito do tema. Portanto, propõem-se questões que converjam com os objetivos da oficina.

**Atividade 2: socializando as respostas** – esse será o momento em que os/as estudantes poderão expor as respostas, dadas às questões anteriores, em uma aula dialogada. Sugere-se que o/a professor/a faça junto com os/as seus/as estudantes um registro das hipóteses levantadas, verificando as recorrências e ausências nas respostas, bem como discutindo-as com os/as estudantes. Essa atividade dará pistas para o/a professor/a averiguar quais são os conhecimentos já construídos, em que nível se encontram, se existem visões equivocadas ou estereotipadas, entre outros, a fim de direcionar as próximas discussões.

**Fontes iconográficas** – nesse passo, apresentam-se quatro fotografias do

contexto da Guerra do Paraguai, para uma análise da presença do negro e do pardo naquele contexto. Num primeiro momento, o/a professor/a poderá conduzir uma conversa para verificar se os/as estudantes já conheciam tais imagens, quais impressões elas lhes causaram, entre outros.

**Atividade 3: análise das fontes iconográficas** – nessa atividade, espera-se que os/as estudantes realizem uma análise mais aprofundada das imagens; ela está organizada em três subitens que correspondem à identificação das imagens na sua forma pura, considerando objetos, pessoas e cenário e à interpretação dos conteúdos explícitos e implícitos nas imagens. Essa tarefa poderá ser realizada em duplas ou grupos para que os/as estudantes possam discutir suas ideias e observações. O recurso para a apresentação das imagens ficará a cargo do/a professor/a, pois dependerá das possibilidades da instituição escolar.

**Fontes escritas** – nessa seção, apresentam-se documentos escritos, trechos de resultados de pesquisas de historiadores/as atuais e um documento de época que consiste num recorte de jornal.

**Atividade 4: problematização das fontes** – essa etapa apresenta questões que se voltam às perguntas iniciais (da Atividade 1). O objetivo é avaliar os avanços em relação ao levantamento dos conhecimentos prévios.

**Avaliação: comunicação do aprendizado** – a avaliação está organizada em dois momentos. No primeiro, espera-se que os/as estudantes possam expressar o aprendizado numa aula dialogada, sugere-se que o/a professor/a oriente esse

momento, se necessário com algumas questões para direcionar a discussão. E na segunda etapa, propõe-se a confecção de um caderno de aprendizagens para a turma, no qual cada estudante poderá inserir o seu texto, desenho, tirinha ou outra forma de expressão da aprendizagem combinada com a classe. Sugere-se que o caderno seja disponibilizado na biblioteca da escola para que estudantes de outras turmas tenham acesso ao material.

## ATIVIDADE 1: Investigando os conhecimentos

No século XIX, a expressão parda era comumente usada para designar a cor da pele que se entendia não ser nem branca e nem negra, ou seja, uma cor mista entre branco e preto. Por outro lado, poderia também dar indícios da condição social, já que as pessoas nascidas livres eram qualificadas como brancas ou pardas. Atualmente, por meio da luta de homens e mulheres negros/as, passou-se a reconhecer o pardo como sendo parte da população negra, contribuindo para o reconhecimento e valorização da presença afro-descendente na sociedade brasileira.

- Você tem conhecimento sobre homens negros e pardos que teriam participado da Guerra, nos exércitos do Brasil e do Paraguai?
- Como você imagina a composição étnica-cultural e social do exército brasileiro que foi para o conflito?
- O que você sabe sobre escravizados que teriam lutado na Guerra?
- Quais teriam sido as funções desempenhadas pelos homens negros e pardos nos campos de batalha?

## ATIVIDADE 2: Socializando as respostas

- Nessa atividade os/as estudantes deverão expor as suas respostas.
- Em conjunto professor/a e estudantes poderão registrar e discutir as hipóteses levantadas. Esse registro poderá ser feito na própria lousa para todos/as visualizarem e anotarem se preferirem.

## FONTES ICONOGRÁFICAS

### IMAGEM 1: MARCOLINO DIAS DOS SANTOS, CAPITÃO DA COMPANHIA DOS ZUAVOS

Marcolino Dias dos Santos foi um dos capitães da Companhia dos Zuavos.

Na Bahia, homens negros livres se voluntariaram e formaram companhias para combater na Guerra do Paraguai. Esses grupos ficaram conhecidos como Zuavos baianos.

Para o pesquisador Izecksohn:

“O início da mobilização para a luta no Prata ofereceu aos negros livres a oportunidade de provar seu valor e bravura em combate, além de realçar seus *status social*.”

IZECKSOHN, Vitor. O Recrutamento de Libertos para a Guerra do Paraguai: considerações recentes sobre um tema complexo. **Revista Navigator**, v. 11 n. 21 (2015). Disponível em: <https://portaldeperiodicos.marinha.mil.br/index.php/navigator/article/view/564> - p. 99



BARROS, Justiniano José de. Marcolino Dias dos Santos, capitão da Companhia dos Zuavos. Coleção Emanuel Araújo. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz. **A Batalha do Avaí**. A beleza da barbárie: a Guerra do Paraguai pintada por Pedro Américo. Sextante Artes, Rio de Janeiro, 2013, p. 65.

## IMAGEM 2: PRISIONEROS PARAGUAIOS

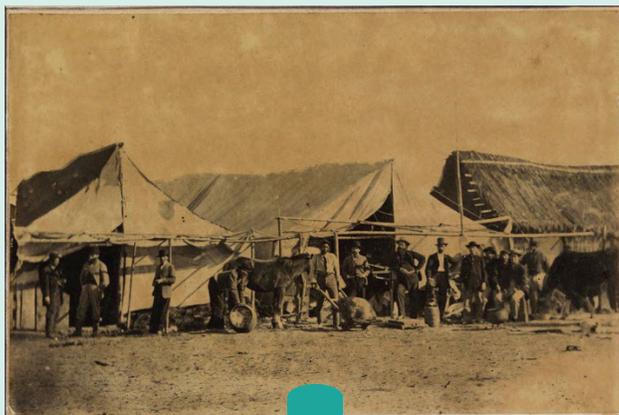
Prisioneiros paraguaios capturados pelo general Venâncio Flores, do Uruguai. Observe que o primeiro prisioneiro da direita para a esquerda é um homem negro.



LÓPEZ, Javier. Prisioneros paraguayos tomados por el General Flores: la Guerra contra el Paraguay. Montevideo: Bate y Ca., 1866. 1 foto: sepia; 22 x 18 cm. Biblioteca Nacional de Uruguay – Colecciones Digitales. Disponível em: <http://isis.bibna.gub.uy/imagenes/paraguay/204.jpg>. Acesso em: 02 de maio de 2024.

### IMAGEM 3: HOMENS NO COMÉRCIO DE HUMAITÁ

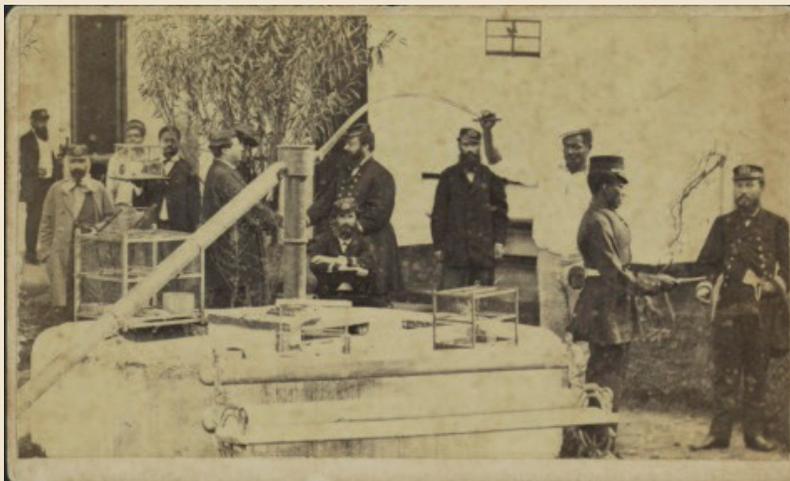
Na imagem abaixo, vemos algumas barracas que faziam parte do comércio de Humaitá e diante delas alguns homens posam para a fotografia. Observe as suas poses, a sua caracterização e as suas origens étnico-raciais.



VISTA do Commercio em Humaytá. Paraguai: s.n., 1869. 1 foto, papel albuminado, p&nb, 10,5 x 15,9 cm. Coleção Biblioteca Fluminense. Custódia: Biblioteca Nacional (Brasil). Disponível em: [https://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo\\_digital/div\\_iconografia/icon393033/icon1406407.jpg](https://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_iconografia/icon393033/icon1406407.jpg)  
Acesso em: 02 de maio de 2024.

#### IMAGEM 4: MILITARES EM ASSUNÇÃO

Cena da Guerra do Paraguai composta de oficiais e não oficiais. Tudo indica que o local registrado foi em Assunção.



[Assunção]. Paraguai: [s.n.], 1869?. 1 foto, carte-de-visite, papel albuminado, p&B, 9,8 x 5,9 cm em cartão-suporte: 10,1 x 6,9 cm. Coleção: Thereza Christina Maria. Custódia: Biblioteca Nacional (Brasil). Disponível em: [http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo\\_digital/div\\_iconografia/icon1408793/icon1408793.jpg](http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_iconografia/icon1408793/icon1408793.jpg) Acesso em: 02 maio de 2024.

## ATIVIDADE 3: Análise das fontes iconográficas

### 1. Identificação Primária:

Neste item, você deverá fazer uma descrição detalhada de cada imagem. Relate tudo o que é possível visualizar: seres humanos, animais, objetos, cenário, expressões, vestimentas, etc. Também a forma de representação: se é pintura, fotografia ou desenho, quem foi seu/sua autor/a, ano da produção, dimensões da imagem, etc.



### 2. Identificação Secundária:

Com base na sua descrição anterior, aponte qual é o assunto de cada imagem. Ele está relacionado a qual acontecimento histórico? Identifique características étnicas e culturais dos sujeitos que posam para as fotografias.



### 3. Identificação intrínseca:

Identifique em cada imagem os conteúdos que não estão visíveis. Para isso, procure associar as cenas com o acontecimento histórico e você conseguirá interpretar os sentidos que não foram explícitos pelos/as autores/as das imagens.

## FONTES ESCRITAS

### Documento 1:

Nos fragmentos que seguem, o historiador Ricardo Salles transcreve alguns casos de oferecimento de escravizados para lutar na Guerra do Paraguai:

"Manuel Antonio Ayrosa – ofereceu para assentar praça como voluntário a Pedro, pardo claro, a quem concedeu carta de liberdade". Um outro senhor "... participou ter dado a liberdade a um seu escravo de nome Epifanio, com a condição de marchar para o Sul como soldado, e sem a gratificação concedida aos Voluntários da Pátria". Havia também senhores um pouco mais generosos com o Estado, como um que "... apresentou para assentar praça como Voluntário da Pátria a Rito de Assis, a quem concedeu carta de liberdade com esta condição, propondo-se além disso farda-lo e a pagar-lhe o soldo por espaço de um ano". O barão de Nova Friburgo, juntamente com seus familiares, por sua vez, ofereceu "... seis escravos, que libertarão para o serviço do Exército."

(SALLES, Ricardo. **Guerra do Paraguai: escravidão e cidadania na formação do exército**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990, p. 101-102)

A legislação vigente no século XIX não permitia o alistamento de escravizados como soldados, por isso fazia-se necessário que o senhor concedesse a liberdade por meio de uma carta de alforria. Essas cartas deveriam ser registradas em cartório.

Cabe frisar que a decisão de alistar o escravizado era do senhor e independia da vontade do cativo.

## Documento 2:

A tabela abaixo faz parte do Relatório do presidente da Bahia a respeito das Companhias de Zuavos, seus comandantes e número de praças. As Companhias de Zuavos foram batalhões compostos por homens negros que haviam lutado pela independência do Brasil. Estima-se que existiram onze companhias na província da Bahia e uma na província de Pernambuco. A participação das Companhias de Zuavos na Guerra se deu nos anos de 1864 e 1865, após foram incorporadas aos demais batalhões do exército imperial.

Número	Comandante	Número de praças
1	Tenente Quirino Antônio do Espírito Santo	71
2	Tenente Marcolino José Dias	85
3	Tenente João Francisco Barbosa de Oliveira	48
4	Tenente André Fernandes Galiza	56
5	Capitão Militão de Jesus Pires	95
6	Tenente Francisco Higino Carneiro	56
7	Tenente Balbino Nunes Pereira	12
9	Alferes Manoel do Nascimento e Almeida	56
10	Alferes Eugenio José Moniz	51
11	Alferes Nicolau da Silveira	29
8	Alferes Niclau Beraldo Ribeiro de Navarro	76
<b>Total de praças</b>		<b>635</b>

Fonte: Bahia, Presidente, *Relatório*, 1/3/1866, pp. 16-17. KRAAY, Hendrik.

Os companheiros de Dom Obá: Os zuavos baianos e outras companhias negras na Guerra do Paraguai. **Afro-Ásia** n.º. 46. Salvador, 2012. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0002-05912012000200004>. Acesso em: 02 de maio de 2024.

Para saber mais a respeito da formação das Companhias de Zuavos baianas, leia o artigo *Os companheiros de Dom Obá: Os zuavos baianos e outras companhias negras na Guerra do Paraguai*, de Hendrik Kraay, disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0002-05912012000200004>.

### Documento 3:

No trecho abaixo, o historiador André Toral fala a respeito do recrutamento de escravizados para compor o exército paraguaio:

“O recrutamento sistemático de escravos no Paraguai inicia-se em setembro de 1865, apenas um ano depois do início da guerra, para preencher as baixas de feridos e de epidemias que assolaram o exército. Destacamentos formados por ex-escravos vindos do interior foram vistos em Assunção em meados de 1866\* (Laurent-Cochelet, apud Rivarola, 1988:132). Este seria, no entanto, o segundo contingente importante de homens de cor - negros ou mulatos - incorporados ao exército. O primeiro foi integrado à Divisão que fez a invasão do Mato Grosso e da Argentina, em 1864 e 1865.

[...]

Em setembro de 1866 outro grupo de escravos é alistado para preencher as graves baixas sofridas pelo exército paraguaio nas batalhas de Estero Bellaco e Tuyuti (2 e 24 de maio de 1866). Estes seriam os últimos no território paraguaio (Rivarola, 1988:132-133). Pode-se dizer, de maneira trágica, que a guerra acabou, de fato, com a escravidão no país.”

(SALLES, Ricardo. **Guerra do Paraguai: escravidão e cidadania na formação do exército**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990, p. 101-102)

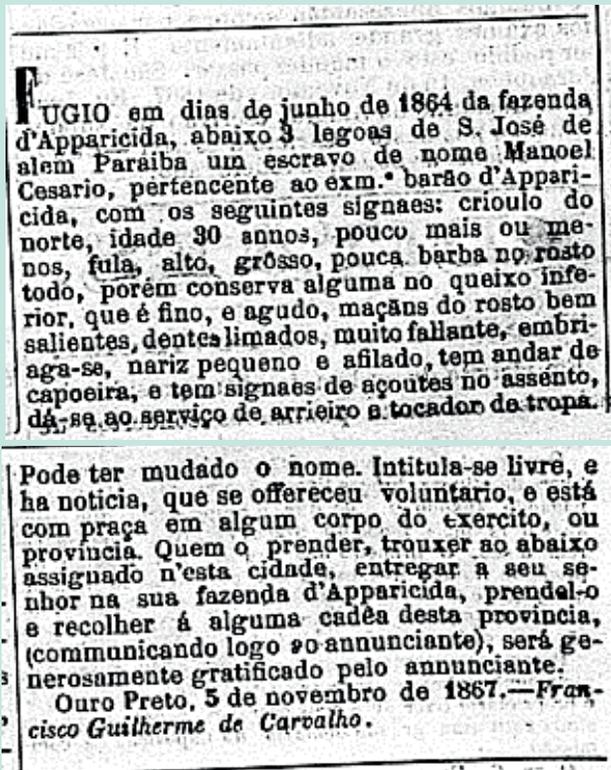
\*Acredita-se que houve um erro de grafia no texto do autor, pois sabe-se que o momento histórico mencionado coincide com 1866.

(TORAL, André Amaral de. A participação dos negros escravos na Guerra do Paraguai. **Estudos Avançados** - USP, vol. 9, nº. 24, agosto de 1995, pp. 289-290. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/8880/10432>. Acesso em: 04 de maio de 2024.)

O fato de no Paraguai o Congresso de 1842 ter assinado a *Lei Libertad de Ventres* (que previa a liberdade para os nascidos de escravos a partir de 1º de janeiro de 1843) não excluiu a permanência de cativos naquele país. Para saber mais sobre a lei, acesse o site: <http://www.cultura.gov.py/2011/05/el-congreso-del-25-de-diciembre-de-1842/>.

## Documento 4:

Recorte do jornal Diário de Minas, da seção Escravos Fugidos, publicado em 09 de janeiro de 1868:



DIÁRIO DE MINAS. Minas Gerais, nº 396, quinta-feira, 09 de janeiro de 1868. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=376523&past=ano%20186&pesq&pagfis=1562>. Acesso em: 09 de maio de 2024.

Sonhando com a liberdade, muitos escravizados fugidos se apresentaram como voluntários na Guerra, dizendo-se libertos. Contudo, os senhores não perdiam o direito sobre suas “propriedades”. Nestes casos, poderiam solicitar a devolução do escravizado ou então requerer uma indenização junto ao governo, desde que comprovasse a posse.

## ATIVIDADE 4: Problematização das fontes

- Por meio da análise das fontes, como você caracterizaria a composição étnica, cultural e social dos exércitos brasileiro e paraguaio, durante a Guerra?
- Como foi possível que escravizados se tornassem soldados na Guerra do Paraguai?
- Quais foram as diferentes formas de ingresso de homens negros e pardos nos exércitos paraguaio e brasileiro?
- Procure definir algumas funções executadas por homens negros nos exércitos do Brasil e Paraguai.

## ATIVIDADE 4: Problematização das fontes

### 1º Passo:

Espera-se que os/as estudantes consigam verbalizar o que eles apreenderam e sobre o que esse conteúdo significou para a sua vida. Como sugestão, os/as estudantes poderão se orientar pelas seguintes questões:

- Há algum significado para você o fato de homens negros e pardos terem lutado na Guerra do Paraguai?
- Quais foram as consequências da participação de libertos na Guerra?
- Houve alguma mudança na vida de negros e pardos pelo fato de terem prestado seus serviços à pátria?

### 2º Passo:

Os/as estudantes produzirão material para arquivar na biblioteca, para que estudantes de outras turmas tenham acesso. Sugere-se a confecção de um caderno de aprendizagens para a turma, no qual cada estudante poderá inserir o seu texto, desenho, tirinha ou outra forma de expressão da aprendizagem combinada com a classe. Os temas poderão girar em torno da participação dos escravizados libertos no exército, a importância dos homens negros e pardos na constituição dos batalhões, a presença dos negros e pardos no exército paraguaio, as Companhias de Zuavos, ou outros que possam surgir.

## AULA-OFICINA 4

---

# VOLUNTÁRIOS DA PÁTRIA NA GUERRA DO PARAGUAI

### Tema

---

Os soldados voluntários na Guerra do Paraguai.

### Identificação

---

Apresenta-se uma proposta de aula-oficina do conteúdo da Guerra do Paraguai para a análise e problematização da participação de soldados voluntários nos Corpos de Voluntários da Pátria.

O material contém em suas fontes imagens produzidas no contexto da Guerra e documentos escritos referentes a resultados de pesquisas de historiado-

res/as da atualidade e recorte de jornal e da legislação da época.

Para o trabalho com as fontes, elaboraram-se questões de identificação e interpretação de imagens. As atividades permitem uma aula dialogada, análise crítica dos documentos, produção textual e expressão criativa dos/as estudantes.

### Justificativa

---

As dificuldades do Império quanto à formação de um exército compatível para os enfrentamentos na Guerra do Paraguai e o alistamento de soldados voluntários ainda são temas de vagas interpretações nos materiais didáticos do Ensino Médio.

A publicação pelo governo do Decreto nº 3.371, de 07 de janeiro de 1865, com vistas a incentivar o voluntariado, demonstrou a fragilidade do Exército para um conflito de grandes proporções. Neste ensejo, faz-se relevante questionar a origem destes homens voluntários e analisar em que medida aconteceu o voluntariado.

## Contextualização

---

A Guerra do Paraguai exigiu do Império um aparato militar que até então não fora preciso. Os confrontos vivenciados haviam se restringido a movimentos internos e de disputas fronteiriças e para tal a Guarda Nacional, composta basicamente de arregimento militar local, foi o suficiente. Contudo, a contenda sul-americana requereu mecanismos que pudessem agir para além das fronteiras da nação e, neste sentido, a responsabilidade recaiu sobre o exército brasileiro.

Em 1864, o exército brasileiro era numericamente inferior à Guarda Nacional: enquanto esta possuía um efetivo estimado em 200 mil soldados, o exército contava com apenas 8.320 homens, conforme o levantamento do pesquisador Daróz (2019, p. 207).

A Guarda Nacional, apesar de numerosa, não tinha permissão para agir além das fronteiras do Império, portanto, uma das primeiras medidas foi a assinatura do Decreto nº 3.371, de 07 de janeiro de 1865, que previa a criação de Corpos para o serviço de guerra, em circunstâncias extraordinárias, denominados de Voluntários da Pátria. O objetivo primordial foi incentivar guardas nacionais e praças de pré do exército a se alistarem como Voluntários

para compor forças que pudessem fazer frente no teatro da Guerra.

Contudo, nem todos os guardas demonstraram interesse em partir para os campos de batalha; assim como as oligarquias escravistas, que controlavam a Guarda, não estavam dispostos a desguarnecer suas localidades. Somada a essa situação, as baixas ocorridas durante os primeiros anos obrigaram o governo a publicar novo decreto em 1867, oferecendo vantagens a todos os homens que se voluntariassem. Desse modo, o exército foi se tornando mais numeroso e heterogêneo em sua composição, como vemos na afirmação do pesquisador Sousa:

[...] os Corpos de Voluntários da Pátria ganharam reforços de todas as procedências: brancos e mulatos empobrecidos, escravos libertos, filhos e aparentados de políticos latifundiários – todos cumpridores do papel de *voluntários*. (SOUSA, 1996, p. 59)

Apesar de ter havido um breve entusiasmo inicial, a Guerra não foi um movimento popular. Portanto, a presença massiva da população mais pobre, negra e parda deve ser entendida dentro de uma ótica de voluntariado que, em grande medida, foi forçado. Daróz inferiu que:

A diminuição do entusiasmo popular tornou o número de voluntários cada vez mais escasso, levando o governo a converter o recrutamento de voluntário para coercitivo, exigindo dos presidentes de províncias cotas de 'voluntários' que deveriam recrutar e enviar para a guerra. (DARÓZ, 2015, p. 209)

Muitos guardas nacionais de quem se esperava assentar praça se recusaram e se embrenharam nas matas de difícil acesso a fim de escapar de suas obrigações. Nessa conjunção, o governo, em alguns casos, determinou punições. Com isto, guardas nacionais foram acorrentados, levados à força e obrigados a servir o dobro do tempo no Exército.

Portanto, ser voluntário na Guerra nem sempre foi uma decisão pessoal, apesar de a expressão remeter à ideia de uma liberdade de escolha. Para Salles (1990, p. 103), a designação "Voluntários da Pátria" muitas vezes encobriu o fato de o grosso da tropa ter sido formada a partir da obrigatoriedade de serviço na Guarda Nacional.

Isto não implica desconsiderar o verdadeiro voluntariado, ele seguramente existiu, especialmente, nos momentos iniciais da Guerra. Mas, considerando os longos cinco anos da contenda, aqueles que, em maior número, ocuparam as linhas de frente foram os que de alguma maneira pressionados ou

sentindo-se pressionados se alistaram. De acordo com Sousa: "Voluntários certamente houve, mas admiti-los como móbil da vitória, creditar a eles a constituição dos batalhões é uma tremenda injustiça para com os inúmeros forçados a engrossar as fileiras do Exército e da Armada." (SOUSA, 1996, p. 111).

A criação dos corpos de Voluntários da Pátria incluía toda uma heterogeneidade populacional, em grande parte, marginalizada. Excluídos dos direitos políticos, desassistidos pelo governo, eram "uma espécie de pária na sociedade" (SALLES, 1990, p. 80). Nesse sentido, a Guerra do Paraguai, mais especificamente por meio do decreto de 07 de janeiro de 1865, abriu espaço para essa população livre que, dentro de uma estrutura totalmente excludente, foram chamados para a mobilização nacional.

Entre 1865 e 1866, em torno de 10 mil homens genuinamente voluntários teriam se alistado. Os maiores adeptos foram estudantes e setores urbanos, de acordo com as constatações do historiador Salles (1990, pp. 95-96). À exceção destes casos, outras situações de voluntariado merecem ser avaliados como o oferecimento de familiares e de não familiares e o envio de voluntários. Especialmente nas ocorrências de envios de voluntários, é difícil averiguar em que medida os homens enviados de fato obedeceram a sua própria vontade.

## OBJETIVOS

### Objetivo geral

---

- Analisar o voluntariado para a composição dos Corpos de Voluntários da Pátria na Guerra do Paraguai.

### Objetivos específicos

---

- Compreender o que foram os Corpos de Voluntários da Pátria e a finalidade de sua criação.
- Identificar os grupos sociais aos quais pertenceram os soldados Voluntários da Pátria;
- Avaliar se todos os alistados foram verdadeiramente voluntários.
- Verificar algumas vantagens oferecidas aos voluntários para a Guerra.
- Avaliar se houve cumprimento das promessas feitas aos soldados voluntários.

## METODOLOGIA

A aula-oficina aqui proposta encontra-se organizada nas seguintes etapas:

**Atividade 1: investigando os conhecimentos** – nessa primeira tarefa, o objetivo será identificar os conhecimentos prévios dos/as estudantes a respeito do tema. Portanto, propõem-se questões que converjam com os objetivos da oficina.

**Atividade 2: socializando as respostas** – esse será o momento em que os/as estudantes poderão expor as respostas,

dadas às questões anteriores, numa aula dialogada. Sugere-se que o/a professor/a faça, junto com os/as seus/suas estudantes, um registro das hipóteses levantadas verificando as recorrências e ausências nas respostas, bem como discutindo-as com os/as estudantes. Esta atividade dará pistas para o/a professor/a averiguar quais são os conhecimentos já construídos, em que nível se encontram, se existem visões equivocadas ou estereotipadas, entre outros; a fim de direcionar as próximas discussões.

**Fontes iconográficas** – nesse passo, apresentam-se quatro imagens do contexto da Guerra do Paraguai, para uma análise da participação dos Voluntários da Pátria. Num primeiro momento, o/a professor/a poderá conduzir uma conversa para verificar se os/as estudantes já conheciam tais imagens, quais impressões elas lhes causaram, entre outros.

**Atividade 3: análise das fontes iconográficas** – nessa atividade, espera-se que os/as estudantes realizem uma análise mais aprofundada das imagens. Ela está organizada em três subitens que correspondem à identificação das imagens na sua forma pura, considerando objetos, pessoas e cenário, e à interpretação dos conteúdos explícitos e implícitos nas imagens. Essa tarefa poderá ser realizada em duplas ou grupos para que os/as estudantes possam discutir suas ideias e observações. O recurso para a apresentação das imagens ficará a cargo do/a professor/a, pois dependerá das possibilidades da instituição escolar.

**Fontes escritas** – nessa seção, apresentam-se documentos escritos, trechos de resultados de pesquisas de historiadores/as atuais e de documentos de época, que consistem em recortes de jornal e de decreto legislativo.

**Atividade 4: problematização das fontes** – essa etapa apresenta questões que se voltam às perguntas iniciais (da Atividade 1). O objetivo é avaliar os avanços em relação ao levantamento dos conhecimentos prévios.

**Avaliação: comunicação do aprendizado** - a avaliação está organizada em dois momentos. No primeiro, espera-se que os/as estudantes possam expressar o aprendizado numa aula dialogada, sugere-se que o/a professor/a oriente esse momento, se necessário com algumas questões para nortear a discussão. E na segunda etapa, propõe-se uma pesquisa de opinião a respeito do Serviço Militar Obrigatório da atualidade e, após esta etapa, a produção de cartazes comparando o voluntariado na Guerra do Paraguai com o Serviço Militar de hoje.

## ATIVIDADE 1: investigando os conhecimentos

---

- Na sua opinião, como o governo imperial conseguiu arregimentar homens suficientes para compor as frentes de combate durante a Guerra do Paraguai?
- Quais homens teriam se alistado como voluntários para lutar na Guerra, qual seria sua origem social, econômica e étnico-racial?
- Será que todos os soldados alistados como Voluntários da Pátria realmente se voluntariaram?
- Teriam sido cumpridas, pelo governo, todas as promessas de gratificações e vantagens feitas aos soldados?

## ATIVIDADE 2: Socializando as respostas

---

- Nessa atividade os/as estudantes deverão expor as suas respostas.
- Em conjunto professor/a e estudantes poderão registrar e discutir as hipóteses levantadas. Esse registro poderá ser feito na própria lousa para todos/as visualizarem e anotarem se preferirem.

## FONTES ICONOGRÁFICAS

### IMAGEM 1: OFICIAIS INDÍGENAS

Oficiais indígenas, possivelmente do Corpo de Voluntários da Pátria do Pará. A ilustração foi reproduzida pelo jornal *Semana Ilustrada*, publicado aos domingos, no Rio de Janeiro. Os jornais e periódicos procuravam manter os leitores informados sobre os acontecimentos da Guerra e, para isso, muitas vezes utilizaram desenhos reproduzidos a partir de fotografias, talvez seja o caso do Tenente Amaro e do Capitão Gabriel da imagem 1.



DOUS INDIOS. O Tenente Amaro, o Capitão Gabriel. Voluntários da Pátria. In: **Semana Ilustrada**. Rio de Janeiro, ed. 00243, 06 de agosto de 1865. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=702951&pagfs=1967>. Acesso em: 09 de maio de 2024.

## IMAGEM 2: VOLUNTÁRIO NA GUERRA DO PARAGUAI

Fotografia de um soldado da Guerra. No verso, consta a informação: "Joaquim de Castro, voluntário na Guerra do Paraguay". Nada mais se sabe a respeito dele, quem era sua família, onde residia, se voltou vivo ou não do combate.

De acordo com o historiador André Toral, "A partir de 1854, popularizam-se pequenos retratos, chamados carte-de-visite, por terem o tamanho de um cartão de visita, destinados a serem oferecidos a amigos e parentes."

(TORAL, André. **Imagens em desordem: a iconografia da Guerra do Paraguai**. Série Teses. USP, 2001. p.78)

CASTRO, Joaquim de. Voluntário na Guerra do Paraguai. Carte de visite 10 X 6,3 cm. Albumina. Autor não identificado. s/d. Coleção: Arquivo Nacional. Disponível em: <http://brasilianafotografica.bn.br/brasiliana/handle/20.500.12156.1/5038>.



### IMAGEM 3: 40º VOLUNTÁRIOS DA PÁTRIA

As unidades Voluntárias formadas para a Guerra do Paraguai foram numeradas do 1º ao 57º. Ao longo do conflito, devido às baixas, alguns Corpos foram extintos e outros fundidos. Abaixo um registro raro do momento em que o Batalhão do 40º de Voluntários da Pátria passava pela revista do comandante. As revistas eram um procedimento diário em que todos os soldados deveriam se apresentar, a ausência poderia configurar em deserção e, portanto, passível de punição.



REVISTA do Coronel Faria Rocha ao Batalhão 40 de voluntários da Pátria no Tayi. [Paraguai]. [s.n.]. [1868]. 1 foto. papel albuminado. p&B. 9.1 x 13.3 cm. Coleção: Biblioteca Fluminense. Custódia: Biblioteca Nacional (Brasil). Disponível em: [https://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo\\_digital/div\\_iconografia/icon393033/icon1406442.jpg](https://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_iconografia/icon393033/icon1406442.jpg). Acesso em: 02 de maio de 2024.

#### IMAGEM 4: SOLDADOS DA GUARDA DO GENERAL CAXIAS

Os comandantes possuíam uma guarda pessoal responsável pela vigilância e proteção do oficial. Observe os rostos, vestimentas e poses destes soldados.



GUARDA do General Caxias em Tuyu Cué. Colonia Tuyu Cué (Neembucu, Paraguai): [s.n.], [entre 1865 e 1870]. 1 foto: carte de visite, papel aluminado, p&nb, 5,7 x 9. Custódia: Biblioteca Nacional (Brasil). Disponível em: [https://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo\\_digital/div\\_iconografia/icon514942\\_1152999/icon1152982.jpg](https://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_iconografia/icon514942_1152999/icon1152982.jpg). Acesso em: 02 de maio de 2024.

## ATIVIDADE 3: Análise das fontes iconográficas

### 1. Identificação Primária:

Neste item, você deverá fazer uma descrição detalhada de cada imagem. Relate tudo o que é possível visualizar: seres humanos, animais, objetos, cenário, expressões, vestimentas, etc. Também a forma de representação: se é pintura, fotografia ou desenho, quem foi seu/sua autor/a, ano da produção dimensões da imagem, etc.



### 2. Identificação Secundária:

Com base na sua descrição anterior, aponte qual é o assunto de cada imagem. Ele está relacionado a qual acontecimento histórico? Identifique características étnicas, culturais e sociais nos diversos sujeitos das imagens.



### 3. Identificação intrínseca:

Identifique, em cada imagem, os conteúdos que não estão visíveis. Para isso, procure associar as cenas com o acontecimento histórico e você conseguirá interpretar os sentidos que não foram explícitos pelos/as autores/as das imagens.

## FONTES ESCRITAS

### Documento 1:

Trecho do Decreto de número 3.371, expedido pelo governo imperial em 07 de janeiro de 1865, com a finalidade de arregimentar soldados para fazer frente na Guerra do Paraguai:

DECRETO Nº 3.371, DE 7 DE JANEIRO DE 1865

Crêa Corpos para o serviço de guerra em circunstâncias extraordinárias com a denominação de - Voluntários da Pátria -, estabelece as condições e fixa as vantagens que lhes ficam competindo.

Atendendo às graves e extraordinárias circunstâncias em que se acha o país, e a urgente e indeclinável necessidade de tomar, na ausência do Corpo Legislativo, todas as providências para a sustentação, no exterior, da honra e integridade do Império, e Tendo Ouvido o Meu Conselho de Ministros, Hei por bem Decretar:

Art. 1º São creados extraordinariamente Corpos para o serviço de guerra, compostos de todos os cidadãos maiores de dezoito e menores de cinquenta anos, que voluntariamente se quiserem alistar, sob as condições e vantagens abaixo declaradas.

Art. 2º Os voluntários, que não forem Guardas Nacionais, terão, além do soldo que percebem (sic) os voluntários do Exército, mais 300 rs. diários e a gratificação de 300\$000 quando derem baixa, e um prazo de terras de 22.500 braças quadradas nas colônias militares ou agrícolas.

[...]

Art. 9º Os voluntários terão direito aos Empregos Públicos, de preferência, em igualdade de habilitações, a quaisquer outros indivíduos.

[...]

(BRASIL. Decreto nº 3371. de 7 de janeiro de 1865. [houve a adaptação de palavras conforme as normas de Língua Portuguesa atual]. Disponível em <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-3371-7-janeiro-1865-554492-publicacaooriginal-73111-pe.html>. Acesso em: 02 de maio de 2024.)

**Dica:** você poderá ler todos os 15 artigos do Decreto acessando o site: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-3371-7-janeiro-1865-554492-publicacaooriginal-73111-pe.html>

## Documento 2:

Nos fragmentos abaixo, o historiador Ricardo Salles menciona diferentes situações de oferecimento de homens para serem alistados como Voluntários da Pátria:

“[...] um tenente-coronel reformado da Guarda Nacional ‘... ofereceu para serem alistados como voluntários da Pátria, seu filho João Capistrano Montarroyos e dois netos...’. ‘Tenente-Coronel Joaquim Lourenço Correa, e mais cidadãos da vila de Araraquara – ofereceram-se para engrossar as fileiras dos voluntários da Pátria, oferecendo o mesmo tenente-coronel para este fim dois filhos seus.’

[...]

‘Comendador Luiz José Henriques, negociantes Raimundo Salazar & Cia, e lavrador Raymundo Andio Salazar. – Ofereceram: o primeiro, como voluntários três cidadãos, já que por alquebrado e no último quartel da vida não podia achar-se no campo de luta em que está empenhado o Império; e os dois últimos a quantia de 400\$ rs. Para o auxílio das urgências do Estado.’

[...]

‘Francisco Azarias de Queiroz Botelho, delegado de polícia. – Mandou apresentar na Corte diversos cidadãos que se alistaram como voluntários da pátria?’

[...]

Barão de Guapi ‘remeteu 63 voluntários da pátria para a Corte”

(SALLES, Ricardo. **Guerra do Paraguai: escravidão e cidadania na formação do exército**. Editora Paz e Terra: Rio de Janeiro, 1990, pp. 100-101.)

Salles utilizou as denominações **Oferecimento de familiares**, **Oferecimento de não familiares** e o **Envio de voluntários** para as situações transcritas acima. Será que os oferecidos e enviados estavam realmente dispostos a se tornarem voluntários na Guerra? (SALLES. Op. cit. p. 100).

### Documento 3:

No século XIX, os jornais impressos eram importantes meios de fazer circular informações e realizar comunicações. Ao lado temos uma carta enviada por um ex-combatente ao Ministro da Guerra, por meio do jornal A Reforma, em 1871.

Observe que a carta foi escrita na terceira pessoa dando a entender que não foi o próprio ex-combatente quem a escreveu. O pouco ou nenhum letramento e o fato de muitos residirem distantes da Corte, por vezes em outras províncias fizeram com que os requerentes pelos seus direitos necessitassem que outras pessoas interviessem em seu favor. Não raro, contratavam-se advogados para tais serviços.

Fonte: A REFORMA: Órgão Democrático. Rio de Janeiro. ed. 00004. 05 de janeiro 1871. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=226440&pasta=ano%20187&pesq=&pagfis=1952>. Acesso em 09 de maio de 2024.

#### **Ao Sr. ministro da guerra**

O abaixo assignado, sem meios de subsistencia para si e sua familia, mãe, mulher, filhos e irmãs, tendo marchado para o Paraguay em 1865 como guarda nacional do contingente dado pelo 1º batalhão de fuzileiros á presidencia do Rio de Janeiro, municipio de Nictheroy, tendo voltado com praça de linha depois de terminada a guerra com o 1º batalhão de linha aquartellado na Armação, tomando parte no ultimo feito de Aquidaban, e achando-se indevidamente com praça n'esse batalhão, requereu ao presidente da provincia sua baixa por ser voluntario, e este ouvindo o commandante superior e commandante do 6º batalhão da guarda nacional declararam ser voluntario, o presidente requereu ao ministro da guerra sua baixa em junho de 1869 e agora deram-lhe baixa, não lhe pagaram sua gratificação de voluntario nem tão pouco as differenças que tinha como voluntario; até hoje tres requerimentos tem feito que sempre levam sumico na secretaria da guerra, bem como duas reclamações do presidente em favor do supplicante.

O governo imperial deve olhar com mais attenção para um pobre chefe de familia que não tem meios nem póde todo dia pagar passagem para vir á secretaria da guerra perder seu tempo. O supplicante é morador na freguezia de Itaipú, distante duas leguas de Nictheroy.

**MANOEL CANDIDO PEREIRA.**

## Documento 4:

Citação onde o General Paulo de Queiroz Duarte escreve sobre como foram arrematados boa parte dos soldados que compuseram o exército durante a Guerra do Paraguai:

“Em algumas províncias, na chamada geral, por excesso de zelo no serviço de recrutamento das autoridades recrutadoras, delegados de polícia e seus prepostos iam caçar o caboclo no Amazonas e Pará, o tabaréu nordestino na caatinga, o matuto na sua tapera, o caiçara no litoral, enfim, brancos, mulatos e os negros que, depois de reunidos e contados, eram despachados em magotes, sem uma simples inspeção de saúde, sem se indagar de sua condição de chefe de família, para as capitânias as capitais provinciais ou mesmo para a Corte...”

(General Paulo de Queiroz Duarte, vol. 1, 1981, pp. 206-207 In: SALLES, Ricardo **Guerra do Paraguai: escravidão e cidadania na formação do exército**. Editora Paz e Terra: Rio de Janeiro, 1990, pp.102-103)

A necessidade de mais soldados, ao longo da Guerra, fez com que o governo imperial estipulasse cotas de “voluntários”, que deveriam ser enviados pelos presidentes das províncias.

## ATIVIDADE 4: Problematização das fontes

---

- O que indicam as fontes sobre os meios utilizados para arremeter soldados para a Guerra do Paraguai?
- Procure descrever os homens alistados como Voluntários, a partir de suas características socioeconômicas e étnico-raciais.
- Analisando o termo voluntário a partir do significado daquele que segue a sua vontade, que não é forçado, avalie o voluntariado para a Guerra do Paraguai.
- Como podemos caracterizar a situação de muitos soldados voluntários após o conflito?

## ATIVIDADE 4: Problematização das fontes

---

### 1º Passo:

Espera-se que os/as estudantes consigam verbalizar sobre o que eles apreenderam e sobre o que esse conteúdo significou para a sua vida.

Como sugestão os/as estudantes poderão se orientar pelas seguintes questões:

- Atualmente, no Brasil, o alistamento militar é um ato voluntário?
- Como você avalia a obrigatoriedade para o alistamento militar?
- Você conhece alguém que realizou o alistamento? Se sim, procure saber com ela como foi esse processo?
- Você sabe quais são as consequências para quem não se apresentar para o alistamento?

(Se for necessário, a turma poderá realizar uma pesquisa a respeito da obrigatoriedade do alistamento militar no Brasil)

## 2º Passo:

Trabalho de campo: sugere-se que os/as estudantes façam uma investigação, pode ser no local onde residem, a respeito do serviço militar. É importante que a turma elabore um roteiro de cinco a seis questões para tal, por exemplo: Você sabe o que é o Serviço Militar Obrigatório? Quem deve se alistar? Você sabe o que acontece com quem não cumprir com o alistamento? Qual a finalidade do Serviço Militar? Você fez o alistamento (se o entrevistado for homem)? Entre outras questões que considerarem importante.

Na aula seguinte, os/as estudantes poderão socializar com a turma sobre os resultados de sua pesquisa e as impressões que tiveram, assim como o que essa experiência representou para eles.

Como forma de registro, propõe-se a elaboração de cartazes com informações comparativas a respeito dos alistamentos para a Guerra do Paraguai e os alistamentos nos dias atuais. O trabalho pode ser realizado em pequenos grupos e exposto na sala ou nos murais da escola. Caso exista a possibilidade, poderão ser utilizados meios informatizados para elaborar cartazes e panfletos digitais. Ferramentas como as sugestões de panfletos dos aplicativos Word, Powerpoint e do Publisher podem ser úteis e de fácil acesso. Utilizando esses meios, os/as estudantes poderão compartilhar seu cartaz ou panfleto de forma criativa por meio do site [issuu.com](http://issuu.com). Esse site oferece a possibilidade de carregar os trabalhos no formato PDF e Powerpoint, obter um link e compartilhar. O acesso ao site é gratuito e se dá por meio de uma conta que pode ser a do Facebook, por exemplo.

## AULA-OFICINA 5

---

# AS ADVERSIDADES NOS CAMPOS DE BATALHA

### Tema

---

Adversidades vividas nos acampamentos e campos de batalha durante a Guerra do Paraguai.

### Identificação

---

Apresenta-se uma proposta de aula-oficina do conteúdo da Guerra do Paraguai com ênfase na análise das maiores dificuldades vividas em acampamentos e campos de batalha, especialmente pelos soldados.

### Justificativa

---

Tradicionalmente, o ensino do conteúdo da Guerra do Paraguai na Educação Básica segue uma linha cronológica com foco na compreensão das causas e consequências do conflito. Pouco se retrata sobre as dificuldades vivenciadas, especialmente, pelos soldados, sejam eles voluntários ou não.

Neste contexto, torna-se relevante analisar algumas das adversidades vividas na contenda e compreender que elas não se restringiram somente aos enfrentamentos bélicos, mas que outras situações vivenciadas, como a falta de uma estrutura médica adequada e a alimentação precária, poderiam ser tão desafiadoras quanto lutar no *front*.

## Contextualização

A eclosão da Guerra do Paraguai forçou o governo imperial a organizar-se para o maior evento militar vivenciado pela nação até então. A dimensão do conflito e seu longo período de duração foram desafiadores para o exército brasileiro, que mal existia. Ao mesmo tempo que o Império procurava organizar tropas para enviar ao combate, era necessário, também, arranjar todo o aparato necessário para a instalação de hospitais e de acampamentos, precaver a logística de transporte de soldados e envio de alimentos.

Engrossar as frentes de combate com homens e ao mesmo tempo dispor de condições adequadas para estes soldados não foi uma tarefa fácil para o governo. Não raro, foram enviadas tropas despreparadas e desprovidas dos apetrechos mais essenciais, como uniformes e roupas apropriadas para o frio.

Por consequência da exposição ao frio os soldados tornavam-se mais suscetíveis a doenças como a varíola. O tenente-coronel Albuquerque Bello, em várias passagens de seu diário, registrou as adversidades vividas pelos soldados. No trecho que segue, referente às anotações dos dias 09 a 11 de maio de 1865, ele mencionou a doença e o frio que abalaram seus homens no acampamento de

Paissandu, que se localizava no Uruguai:

3ª – 9: As bexigas tem-se desenvolvido muito com o frio, já tenho muitas praças doentes. O 3º de Voluntários que hia conosco também está sofrendo mesmo mal.

4ª – 10: Principiarão os exercicios e as praças tem sentido muito em consequencia do frio que é extraordinario.

5ª – 11: O tempo vai maó, e o frio augmentou-se; as praças entrão em grande escala para o hospital; já tendo morrido algumas. (BIBLIOTECA NACIONAL, 2011, v. CXII. p. 55)

Bello ingressou no conflito com o Paraguai como comandante do 13º Corpo de Voluntários do Pará. O batalhão que comandava era composto por 549 soldados e 19 oficiais, mas a varíola ceifou boa parte de seus homens. Tinha sido a mortandade devido à doença, que o 13º Corpo deixou de existir e os poucos combatentes restantes foram incorporados a outros batalhões.

Conviver com as doenças foi, em alguns momentos, tão desafiador quanto lutar nos campos. A varíola e a cólera foram mortais para muitos dos acometidos. Os poucos recursos médicos e as instalações inadequadas, e até mesmo insalubres, agravaram a situação.

Os acampamentos, muitas vezes, foram erguidos em terrenos pouco apropriados. Os relatos memorialistas fazem menção à falta de água potável, alagamentos quando chovia, falta de barracas para os soldados e a existência de barracos improvisados, entre outros.

No dia 18 de julho de 1865, numa terça-feira, Bello escreveu:

Mudou-se o hospital do lugar em que estava por estar o terreno muito alagado; amanhecerão hoje muitos doentes mortos dentro das barracas que estavam cheias d' água. As musicas dos corpos tocarão recolher no quartel general. (BIBLIOTECA NACIONAL, 2011, v. CXII. p. 66)

Nota-se que o próprio hospital se encontrava em local pouco favorável e que tais condições refletiram diretamente na saúde dos homens internados, assim como os que estavam adoentados nas barracas não tiveram melhor sorte.

Além da varíola, houve também epidemias de cólera que foram ainda mais avassaladoras, tanto entre os aliados quanto entre militares e civis paraguaios. Centurión, que foi soldado e coronel no exército paraguaio, em suas memórias, registrou a mortandade causada pela cólera:

La mortalidad diaria en los primeros tiempos de la aparición del cólera no bajaba de 50 hombres. Los soldados,

siempre listos a poner apodos y a dar nombres a las cosas, observando que la enfermedad estaba caracterizada por diarrea o deyecciones de bilis y de calambres, la bautizaron con el nombre de *chaín*, que quiere decir, encogido o crispado. (CENTURIÓN, 2005, t. II, p. 218)

De acordo com Centurión, as enfermidades estiveram presentes nos acampamentos em todo o período do conflito, fazendo grande número de vítimas. Entre as doenças mais comuns esteve a diarreia causada, segundo o militar paraguaio, pela mudança na alimentação e da água:

Las enfermedades reinantes en el ejército desde el principio hasta el fin, con más o menos intensidad, eran la diarrea y la disentería. Ellas eran debidas al cambio de alimentación y de las aguas. Pero la que causó mayor estrago en Humaitá, meses antes de nuestro regreso, fue el sarampión acompañado de diarrea. El ejército, cuando el mal llegó a su mayor desarrollo, no se ocupaba de otra cosa que de enterrar los muertos. (CENTURIÓN, 2005, t. II, p. 4)

A realidade entre as tropas brasileiras não foi diferente. Taunay (1874, p. 190), na obra intitulada *Retirada da Laguna*, mencionou que a cólera acometeu com grande intensidade a Coluna da qual participou. A moléstia teria levado à morte boa parte da expedição,

primeiro foram os mais fracos e depois os mais vigorosos, de acordo com o autor. Nem mesmo o comandante da expedição, o coronel Camisão, e o tenente-coronel Juvêncio foram poupados.

Boa parte dos soldados encontrava-se desnutrida, portanto sem forças para enfrentar uma doença com as características da cólera. Os médicos eram insuficientes para atender a todos e, mesmo que não o fossem, os recursos eram limitados. Portanto, uma vez adoecidos, a morte parecia ser a única certeza.

A falta de médicos e medicamentos foi registrada por militares que estiveram no combate, a falta destes, associada à insalubridade de muitas instalações, representou um aumento no número de mortos.

Do lado paraguaio, o tenente-coronel Thompson registrou que nos hospitais militares os medicamentos estavam em falta: "Las drogas faltaban casi absolutamente, y los médicos tenían que servirse de las yerbas del país." (THOMPSON, t. 1, p. 204). A falta de medicação era compensada pelo uso de ervas medicinais, conhecidas e tradicionalmente utilizadas pelas populações indígenas.

A precariedade dos acampamentos se refletia também nos alojamentos dos soldados, por vezes instalados em locais

sujeitos a alagamentos e infestados por insetos. A falta de barracas foi outro problema denunciado por Constant:

[...] excetuando aqueles poucos que são camaradas dos oficiais, ou empregados, a maior parte desta pobre gente não tem uma barraca que lhe sirva de abrigo, dormem ao relento expostos ao sereno e às chuvas, muitos sem mantas, sem capotes; por isso também a peste tem dado aqui com maior intensidade. Debalde o Tibúrcio zeloso e ativo como é tem feito pedido de barracas; não há, é a resposta que se dá, e é exato, não há barracas. (LEMOS, 1999, pp. 154-155)

A carência de barracas expunha os soldados às intempéries, deixando-os mais vulneráveis às enfermidades. Por fim, sobreviver às penúrias, às quais foram expostos os soldados, pareceu ser mais uma batalha a ser combatida durante a Guerra. De acordo com Doratioto:

A epidemia de cólera matou, até fins de maio de 1867, 4 mil soldados brasileiros, dos quais cerca de 130 oficiais, para logo em seguida desaparecer. Desse modo, o Exército imperial sofreu perdas equivalentes a uma batalha decisiva, sem sair do lugar. (DORATIOTO, 2002, p. 284)

Estar na Guerra já não foi o desejo de muitos soldados e vivenciar tais dificuldades extremas fez com que o número de deserções fosse bastante

elevado. O historiador Sousa (1996, pp. 59-60) constatou que as estatísticas referentes aos crimes julgados pelo Conselho Militar de Justiça apresentaram altos índices de casos de deserção, especialmente nos dois primeiros anos do conflito, algo em torno de 31,15%.

Também, no exército paraguaio, as deserções foram crescendo no último ano de Guerra, quando o abatimento e a falta de alimentos se tornaram mais frequentes, como se verifica nos relatos de Centurión:

A medida que avanzábamos hacia Cerro Corá, iban siendo frecuentes las

deserciones en grupos de ocho y diez. Muchos, sin embargo, se perdieron extraviados en aquellos inmensos y silenciosos bosques donde penetraban com sus oficiales las compañías a buscar algo con que apaciguar el hambre. (CENTURIÓN, t. IV, p. 169)

Por mais que medidas duras fossem adotadas pelas lideranças de ambos os exércitos a fim de conter as fugas de soldados, as condições extremadas e o longo período de conflito fizeram com que muitos homens empreendessem fuga, mesmo que essa fosse uma opção arriscada.

## OBJETIVOS

### Objetivo Geral

---

- Identificar e analisar as dificuldades vivenciadas nos acampamentos e campos de batalha brasileiros e paraguaios durante a Guerra do Paraguai.

### Objetivos específicos:

---

- Problematizar as condições médicas e sanitárias nos campos de batalha e acampamentos brasileiros e paraguaios na Guerra do Paraguai.
- Analisar as condições estruturais das instalações militares.
- Identificar a deserção como forma de resistência dos soldados frente às adversidades vividas no contexto do conflito.

## METODOLOGIA

A aula-oficina aqui proposta encontra-se organizada nas seguintes etapas:

**Atividade 1: investigando os conhecimentos** – nessa primeira tarefa, o objetivo será identificar os conhecimentos prévios dos/as estudantes a respeito do tema. Portanto, propõem-se questões que convirjam com os objetivos da oficina.

**Atividade 2: socializando as respostas** – esse será o momento em que os/as estudantes poderão expor as respostas, dadas às questões anteriores, numa aula dialogada. Sugere-se que o/a professor/a faça junto com os/as seus/suas estudantes um registro das hipóteses levantadas, verificando as recorrências e ausências nas respostas, bem como discutindo-as com os/as estudantes. Essa atividade dará pistas para o/a professor/a averiguar quais são os conhecimentos já construídos, em que nível se encontram, se existem visões equivocadas ou estereotipadas, entre outros, a fim de direcionar as próximas discussões.

**Fontes iconográficas** – nesse passo, apresentam-se três imagens do contexto da Guerra do Paraguai, incluindo pintura e fotografia para uma análise das distintas formas de representação. Em um primeiro momento, o/a professor/a

poderá conduzir uma conversa para verificar se os/as estudantes já conheciam tais imagens, quais impressões elas lhes causaram, entre outros.

**Atividade 3: análise das fontes iconográficas** – nessa atividade, espera-se que os/as estudantes realizem uma análise mais aprofundada das imagens, ela está organizada em três subitens que correspondem à identificação das imagens na sua forma pura considerando objetos, pessoas e cenário, e à interpretação dos conteúdos explícitos e implícitos nas imagens. Essa tarefa poderá ser realizada em duplas ou grupos para que os/as estudantes possam discutir suas ideias e observações. O recurso para a apresentação das imagens ficará a cargo do/a professor/a (a), pois dependerá das possibilidades da instituição escolar.

**Fontes escritas** – nessa seção, apresentam-se documentos escritos contendo relatos memorialistas a respeito das dificuldades vivenciadas pelos soldados e trechos de pesquisas de historiadores/as atuais.

**Atividade 4: problematização das fontes** – essa etapa apresenta questões que se voltam às perguntas iniciais (da Atividade 1). O objetivo é avaliar os avanços em relação ao levantamento dos conhecimentos prévios.

**Avaliação: comunicação do aprendido** – a avaliação está organizada em dois momentos. No primeiro, espera-se que os/as estudantes possam expressar o aprendizado numa aula dialogada, sugerem-se algumas questões que poderão orientar esse momento. E na

segunda etapa, propõem-se a produção de cartazes pelos/as estudantes. Essa atividade poderá ser realizada em pequenos grupos, problematizando as adversidades vividas no contexto da Guerra. O material elaborado poderá ser exposto em murais da escola.

## ATIVIDADE 1: investigando os conhecimentos

- Como você imagina as instalações dos acampamentos militares brasileiros?
- Quais doenças você avalia que podem ter acometido militares e civis durante o conflito? E quais podem ter sido os impactos das epidemias naquele contexto?
- Como você imagina o atendimento médico e hospitalar aos doentes e feridos durante a Guerra?
- Na sua visão, podem ter ocorrido muitos casos de deserção de soldados durante a Guerra? Quais motivos você avalia contribuir para a deserção?

## ATIVIDADE 2: Socializando as respostas

- Nessa atividade, os/as estudantes deverão expor as suas respostas.
- Em conjunto, professor/a e estudantes poderão registrar e discutir as hipóteses levantadas. Esse registro poderá ser feito na própria lousa para todos/as visualizarem e anotarem se preferirem.

## FONTES ICONOGRÁFICAS

### IMAGEM 1: IGREJA DE VILETTA SERVINDO DE HOSPITAL PARAGUAIO

Igreja de Villeta, transformada em hospital para atender os feridos paraguaios. É uma litogravura da autoria de Julio Pelvilain, produzida a partir da pintura de Adolf Methfessel. Nela o autor representou mulheres e crianças e ressaltou a fome e a nudez no contexto da Guerra.



PELVILAIN, Julio. Iglesia de la Villeta - Hospital de los paraguayos heridos. Buenos Aires: Litogravura de Julio Pelvilain, 1871. a partir da pintura original de Methfessel. 1 gravura, litogravura, p&eb, 25,6 x 36,3 cm em papel 31,6 x 44,9 cm. Custódia: Biblioteca Nacional (Brasil). Disponível em: [http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo\\_digital/div\\_iconografia/icon1520692/icon1520692.jpg](http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_iconografia/icon1520692/icon1520692.jpg). Acesso em: 02 de maio de 2024.

## IMAGEM 2: IGREJA SERVINDO DE HOSPITAL DE SANGUE

Hospital de sangue das tropas aliadas montado em uma igreja em Corrientes na Argentina. Observe as pequenas barracas montadas em frente à igreja.



GUERRA do Paraguai: Igreja, servindo de Hospital de sangue. Corrientes [Argentina]: [s.n.], [1866]. 1 foto, papel albuminado, 12,7 x 19,5 cm. Coleção Biblioteca Fluminense. Custódia: Biblioteca Nacional (Brasil). Disponível em: [http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo\\_digital/div\\_iconografia/icon393035/icon1408757.jpg](http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_iconografia/icon393035/icon1408757.jpg). Acesso em: 02 de maio de 2024.

### IMAGEM 3: QUARTEL GENERAL E TUYUCUÉ

Aproveitando a madeira da vegetação local, construíam-se cabanas que serviam de alojamento. O ambiente nem sempre era o mais favorável, por vezes o terreno era alagadiço e a água das chuvas inundava as barracas.



TREBBI, Frederico. Cuartel Gral. en Tuyucué. Colonia Tuyu Cué (Neembucu, Paraguai): [s.n.]. [entre 1865 e 1870]. 1 foto: carte de visite, papel albuminado, p&B, 5,5 x 9. Custódia: Biblioteca Nacional (Brasil). Disponível em: [http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo\\_digital/div\\_iconografia/icon514942\\_1152999/icon1152984.jpg](http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_iconografia/icon514942_1152999/icon1152984.jpg). Acesso em: 02 de maio de 2024.

## ATIVIDADE 3: Análise das fontes iconográficas

### 1. Identificação Primária:

Neste item, você deverá fazer uma descrição detalhada de cada imagem. Relate tudo o que é possível visualizar: seres humanos, animais, objetos, cenário, expressões, vestimentas, etc. Também a forma de representação: se é pintura, fotografia ou desenho, quem foi seu/sua autor/a, ano da produção, dimensões da imagem, etc.



### 2. Identificação Secundária:

Com base na sua descrição anterior, aponte qual é o assunto de cada imagem. Ele está relacionado a qual acontecimento histórico? Estabeleça uma ligação deste fato com a imagem.



### 3. Identificação intrínseca:

Identifique em cada imagem os conteúdos que não estão visíveis. Para isso, procure associar as cenas com o acontecimento histórico e você conseguirá interpretar os sentidos que não foram explícitos pelos/as autores/as das imagens.

## FONTES ESCRITAS

### Documento 1:

No texto abaixo, o coronel paraguaio Juan C. Centurión, que vivenciou a Guerra, relatou sobre as dificuldades enfrentadas pelo exército nos longos percursos que percorriam. A fome, as doenças e as intempéries deixaram o hospital lotado:

“Pode-se dizer, sem se afastar muito da verdade, que de Zanja Hú em diante a rota que liderava o exército nacional, foi semeada com cadáveres daqueles que morreram de fome, doenças e outras causas. O tempo era muito ruim, chuvas torrenciais caíam quase todos os dias alternando com sol muito forte. Como resultado daquela chuva incessante, o hospital ficou cheio de doentes. A escassez de meios de mobilidade e o esgotamento geral do exército, tornaram absolutamente impossível poder marchar com eles e fazer a jornada lamentável de Mbaracayú. Atento a essa situação, o marechal, ao levantar acampamento, decidiu deixar no hospital de Zanja Hú cerca de 700 enfermos. Muitas mulheres que estavam seguindo o exército foram deixadas com eles.”

(CENTURIÓN, Juan Crisóstomo. **MEMORIAS: o Reminiscencias Históricas sobre la Guerra del Paraguay**. Tomo IV. Edición digital de la Biblioteca Virtual del Paraguay basado en la edición 1944. pp. 168-69 [tradução nossa]. Asunción Paraguay, Editorial Guaranía, 2005. Disponível em: <http://fortalezas.org/midias/arquivos/2619.pdf>. Acesso em: 08 de maio de 2024)

### Documento 2:

No trecho que segue, o tenente-coronel do exército paraguaio, Jorge Thompson, mencionou o surgimento da cólera e o efeito devastador que ela provocou:

“A cólera eclodiu em maio de 1867, aparecendo pela primeira vez no Passo Gómez. Logo se espalhou por todo o exército, fazendo numerosas vítimas. Dois grandes hospitais para coléricos foram estabelecidos. O coronel Pereira, chefe da cavalaria e o coronel Francisco González, nº 6, e muitos outros oficiais e soldados foram vítimas do flagelo.”

(THOMPSON, Jorge. **La Guerra del Paraguay**. Traducida al español por Diego Lewis y Angel Estrada. Tomo Primero. Segunda edición, anotada e aumentada. Talleres Gráficos de L. J. Rosso y Cia. Buenos Aires, 1910, p. 204 [tradução nossa]. Disponível em: [https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/0/09/Jorge\\_Thompson\\_-\\_La\\_Guerra\\_del\\_Paraguay.pdf](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/0/09/Jorge_Thompson_-_La_Guerra_del_Paraguay.pdf). Acesso em: 04 de maio de 2024.)

### Documento 3:

Benjamin Constant foi um militar convocado para a Guerra do Paraguai e, em algumas de suas cartas, escreveu sobre sua indignação com relação às condições sanitárias e as doenças que acometiam os soldados e população da cidade de Corrientes, onde as tropas estiveram por algum tempo:

"Ontem chegou a esta cidade o vapor D. Tereza vindo de Curuzu com trezentos coléricos. Estes desgraçados doentes vinham no mais completo abandono, quase nus (pois alguns traziam camisas sem calças nem ceroulas, outros com calças, mas sem camisa, poucos vinham completamente fardados e raros os que traziam uma manta para cobrir-se), sem um só médico, sem enfermeira, sem ninguém que os trouxesse, sem um só medicamento, sem comida, etc. Chegaram dezesseis mortos e outros à morte. À meia-noite do mesmo dia chegou o vapor D. Francisca vindo com coléricos de Curuzu e tratados do mesmo modo. [...] Conforme as correspondências dos jornais dessa Corte o estado sanitário do Exército é muito lisonjeiro, o número de mortos é insignificante, mas a verdade é esta e felizmente existe em dados oficiais que lá não aparecem; antes da invasão do cólera o número de doentes de diversas moléstias subia a perto de 12.000 homens e só em Corrientes, nos diversos hospitais, a estatística dos mortos excedia sempre a trezentos homens por mês e o nº de doentes aumentara cada vez mais."

(LE MOS, Renato. **Cartas da Guerra. Benjamin Constant na campanha do Paraguai**. Transcrição, organização e introdução de Renato Lemos. Rio de Janeiro, IPHAN-Museu Casa Benjamin Constant, 1999. p. 155.)

**Faça uma pesquisa a respeito da cólera, procure identificar os sintomas, formas de transmissão, como é o tratamento, se a doença ainda existe, etc.**

Constant se comunicava frequentemente com sua esposa e familiares por meio de cartas. Em várias passagens de suas correspondências, o militar faz críticas à precarização da situação dos soldados e a atuação dos comandantes.

### Documento 4:

Neste fragmento, o historiador Jorge Prata de Sousa analisou casos de deserções de soldados brasileiros durante a Guerra do Paraguai:

"Desde o início da guerra, as deserções eram muitas. Em 1865 e 1866, respectivamente 36,09% e 42,85% das punições do Conselho Militar foram para desertores das fileiras nacionais. Das três instituições, o Exército foi a que mais registrou desertores em números absolutos."

(SOUSA, Jorge Prata de. **Escravidão ou morte: os escravos brasileiros na Guerra do Paraguai**. Rio de Janeiro: Mauad: Adesa, 1996. p. 60.)

### Documento 5:

O exército paraguaio não esteve livre de casos de deserção. Para evitar a perda de homens, algumas medidas foram tomadas. No parágrafo que segue, Marx Von Versen fez a seguinte constatação:

"Crescendo os casos de deserção, a autoridade militar tomou a providência de estabelecer 3 chamadas por dia e, além disso, tornou cada homem solidário com os 2 imediatos companheiros de fileira à direita e à esquerda, devendo ele declarar onde ambos os outros em qualquer momento se achavam."

(VERSEN, Max von. **História da Guerra do Paraguai**. Tradução de Manoel Tomás Alves Nogueira. Apresentação de Mário Guimarães Ferri. Belo Horizonte. Ed. Itatiaia: São Paulo. Ed. da Universidade de São Paulo. 1976. p. 122. Coleção Reconquista do Brasil. vol. 31)

### Documento 6:

No trecho abaixo, o militar Dionísio Cerqueira registrou sua impressão a respeito das condições sanitárias do hospital instalado em um estabelecimento utilizado para abate de animais e preparo de charque:

"Impressionou-me mal o cheiro nauseabundo que exalava aquele estabelecimento sanitário improvisado. Haviam-no colocado num saladeiro, onde se abatia grande número de reses e preparava-se xarque. Não sei por que, sempre tivemos pronunciada predileção pelos lugares insalubres para quartéis e hospitais. Haja vista o Quartel tipo e o Hospital Central, ambos edificadas em terrenos alagadiços, sendo que o último foi pintado de azul, cor que dizem ser a preferida pelas anófeles."

(CERQUEIRA, Dionísio. **Reminiscências da campanha do Paraguai, 1865-1870**. Rio de Janeiro Biblioteca do Exército. Coleção General Benício. pub. 499. vol. 179. 1980. p. 58.)

## ATIVIDADE 4: Problematização das fontes

- Por meio da análise das fontes, como poderíamos caracterizar as instalações dos acampamentos militares?
- Avalie as condições sanitárias e de saúde nos acampamentos militares.
- Qual a principal doença que acometeu muitos soldados e civis durante a Guerra e as suas consequências?
- Problematize como era a vida de militares e civis no contexto da Guerra.
- Identifique formas de resistências dos soldados para os serviços militares.

## AVALIAÇÃO: Comunicação do aprendizado

### 1º Passo:

Espera-se que os/as estudantes consigam verbalizar sobre o que eles apreenderam e sobre o que esse conteúdo significou para a sua vida. Para tal, sugere-se uma roda de conversa, em que o/a professor/a poderá lançar questões que julgar pertinentes.

Poderão ser problematizadas questões como:

- Quais as consequências de um ambiente insalubre na propagação de epidemias?
- Quais fatores podem ter agravado o avanço da cólera no contexto da Guerra do Paraguai?
- Como poderia ter sido evitada a grande mortandade causada pela cólera e outras doenças?
- Existem doenças que causam algum tipo de preocupação em nossa cidade e quais medidas são tomadas?
- Como seria viver num acampamento improvisado por anos?

- É possível identificar, no nosso país, pessoas vivendo, nos dias atuais, em moradias improvisadas e insalubres? É tomada alguma providência para essa situação?
- Qual avaliação podemos fazer a respeito do grande número de deserções durante o conflito?

## 2º Passo:

Após a roda de conversa, propõe-se a elaboração de cartazes problematizando as questões discutidas. Os cartazes poderão ser confeccionados em pequenos grupos e expostos nos murais da escola. Caso exista a possibilidade, o/a professor/a poderá orientar os/as estudantes a utilizar sites para confecção de cartazes virtuais como o padlet.com ou baixar o aplicativo padlet para celular. Com esta ferramenta, é possível criar cartazes virtuais colaborativos, ou seja, diferentes estudantes podem contribuir na confecção de um cartaz. Para saber mais sobre como usar o aplicativo, assista ao tutorial: Aprenda a usar o padlet em aula, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=x38YhRFXryQ>.

## AULA-OFICINA 6

---

# O COTIDIANO NA GUERRA DO PARAGUAI

### Tema

---

O cotidiano na Guerra do Paraguai para soldados brasileiros e famílias paraguaias.

### Identificação

---

Apresenta-se uma aula-oficina do conteúdo da Guerra do Paraguai com o propósito de possibilitar uma reflexão a respeito do dia-a-dia no contexto do conflito, para soldados brasileiros e famílias paraguaias.

O material contém imagens produzidas no contexto da Guerra e documentos escritos referentes a resultados

de pesquisas de historiadores/as da atualidade e escritos de memorialistas, militares que estiveram no conflito.

Para o trabalho com as fontes elaboraram-se questões de identificação e interpretação de imagens. As atividades permitem uma aula dialogada, análise crítica dos documentos, produção textual e expressão criativa dos/as estudantes.

### Justificativa

---

Por meio da historiografia mais recente, também denominada neorrevisionista, e dos escritos de memorialistas, é possível interpretar o que teria sido o dia-a-dia no contexto do conflito. A história da Guerra abordada nos livros didáticos, em geral, apresenta viés mais político e cronológico dos fatos,

procurando explanar sobre as causas e consequências da disputa bélica.

Nessa medida, acredita-se ser relevante possibilitar as discussões referentes ao cotidiano da contenda também no contexto da sala de aula, nas turmas do ensino médio. A temática visa instigar o/a estudante a pensar no

evento para além das causas e consequências e analisar como uma guerra

pode afetar a vida das pessoas que nela foram envolvidas.

## Contextualização

---

A contenda se passou em grande parte em território paraguaio e homens e mulheres que para lá se direcionaram reorganizaram e adaptaram suas vidas dentro de um contexto adverso daquele em que viveram até então. De um modo, ainda mais intenso, famílias paraguaias tiveram suas estruturas familiares, produtivas e culturais afetadas pela Guerra que avançou sobre seu território.

Foram mais de cinco anos de conflito, e muitos dos que se direcionaram para os campos de batalha lá permaneceram por um longo período. Alguns estiveram na Guerra desde os tempos iniciais, como foi o caso do tenente-coronel Albuquerque Bello, o qual deixou-nos um importante documento histórico, seu diário, onde fez diversos registros referentes ao cotidiano nos acampamentos.

Em geral, os militares que estiveram no conflito e que transmitiram suas impressões a respeito da Guerra, seja por meio de diários, de cartas ou de memórias, fizeram menção às dificuldades vividas nos campos. A falta de alimentos ficou gravada, tanto por memorialistas brasileiros quanto para-

guaios. Juan Centurión, que foi soldado e coronel no exército do Paraguai, assim se referiu à fome:

No hay ni puede haber motivos más poderosos de desaliento en un ejército que el hambre y la miseria máxime cuando en nuestro caso no se columbraba en el horizonte señal alguna que indique un término más o menos próximo de tan dura campaña. (CENTURIÓN, 2005, t. II, p. 213)

Os militares brasileiros André Rebouças (1973) e Albuquerque Bello (2011) mencionaram a precariedade da alimentação oferecida aos soldados. A principal fonte de alimento era a carne obtida pelo gado enviado aos acampamentos, contudo a diminuição dos rebanhos das proximidades fazia com que o fornecimento de animais fosse dificultado pelas longas distâncias. Outros alimentos, como farinha, chegavam em quantidades insuficientes.

Também, Visconde de Taunay relatou, em *Retirada da Laguna*, sobre a escassez de mantimentos ao longo de todo o tempo que durou a expedição militar na província de Mato Grosso, especialmente no retorno, quando já

não existia mais nenhuma reserva de víveres: “Os soldados pareciam resentir-se pela insuficiência dos viveres: a marcha era silenciosa e como pejada de tristeza” (TAUNAY, 1874, p. 89). Perseguidos ao longo do caminho por soldados adversários, tornou-se difícil obter fontes de alimentos, até mesmo os comerciantes ambulantes haviam sido afugentados.

As intempéries foram outro fator que dificultou a vida nos campos de batalha, os dois extremos, o calor e o frio, foram queixas de diferentes militares. Para as duas situações, muitas vezes não havia meios de proteção. Já as chuvas inundavam os acampamentos e atrapalhavam as marchas, conforme vemos em Centurión:

El 23 de enero llegamos, con las fuerzas mencionadas, a la margen derecha del río *Amambay*, bajo una lluvia torrencial que no nos había abandonado, sino por cortos intervalos, desde que salimos de *Zanja Hú*, imposibilitando la marcha regular de los rodados y de las tropas que, en su consecuencia, se enfermaban y morían en todo el camino. (CENTURIÓN, 2005, t. IV, pp. 173-174)

Os insetos também foram mencionados, especialmente as moscas, que em grande quantidade atrapalhavam até mesmo os momentos de refeição, quando pousavam nos alimentos.

O tenente-coronel Bello, em várias passagens de seu diário, se referiu às dificuldades com esse inseto: “As moscas não me deixam socegar hoje; não pude jantar; é uma praga terrível.” (BIBLIOTECA NACIONAL, 2011, v. CXII, p. 120). Além do mais, sabe-se que moscas podem contribuir para a proliferação de doenças.

Mas, mesmo em meio às dificuldades, procurava-se levar uma vida que pudesse amenizar as adversidades e as saudades dos familiares. Nos escritos dos memorialistas, identificaram-se momentos de descontração. Nos seus registros, Bello descreveu no dia 21 de julho de 1866, num sábado, uma situação cômica vivenciada no acampamento e que descontraiu a ele e seus companheiros:

Eu que tenho passado incomodado e triste com a morte do Fileto, hoje não pude deixar de rir-me muito com o Jesuino; elle tem estado com diarreia, e precisando de um orinol, mandou camarada ao commercio comprar um! e o que há de comprar o camarada? Um barril que foi de azeitonas e vem muito satisfeito, e apresenta ao Jesuino, dizendo-lhe este o orinol, é muito bom! O Jesuino fica desesperado e parte com o camarada, com tal maneiras que não pudemos deixar de rir a não poder mais, o facto é que o barril ficou para orinol. (BIBLIOTECA NACIONAL, 2011, v. CXII, p. 150).

Verificou-se, também, que o próprio comércio que se instalou nas proximidades de alguns dos acampamentos poderia servir de local de passeio e encontro com os amigos. Os passeios são citados como uma forma de distração, úteis para superar a solidão.

A religiosidade também teve espaço no contexto da Guerra, fontes imagéticas e escritas demonstram a participação das tropas em momentos de culto. Missas eram celebradas em dias considerados santos e sacramentos eram concedidos. Bello, por exemplo, relatou que participou de um batizado no qual foi padrinho.

Do lado paraguaio, interpretamos que o cotidiano da Guerra extrapolou a fronteira dos acampamentos militares. À medida que o conflito avançava, as famílias foram sendo envolvidas nele, as unidades produtivas foram sendo afetadas, a fome e as moléstias foram ganhando espaço entre a população. Sobre esses aspectos da Guerra no território paraguaio, Centurión fez o seguinte relato:

La peste, de salto en salto, fue prepagándose en el país, matando a muchas personas del pueblo. Su desarrollo fue favorecido por el estado de miseria en que se encontraban

las familias, que habían tenido que abandonar sus casas, emigrando de un punto a otro, formando grandes agrupaciones ambulantes, parecidas a un *caravan-serail*, circunstancia que hacía imposible atender a la higiene más elemental. (CENTURIÓN, 2005, t. II, p. 219)

Muitas famílias tiveram que abandonar suas propriedades a fim de fugir do avanço dos aliados. Algumas optaram por seguir as tropas: "Numerosas mujeres y familias, acampadas cerca del paso de *Tupí-hú*, presenciaron cuales otras heroínas galas el combate de sus hijos, hermanos, parientes y esposos." (CENTURIÓN, 2005, t. IV, p. 56). Essa situação muitas vezes deixou mulheres e crianças suscetíveis ao aprisionamento, às violências e a outras adversidades características do ambiente de guerra.

Fotógrafos registraram famílias indígenas no contexto do conflito, são rostos tristes, na maioria crianças e mulheres emagrecidas. Memorialistas como Dionísio Cerqueira (1980) também fizeram menção a mulheres e crianças com as quais as tropas aliadas cruzaram pelo caminho, eram pessoas desnutridas e maltrapilhas, cuja dignidade a Guerra já havia levado há muito tempo.

## OBJETIVOS

### Objetivo geral

---

- Refletir sobre o cotidiano na Guerra do Paraguai nos acampamentos brasileiros e nos campos paraguaios.

### Objetivos específicos

---

- Identificar aspectos religiosos no cotidiano dos acampamentos militares brasileiros.
- Analisar a importância dos comerciantes na vida dos acampamentos militares.
- Avaliar as consequências do conflito no cotidiano das famílias paraguaias.
- Caracterizar o dia-a-dia na Guerra para tropas brasileiras e paraguaias.

## METODOLOGIA

A aula-oficina aqui proposta encontra-se organizada nas seguintes etapas:

**Atividade 1: investigando os conhecimentos** – nessa primeira tarefa, o objetivo será identificar os conhecimentos prévios dos/as estudantes a respeito do tema. Portanto, propõem-se questões que converjam com os objetivos da oficina.

**Atividade 2: socializando as respostas** – esse será o momento em que os/as estudantes poderão expor as respostas, dadas às questões anteriores, numa aula dialogada. Sugere-se que o/a professor/a faça junto com os/as seus/suas estudantes um registro das hipóteses levantadas verificando as

recorrências e ausências nas respostas, bem como discutindo-as com os/as estudantes. Essa atividade dará pistas para o/a professor/a averiguar quais são os conhecimentos já construídos, em que nível se encontram, se existem visões equivocadas ou estereotipadas, entre outros, a fim de direcionar as próximas discussões.

**Fontes iconográficas** – nesse passo, apresentam-se três fotografias do contexto da Guerra do Paraguai, para uma análise sobre o dia-a-dia nos acampamentos brasileiros e os reflexos do conflito na vida das famílias paraguaias. Num primeiro momento, o/a profes-

sor/a poderá conduzir uma conversa para verificar se os/as estudantes já conheciam tais imagens, quais impressões elas lhes causaram, entre outros.

**Atividade 3: análise das fontes iconográficas** – nessa atividade, espera-se que os/as estudantes realizem uma análise mais aprofundada das imagens, ela está organizada em três subitens que correspondem à identificação das imagens na sua forma pura considerando objetos, pessoas e cenário, e à interpretação dos conteúdos explícitos e implícitos nas imagens. Essa tarefa poderá ser realizada em duplas ou grupos para que os/as estudantes possam discutir suas ideias e observações. O recurso para a apresentação das imagens ficará a cargo do/a professor/a, pois dependerá das possibilidades da instituição escolar.

**Fontes escritas** – nessa seção, apresentam-se documentos escritos, trechos de

resultados de pesquisas de historiadores/as atuais e de documentos de época que consistem em relatos de autores memorialistas.

**Atividade 4: problematização das fontes** – essa etapa apresenta questões que se voltam às perguntas iniciais (da Atividade 1). O objetivo é avaliar os avanços em relação ao levantamento dos conhecimentos prévios.

**Avaliação: comunicação do aprendizado** – a avaliação está organizada em dois momentos. No primeiro, espera-se que os/as estudantes possam expressar o aprendizado numa aula dialogada, sugeriram-se algumas questões que poderão orientar esse momento. E na segunda etapa, propõe-se uma produção por parte dos/as estudantes, sugerem-se histórias em quadrinhos de uma ou mais folhas, procurando representar situações do cotidiano da Guerra.

## **ATIVIDADE 1: investigando os conhecimentos**

---

- Para você, os militares na Guerra do Paraguai mantinham alguma relação com a vida religiosa?
- Na sua opinião, os militares nos acampamentos, distantes das cidades, conseguiam ter acesso a gêneros e objetos dos quais necessitavam?
- Você avalia que o dia-a-dia da Guerra repercutiu sobre as famílias paraguaias? De que maneira isso poderia ter acontecido?
- Como você imagina o cotidiano dos soldados brasileiros e paraguaios durante o conflito?

## **ATIVIDADE 2: Socializando as respostas**

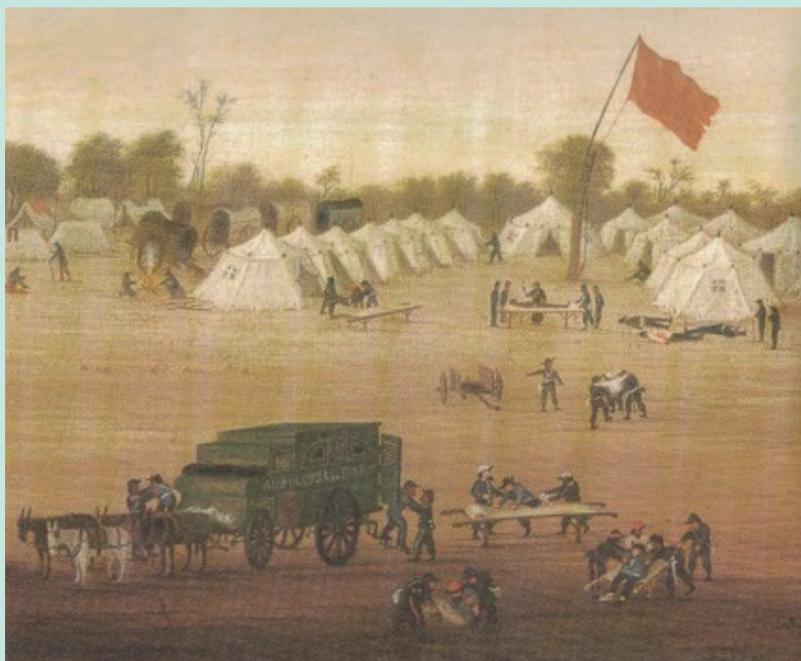
---

- Nessa atividade, os/as estudantes deverão expor as suas respostas.
- Em conjunto, professor/a e estudantes poderão registrar e discutir as hipóteses levantadas. Esse registro poderá ser feito na própria lousa para todos/as visualizarem e anotarem se preferirem.

## FONTES ICONOGRÁFICAS

### IMAGEM 1: HOSPITAL DE SANGUE BRASILEIRO E DE ENFERMOS ARGENTINOS

Pintura de Candido López, pintor argentino, representando um hospital de sangue brasileiro e de enfermos argentinos, em Passo da Pátria. Candido López participou da Guerra até a Batalha de Curupaiti, ali perdeu sua mão direita. Fora dos campos de batalha, aprendeu a manusear o pincel com a mão esquerda e retratou diferentes situações dos campos de combate.



LÓPEZ, Candido. Hospital de sangue brasileiro e de enfermos argentinos. In: SALLES, Ricardo. Guerra do Paraguai: Memórias e Imagens. Apresentação: Lilia Moritz Schwarcz. Edições Biblioteca Nacional: Rio de Janeiro, 2003. p. 164.

Para conhecer mais obras do pintor Candido López, acesse o link:  
<https://artsandculture.google.com/entity/%2Fm%2F089ybp?hl=pt>

## IMAGEM 2: COMÉRCIO DE LAMBARÉ NO PARAGUAI

Vista do comércio de Lambaré. Muitos comerciantes acompanharam as tropas em suas excursões e se fixaram nas proximidades dos acampamentos. Era uma forma de ganho para o mercador, mas também uma possibilidade de as tropas serem abastecidas por produtos diversos.



VISTA do Commercio em Lambaré. [Paraguai]: [s.n.], [1869]. 1 foto, papel albuminado, p&B, 11,4 x 17,2 cm. Coleção: Biblioteca Fluminense. Custódia: Biblioteca Nacional (Brasil). Disponível em: [https://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo\\_digital/div\\_iconografia/icon393033/icon1406423.jpg](https://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_iconografia/icon393033/icon1406423.jpg). Acesso em: 02 de maio de 2024.

### IMAGEM 3: MISSA NA IGREJA DO ROSÁRIO NO PARAGUAI

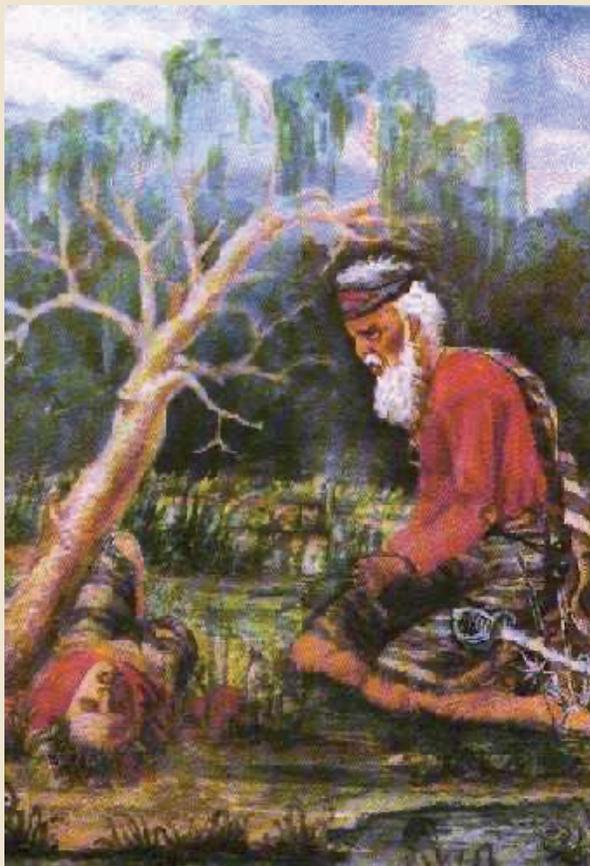
Missa sendo realizada na Igreja do Rosário com a participação das forças brasileiras. Os cultos religiosos e a presença de sacerdotes, no contexto da Guerra, foram registrados por imagens e relatos.



As forças brasileiras ouvindo missa na Igreja do Rosario - Territorio Paraguay. [Paraguai]. [s.n.]. [1868 e 1870]. 1 foto. papel albuminado, p&nb, 9 x 14,4 cm. Coleção: Biblioteca Fluminense. Custódia: Biblioteca Nacional (Brasil). Disponível em: [https://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo\\_digital/div\\_iconografia/icon393033/icon1406448.jpg](https://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_iconografia/icon393033/icon1406448.jpg). Acesso em: 02 de maio de 2024.

## IMAGEM 4: SOLDADO PARAGUAIO CHORA A MORTE DO SEU FILHO

Abaixo, tela representando a tristeza de um soldado paraguaio ao ver seu filho morto. A pintura é de Jose Ignacio Garmendia. Ele foi capitão no exército aliado e utilizou seu talento e conhecimento artístico para retratar o contexto da Guerra por meio de desenhos e pinturas.



GARMENDIA, Jose Ignacio. Soldado paraguaio diante do cadáver de seu filho - tela de Garmendia aquarela 26,3 x 18,3 cm. In: Jose Ignacio Garmendia: Crónica en imágenes de la Guerra del Paraguay. Pontificia Universidad Católica Argentina, p. 17. Disponível em: [https://www.porta guarani.com/2930\\_jose\\_ignacio\\_garmendia/21452\\_jose\\_ignacio\\_garmendia\\_cronica\\_en\\_imagenes\\_de\\_la\\_guerra\\_del\\_paraguay.html](https://www.porta guarani.com/2930_jose_ignacio_garmendia/21452_jose_ignacio_garmendia_cronica_en_imagenes_de_la_guerra_del_paraguay.html). Acesso em: 02 de maio de 2024.

## ATIVIDADE 3: Análise das fontes iconográficas

### 1. Identificação Primária:

Neste item, você deverá fazer uma descrição detalhada de cada imagem. Relate tudo o que é possível visualizar: seres humanos, animais, objetos, cenário, expressões, vestimentas, etc. Também a forma de representação: se é pintura, fotografia ou desenho, quem foi seu/sua autor/a, ano da produção dimensões da imagem, etc.



### 2. Identificação Secundária:

Com base na sua descrição anterior, aponte qual é o assunto de cada imagem. Ele está relacionado a qual acontecimento histórico? Estabeleça uma ligação deste fato com a imagem.



### 3. Identificação intrínseca:

Identifique em cada imagem os conteúdos que não estão visíveis. Para isso, procure associar as cenas com o acontecimento histórico e você conseguirá interpretar os sentidos que não foram explícitos pelos/as autores/as das imagens.

## FONTES ESCRITAS

---

### Documento 1:

No trecho abaixo, o historiador Ricardo Salles escreveu a respeito dos comerciantes que acompanhavam as tropas e da formação de um comércio junto ao acampamento militar em Humaitá:

"O exército aliado, em sua marcha por território argentino, era seguido por uma multidão de comerciantes, mulheres, crianças, prostitutas, jogadores, aproveitadores e aventureiros de toda a espécie. Podia-se encontrar de tudo nesse 'comércio', contanto que se tivesse dinheiro: armamento, fardamento, medicamentos, tecidos, vestuário masculino e feminino, comida, alimentos importados, champanhe, aguardente, jogo, mulheres. A moeda corrente era a libra esterlina.

Quando a guerra chegou a um impasse diante da fortaleza de Humaitá, o exército aliado permaneceu acampado em Tuiuti por mais de dois anos. O 'comércio', que seguia o exército desde sua marcha pelas províncias argentinas de Entre Rios e Corrientes, tornou-se praticamente uma cidade."

(SALLES, Ricardo. **Guerra do Paraguai: escravidão e cidadania na formação do exército**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990, p. 125.)

Os comércios acabaram, também, se tornando um local para passeios, para se encontrar com amigos e conversar.

Já os preços das mercadorias poderiam ser bem elevados, tanto pela dificuldade da logística, como, também, pela inexistência de concorrência.

## Documento 2:

Fragmentos do diário do tenente-coronel Albuquerque Bello, referente aos dias 24 de junho e 24 de dezembro de 1866:

“Fui a missa, a servir de padrinho de um menino filho do anspeçada Carlos, do meu corpo; o pequeno foi baptisado com o nome de Francisco.

[...]

São 11 horas da noite quando escrevo estas linhas - as 2 horas e meia da manhã o inimigo nos atacou pela direita, e em Curupaity, mas nada fizeram aqui por que foram imediatamente repellidos para suas tocas - o Jesuino teve uma feliz lembrança, arranjamos um menino Deos e armemos um Presepio que ficou muito bonito, construido [palavra ilegível] e mattos, foi collocado na linha de bandeira do corpo, tem sido muito concorrido, as capellas estão tambem com seus Presepios armados, e se preparão para a missa a meia noite; e no meio de tudo isso d'esse rebulicio de pessôas que tem vindo ao meu acampamento; só penço na minha familia, que a essa hora chora de saudade! e o meu coração como não está agora! Deos sabe tudo – Escrevi a minha mulher e ao Leal.”

(BIBLIOTECA NACIONAL. **Documentos históricos: Diário do tenente-coronel Albuquerque Bello.** Introdução e notas de Ricardo Salles e Vera Arraes. Vol. CXII. Rio de Janeiro, 2011, p. 142 e 184.

Observe que se trata de um fragmento de diário escrito no final do século XIX, portanto é possível visualizar palavras com escrita própria daquele período, além de possíveis erros ortográficos do autor.

### Documento 3:

Este texto apresenta dois fragmentos das memórias do coronel Juan Crisóstomo Centurión, do exército paraguaio, referentes às famílias paraguaias no contexto da Guerra:

"O marechal também deu a ordem ao pároco José Núñez para notificar as numerosas famílias que estavam acompanhando o exército para que elas voltassem para suas casas, e que o chefe Miranda estava encarregado de lhes dar proteção necessária contra possíveis avanços do inimigo. Muitas famílias cumpriram essa disposição; mas muitas outras preferiram correr o destino que a Providência trará para o exército."

(CENTURIÓN, Juan Crisóstomo. **MEMORIAS:** o Reminiscencias Históricas sobre la Guerra del Paraguay. Tomo IV. Edición digital de la Biblioteca Virtual del Paraguay basado en la edición 1944. Asunción Paraguay, Editorial Guaranía, 2005, p. 92. Disponível em: <http://fortalezas.org/midias/arquivos/2619.pdf>.)

"O capitão Roa, à frente de 2.000 homens, destacou-se em Tacuatí, a fim de proteger as muitas famílias que, fugindo do inimigo de todos os lugares, se refugiavam naquela cidade. No dia 20 do mesmo mês de setembro, ele foi atacado por forças brasileiras; e apesar de uma resistência tenaz e heróica, ele foi derrotado com a perda de cerca de 40 homens entre mortos e feridos. E, como consequência, todas as famílias permaneceram no poder do inimigo."

(CENTURIÓN Juan Crisóstomo. Op. cit. p. 123.)

Boa parte do conflito se passou em território paraguaio, o que fez a população vivenciar de perto os confrontos, as moléstias e a escassez de alimentos. Muitas famílias sofreram com separações e perdas.

## Documento 4:

Abaixo um fragmento da obra do tenente-coronel Jorge Thompson, do exército do Paraguai, onde relatou sobre os improvisos nos tempos de Guerra para suprir a falta de produtos nas tropas paraguaias:

“O sal era previamente trabalhado em larga escala em “Lambaré” com a lama do rio, mas as mulheres estavam ocupadas demais em outras coisas e não tinham tempo para se dedicar a isso; portanto, apenas hospitais receberam este artigo, e certamente não em grande abundância. É verdade que as tropas tinham uma ração quinzenal, mas era tão escasso que não era suficiente para uma única refeição. Alguns soldados descobriram no Chaco, uma árvore com folhas muito grossas, que cozida, produzia uma substância semelhante ao sal, mas não de muito bom gosto, mas comiam porque estavam com grande necessidade de sal.

O couro foi estacado e raspado com facas até perderem peso suficiente e depois esfregaram bem até que veio a ficar mais fino. Então eles os cortaram e fizeram as calças com ele; mas eles tinham o defeito de que, quando se molhavam, ficaram tão duros; que quem as usava não conseguia encolher as pernas. Por esse motivo, eles foram abandonados. Tapetes dos salões do clube e da estação central da ferrovia em Assunção foram cortados para fazer ponchos, mas eram tão duros que os soldados pareciam preso entre dois quadros. Como os invernos no Paraguai são muito frios quando o vento sul sopra, os soldados sofreram muito com a falta de roupas.”

THOMPSON, Jorge. **La Guerra del Paraguay**. Traducida al español por Diego Lewis y Angel Estrada. Tomo Primeiro. Segunda edición, anotada e aumentada. Talleres Gráficos de L. J. Rosso y Cia, Buenos Aires, 1910, p. 209. [tradução nossa]. Disponível em: [https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/0/09/Jorge\\_Thompson\\_-\\_La\\_Guerra\\_del\\_Paraguay.pdf](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/0/09/Jorge_Thompson_-_La_Guerra_del_Paraguay.pdf). Acesso em: 09 de maio de 2024.

## Documento 5:

Dois fragmentos das memórias de coronel Centurión, em que o militar registrou sobre a fome e o desânimo que acometeu os soldados paraguaios no momento em que a Guerra avançava sobre seu país:

"Pode-se dizer que em Itanaramí o exército começou a sofrer verdadeira dificuldade e fome, porque a ocupação da Conceição pelo inimigo não permitiu a remessa de gado e teve que se consumir os poucos animais que foram retirados do sul."

(CENTURIÓN, Juan Crisóstomo. MEMORIAS: o Reminiscencias Históricas sobre la Guerra del Paraguay. Tomo IV. Edición digital de la Biblioteca Virtual del Paraguay basado en la edición 1944. Asunción Paraguay, Editorial Guaranía, 2005, p. 150. [tradução nossa]. Disponível em: <http://fortalezas.org/midias/arquivos/2619.pdf>. )

"À medida que a miséria aumentava, o clima diminuía cada vez mais na medida em que todos são dominados pelo mais completo desânimo, ainda mais porque não havia esperança de uma aquisição imediata dos recursos essenciais para remediar as necessidades físicas das tropas."

(CENTURIÓN, Juan Crisóstomo. Op. cit. p. 187. [tradução nossa])

## Documento 6:

André Rebouças e Albuquerque Bello foram dois militares que estiveram na Guerra do Paraguai e realizaram anotações em seus diários a respeito da alimentação e do transporte oferecido aos soldados:

Registro do dia 1º de maio, terça-feira, de 1866:

"Tem havido grande irregularidade no fornecimento do Exército depois da passagem. O gado é morto na margem correntina e vai em pontões e canoas a reboque chegando às mais das vezes á noite a carne e já deteriorada".

(REBOUÇAS, André. **Diário. A Guerra do Paraguai**. Introdução e notas Maria Odila da Silva Dias. São Paulo, Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, 1973. p. 126.)

Registros dos dias 20, 22 e 23 de dezembro, respectivamente quarta-feira, sexta-feira e sábado, de 1865:

"4ª – 20: [...] Estamos sendo tratados a bordo deste vapor como porcos; hoje fui forçado a me dirigir ao Comandante e lhe fazer ver o tratamento que nos davão a seu bordo; [...].

6ª – 22: [...] Tem chovido muito e os soldados estão como porcos no convez.

Sab. – 23: O dia amanheceu máo, muita chuva toda noite, e os soldados muito mal tratados. O nosso almoço foi carne secca assada! entretanto que não há rasão para sermos tam mal tratados quando temos passado por muitos pouvodados; [...]"

(BIBLIOTECA NACIONAL. **Documentos históricos: Diário do tenente-coronel Albuquerque Bello**. Introdução e notas de Ricardo Salles e Vera Arraes. Vol. CXII. Rio de Janeiro, 2011. p. 142 e 184.)

## ATIVIDADE 4: Problematização das fontes

- Por meio da análise das fontes, é possível verificar a presença de uma vida religiosa nos acampamentos militares? Qual seria a finalidade de se manter rituais religiosos mesmo num contexto de guerra?
- Analise a importância dos comerciantes e o estabelecimento de barracas de comércio, para a vida nos acampamentos militares.
- Avalie como a Guerra do Paraguai interferiu no cotidiano das famílias da nação paraguaia.
- Pondere sobre como foi o dia-a-dia dos soldados brasileiros e paraguaios durante a Guerra.

## AVALIAÇÃO: Comunicação do aprendizado

### 1º Passo:

Espera-se que os/as estudantes consigam verbalizar sobre as análises que realizaram e sobre a importância do tema para suas vidas.

Como sugestão, os/as estudantes poderão se orientar pelas seguintes questões:

- Qual pode ter sido a importância da religião para as pessoas que estavam em meio à Guerra?
- Existem igrejas ou templos religiosos em sua cidade ou nas proximidades de onde você mora? Eles são muito frequentados?
- Qual a importância do comércio para o local onde você vive?
- O seu município produz algo que é vendido para outras regiões? E, por outro lado, compra coisas que não produz?
- Você identifica, no contexto atual, no Brasil ou no mundo, conflitos que afetam a vida de famílias?
- Você conhece alguém que frequentou o quartel? Existe algum quartel próximo de onde você mora?

## 2º Passo:

Sugere-se que os/as estudantes produzam histórias em quadrinhos, que poderão ser de uma ou mais folhas, procurando representar situações do cotidiano da Guerra. As histórias poderão ser expostas em murais ou da forma que melhor se adequar à escola. Sugestão: havendo disponibilidade de recursos digitais, os/as estudantes poderão utilizar aplicativos como Powerpoint ou o Word para montar seus quadrinhos. Existem também alguns sites que permitem criar HQs on-line, como por exemplo pixton.com. Para saber como usar este site, assista ao tutorial Como criar uma história em quadrinhos on-line - site pixton, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ks5p4fWEB9g>.

## AULA-OFICINA 7

---

# A GUERRA DO PARAGUAI NA PROVÍNCIA DO MATO GROSSO

### Tema

---

A Guerra do Paraguai na província do Mato Grosso.

### Identificação

---

Apresenta-se uma proposta de aula-oficina com a finalidade de tratar do acontecimento da Guerra do Paraguai na antiga província de Mato Grosso, utilizando, para tanto, textos e imagens. A abordagem tem como delimitação a formação das tropas e as adversidades

vividas pelos soldados nas expedições, a ocorrência da epidemia da varíola em Cuiabá, a importância dos comerciantes que atendiam os acampamentos militares e algumas das consequências do conflito para a população que conviveu mais intimamente com ele.

### Justificativa

---

A província de Mato Grosso foi envolvida diretamente no conflito desde o seu início. Em novembro de 1864, o navio Marques de Olinda, que levava o novo governador da província à capital Cuiabá, foi interditado e apreendido por uma esquadra paraguaia, juntamente

com todos os seus passageiros e tripulação. E, em janeiro de 1865, tropas do Paraguai ocuparam uma área do Mato Grosso, na maior parte as terras fronteiriças, que na época constituía-se num território litigioso, disputado pelos governos de ambos os países.

Essa ocupação repercutiu sobre a província e sua população de diversas formas. Algumas famílias foram afetadas diretamente pela ação, outras, mais distantes, foram tomadas pelo pânico. Houve propagação de doenças e falta de gêneros, além da necessidade urgente de um maior preparo militar.

Há, no entanto, uma carência de materiais didáticos e paradidáticos, no contexto da educação básica, que abordem as implicações da Guerra do Paraguai para o Mato Grosso e sua população. Portanto, a presente proposta visa contribuir para com o ensino de História, no que tange às consequências do conflito para essa província.

## Contextualização

---

A província do Mato Grosso, à época da Guerra do Paraguai, constituía-se em um vasto território que incluía os atuais estados do Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Rondônia. Na segunda metade do século XIX, a província já possuía vários pontos de ocupação por parte dos colonizadores portugueses e seus descendentes, contudo algumas áreas, como a parte sul, ainda eram de colonização recente. A sua população, tendo em vista a dimensão territorial da província, não era muito expressiva. Thomas Whigham afirmou que Mato Grosso era habitado por uma pequena população de menos de sessenta e cinco mil habitantes, dos quais vinte e quatro mil eram indígenas e seis mil eram escravos (WHIGHAM, 2010, v. 1, p. 210).

De outra parte, a delimitação da fronteira da província com o país vizinho, o Paraguai, ainda carecia de uma

demarcação definitiva. E foi esta área o maior alvo da ocupação paraguaia quando se iniciou a Guerra.

Era uma região distante e pouco guarnecida, de acordo com o historiador Doratioto (2002, p. 98). As autoridades da província tinham dificuldades em enviar homens para a guarnição da fronteira, poucos se interessavam, pois ficariam afastados da família e dos seus afazeres.

Do mesmo modo, o engajamento no serviço militar não era atrativo, pelo contrário, era visto como uma obrigação da qual se buscava escapar. Os homens pertencentes às elites locais, geralmente, conseguiam a isenção, contudo, a população mais pobre raramente possuía alguma espécie de proteção, sendo, portanto, alvo dos recrutamentos. Os alistamentos eram, na maior parte das vezes, forçados e violentos. Não raro, as

autoridades buscavam nas ruas indivíduos considerados perigosos ou indolentes, pois entendia-se que os quarteis eram ambientes disciplinadores.

Toda essa situação gerou a falta de uma guarnição preparada em número e recursos. Consequentemente, houve grande medo e instabilidade em várias localidades, após a notícia das ocupações paraguaias na região fronteira.

Somente após a ocupação, a Corte tomou a iniciativa de expedir dois decretos que tinham a finalidade de convocar Corpos das Províncias de São Paulo e Minas Gerais para formar uma expedição rumo ao sul de Mato Grosso. Também, o governo da província passou a demonstrar maior esforço para organizar tropas capazes de participar do conflito e de proteger a capital em caso de ataque.

Organizaram-se expedições para retomar os territórios ocupados e avançar sobre o Paraguai. Alguns homens partiram de Vila Maria, que hoje é a cidade de Cáceres, e de Cuiabá, rumo ao sul. Já outros vieram de províncias distantes, convocados pelo Império.

Entretanto, a vida para estes soldados nos campos foi de muitos desafios: muitas vezes tiveram que seguir por caminhos difíceis, atravessar largos rios; enfrentar animais peçonhentos; conviver ora com fortes chuvas, ora com o calor excessivo; mas, possivelmente, a

maior provação tenha sido as doenças, a cólera e a varíola, tão atemorizadoras quanto o conflito armado.

A cidade de Cuiabá teve a infelicidade de ser acometida pela varíola, popularmente conhecida como bexiga. A enfermidade se alastrou rapidamente após julho de 1867, quando soldados adoentados retornaram do conflito. O médico português Joaquim Ferreira Moutinho (1869, p. 118), que vivia na capital, relatou, no livro de sua autoria, que metade dos 12 mil habitantes de Cuiabá teriam sucumbido. Moutinho descreveu cenas de grande desalento: casas com corpos por enterrar, mortos largados nos campos ou no cemitério distante, crianças órfãs e idosos desamparados, etc. Abaixo uma das passagens do seu livro:

A cidade tomou um aspecto indiscrepível: de todas as casas via-se sahirem cadáveres, que erão condusidos em rêdes para os campos, e de muitas fecharão-se as portas, porque os seus habitantes havião perecido, desde o chefe da familia até o ultimo escravo! (MOUTINHO, 1869, p. 102)

A situação tomou proporções alarmantes e o medo da contaminação era geral, à exceção de algumas poucas pessoas vacinadas. E para evitar o alastramento do vírus, ordenou-se a criação de um cemitério distante da cidade, que ficou conhecido

como Cai Cai, onde os mortos pela bexiga deveriam ser sepultados.

Nos últimos anos, ocorreram pesquisas acadêmicas a respeito da epidemia de varíola de 1867. A historiadora Marlene Menezes Vilela analisou diversos registros de óbitos e enterros realizados pelas instituições religiosas e pela polícia e constatou que o número de mortos pode ter chegado a 20% da população local, referindo-se às mesmas duas freguesias urbanas mencionadas por Moutinho. Portanto, é uma quantidade significativa de mortes, mas a pesquisadora não confirmou os dados referenciados pelo médico, que mencionou a metade da população.

Analisou-se que os reflexos da Guerra chegaram, de distintas maneiras,

até as populações mais distantes das operações militares: por meio das doenças, do recrutamento forçado, da falta de determinadas mercadorias, pela alta dos preços, etc. Foi sentida, no entanto, com maior intensidade por aqueles que viviam nas localidades ocupadas pelas tropas paraguaias, onde moradias foram destruídas e propriedades saqueadas. Grande parte da população local procurou fugir e enfrentou grande miséria enquanto tentava chegar aos povoados. Outros, no entanto, foram capturados e se tornaram prisioneiros das tropas paraguaias.

Em suma, são questões específicas, vivenciadas no contexto da Guerra no Mato Grosso, que consideramos importante serem abordadas e discutidas no ensino de História.

## OBJETIVOS:

### Objetivo Geral:

---

- Identificar e analisar os impactos da Guerra do Paraguai para a província de Mato Grosso.

### Objetivos Específicos:

---

- Compreender as dificuldades para a formação de tropas do exército na província do Mato Grosso.
- Identificar as adversidades vividas pelos soldados nas expedições da Guerra, na província de Mato Grosso.

- Analisar a repercussão do surto de varíola para o Mato Grosso, especialmente para a capital Cuiabá, no contexto da Guerra.
- Avaliar a importância dos comerciantes viajantes para as tropas em expedição no Mato Grosso no fornecimento de alimentos e vestimentas.
- Identificar alguns efeitos da Guerra para a população da província.

## METODOLOGIA

A aula-oficina aqui proposta encontra-se organizada nas seguintes etapas:

**Atividade 1: investigando os conhecimentos** – nessa primeira tarefa, o objetivo será identificar os conhecimentos prévios dos/as estudantes a respeito do tema. Portanto, propõem-se questões que convirjam com os objetivos da oficina.

**Atividade 2: socializando as respostas** – esse será o momento em que os/as estudantes poderão expor as respostas, dadas as questões anteriores, numa aula dialogada. Sugere-se que o/a professor/a faça junto com os/as seus/suas estudantes um registro das hipóteses levantadas, verificando as recorrências e ausências nas respostas, bem como, discutindo-as com os/as estudantes. Essa atividade dará pistas para o/a professor/a averiguar quais são os conhecimentos já construídos, em que nível se encontram, se existem visões equivocadas ou estereotipadas, entre outros; a fim de direcionar as próximas discussões.

**Fontes iconográficas** – nesse passo, apresentam-se três imagens do contexto da Guerra do Paraguai, desenhos de paisagens, para uma análise dessas representações. Num primeiro momento, o/a professor/a poderá conduzir uma conversa para verificar se os/as estudantes já conheciam tais imagens, quais impressões elas lhes causaram, etc.

**Atividade 3: análise das fontes iconográficas** – nessa atividade, espera-se que os/as estudantes realizem uma análise mais aprofundada das imagens. Ela está organizada em três subitens que correspondem à identificação das imagens na sua forma pura, considerando objetos, pessoas e cenário, e à interpretação dos conteúdos explícitos e implícitos nas imagens. Essa tarefa poderá ser realizada em duplas ou grupos para que os/as estudantes possam discutir suas ideias e observações. O recurso para a apresentação das imagens ficará a cargo do/a professor/a, pois dependerá das possibilidades da instituição escolar.

**Fontes escritas** – nessa seção, apresentam-se documentos escritos contendo relatos memorialistas a respeito das dificuldades vivenciadas pelos soldados e trechos de pesquisas de historiadores/as atuais.

**Atividade 4: problematização das fontes** – essa etapa apresenta questões que se voltam às perguntas iniciais (da Atividade 1). O objetivo é avaliar os avanços em relação ao levantamento dos conhecimentos prévios.

**Avaliação: comunicação do aprendizado** – a avaliação está organizada em dois momentos. No primeiro, espera-se que os/as estudantes possam expressar o aprendizado numa aula dialogada, sugeriram-se algumas questões que poderão orientar esse momento. E na segunda etapa, propõe-se a produção de desenhos, pelos/as estudantes, que poderão ser compilados num álbum de imagens sobre o tema. Essa atividade tem por finalidade a expressão artística dos/as estudantes e a valorização e divulgação dos seus trabalhos.

## ATIVIDADE 1: investigando os conhecimentos

- Você tem conhecimento sobre o preparo militar do Império brasileiro e de suas províncias no momento da eclosão da Guerra do Paraguai?
- Você imagina algumas dificuldades que podem ter sido vivenciadas pelas tropas que lutaram no Mato Grosso e participaram das expedições ao Paraguai? Se sim, quais?
- Você conhece, ou já ouviu falar na doença varíola, popularmente conhecida como bexiga?
- Quais podem ter sido as consequências de uma epidemia de varíola entre os soldados que participaram das expedições do Mato Grosso, na Guerra do Paraguai?
- Como você imagina o abastecimento das tropas, em campanha pelo interior do Mato Grosso, com os alimentos e as vestimentas dos quais necessitavam?
- Você avalia que houve repercussões da Guerra para a população que vivia na província de Mato Grosso?

## ATIVIDADE 2: Socializando as respostas

- Nessa atividade, os/as estudantes deverão expor as suas respostas.
- Em conjunto, professor/a e estudantes poderão registrar e discutir as hipóteses levantadas. Esse registro poderá ser feito na própria lousa para todos/as visualizarem e anotarem se preferirem.

## FONTES ICONOGRÁFICAS

### IMAGEM 1: CIDADE DE CUIABÁ

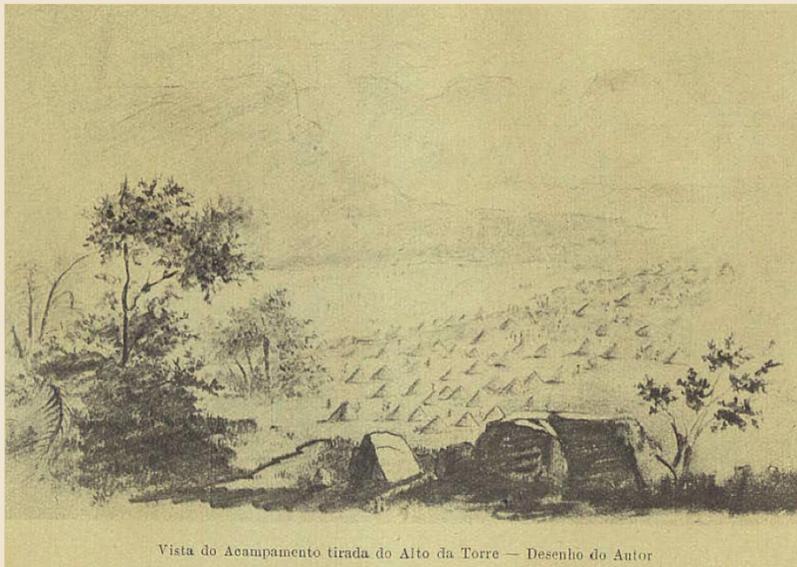
Ilustração da vista de Cuiabá no período da Guerra do Paraguai, quando a cidade foi acometida por uma forte epidemia de varíola. De acordo com Moutinho, provável autor da imagem, a cidade era habitada por, em torno de, 12 mil moradores.



MOUTINHO, Joaquim Ferreira. **Notícia sobre a província de Matto Grosso seguida d'um roteiro de viagem da sua capital a'S. Paulo**. São Paulo. Typographia De Henrique Schroeder. 1869, entre as páginas 22 e 23. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/221713>. Acesso em: 04 de maio de 2024.

## IMAGEM 2: VISTA DO ACAMPAMENTO TIRADA DO ALTO DA TORRE

A imagem abaixo é um desenho elaborado por Visconde de Taunay, no momento em que participava da expedição militar organizada para retomar os territórios da antiga província de Mato Grosso. Nela o autor retratou o acampamento de Coxim. Observe que num segundo plano aparecem inúmeras pequenas barracas

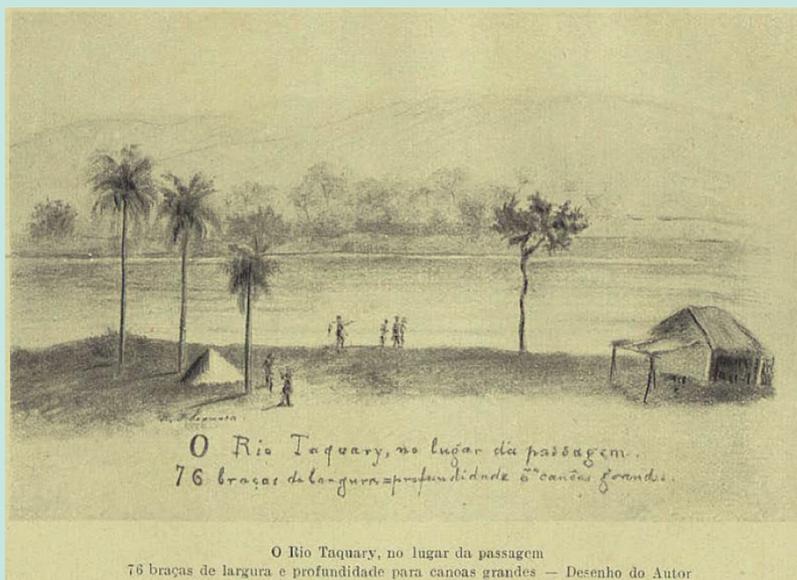


Vista do Acampamento tirada do Alto da Torre — Desenho do Autor

TAUNAY, Visconde de. **Em Matto Grosso invadido (1866-1867)**. Companhia Melhoramentos de São Paulo. São Paulo – Cayeiras, Rio de Janeiro, 1929. Entre as páginas 12 e 13. Disponível em: Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/OBzFLDoHnV2JoTUVFbVpNdVRSZTg/view>. Acesso em: 04 de maio de 2024.

### IMAGEM 3: RIO TAQUARY NO LOCAL DA PASSAGEM

No desenho abaixo, Taunay procurou ilustrar o rio Taquary, no local onde as tropas o transpuseram, deixando para trás, no dia 12 de fevereiro de 1866, o acampamento de Coxim. Neste curso de água, o autor registrou que a largura era de 76 braças e a profundidade para canoas grandes.



TAUNAY, Visconde de. **Em Matto Grosso invadido (1866-1867)**. Companhia Melhoramentos de São Paulo. São Paulo – Cayeiras, Rio de Janeiro, 1929. Entre as páginas 28 e 29. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/OBzFLDoHnV2JoTUVFbVpNdVRSZTg/view>. Acesso em: 04 de maio de 2024.

## ATIVIDADE 3: Análise das fontes iconográficas

### 1. Identificação Primária:

Neste item, você deverá fazer uma descrição detalhada de cada imagem. Relate tudo o que é possível visualizar: seres humanos, animais, objetos, cenário, expressões, vestimentas, etc. Também a forma de representação: se é pintura, fotografia ou desenho, quem foi seu/sua autor/a, ano da produção dimensões da imagem, etc.



### 2. Identificação Secundária:

Com base na sua descrição anterior, aponte qual é o assunto de cada imagem. Ele está relacionado a qual acontecimento histórico? Estabeleça uma ligação deste fato com a imagem.



### 3. Identificação intrínseca:

Identifique, em cada imagem, os conteúdos que não estão visíveis. Para isso procure associar as cenas com o acontecimento histórico e você conseguirá interpretar os sentidos que não foram explícitos pelos/as autores/as das imagens.

## FONTES ESCRITAS

### Documento 1:

Visconde de Taunay registrou, em sua obra *A Retirada da Laguna*, o alarde que ocasionou o anúncio de casos da cólera em meio à tropa. A doença se espalhou rapidamente e fez inúmeras vítimas:

"Tínhamos assim, muito próximo de nós, o termo das nossas misérias, quando outra notícia, mais terrível do que tudo, veio agravar nossa situação para além das previsões mais sombrias: circulou repentinamente o boato de que havia cólera no acampamento.

[...]

Era necessário, no entanto, empreender marcha para a frente; mas alguns soldados, ao caminhar, foram acometidos de mal-estar e fraqueza, o que introduziu inquietação e tumulto nas fileiras; não se avançou mais. Os três homens, atacados precedentemente, sucumbiram. Em pouco tempo, a carroça que nos restava e a carreta coberta de munição que juntáramos a ela estavam repletas de doentes cujos gemidos apressavam por toda a parte a eclosão da epidemia."

(Fonte: TAUNAY, Alfredo d'Escragno. **A retirada da Laguna: episódio da guerra do Paraguai**. Tradução e organização Sergio Medeiros. Companhia das Letras. São Paulo, 1997, pp.189–190.)

## Documento 2:

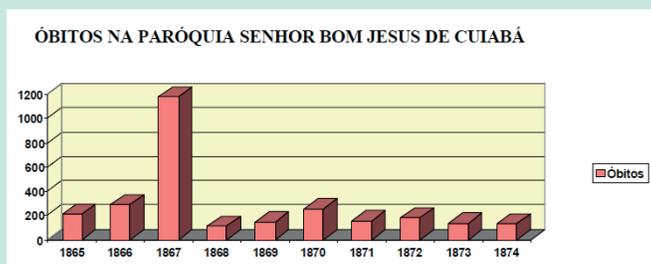
Em outra passagem do seu livro *Retirada da Laguna*, Taunay cita um episódio de fortes chuvas que destróçou o acampamento e tardou a partida das tropas. As intempéries e o clima muitas vezes foram grandes obstáculos para a expedição de Mato Grosso.

"Foi motivo da demora haver-se desencadeiado sobre o campo nessa mesma noite ás 9 horas um horrivel furacão. Avalanches de chuva transformaram para logo o solo em pantano lamacento. Estes phenomenos terríveis não são raros no Paraguay, Mas não viramos ainda outro semelhante. Os relâmpagos que cruzavam-se incessantes, o raio que cahia de todo os lados, o vento furioso que a arrebatava tendas e barracas, formavam um chaos ao horror do qual misturavam-se a espaços os tiros de espingarda das nossas sentinellas contra inimigos diabolicos que ainda então não cessavam de inquietar-nos: noite interminavel em que tudo era para nós imagem de destruição, á mercê de todas as coleras da natureza, sem abrigo nem refugio, os soldados quasi nús; escorrendo agua, mergulhados até á cintura em torrentes tão rápidas que podiam carregá-los, e ainda assim occupados em subtrahir os cartuchos á humidade: a manhã encontrou-nos nessa posição."

(Fonte: TAUNAY, Alfredo d'Escagnolle. **Retirada da Laguna**. Tradução de Salvador de Mendonça. Rio de Janeiro: Typ. Americana, 1874, p. 94. <http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/d/221688>. Acesso em: 09 de maio de 2024.)

### Documento 3:

A historiadora Marlene Menezes Vilela, em 2001, realizou importante pesquisa a respeito da epidemia de varíola na capital Cuiabá, durante a Guerra do Paraguai. Seu trabalho foi pautado em diferentes fontes, entre elas os registros de óbitos da Paróquia Bom Jesus de Cuiabá. Abaixo dois gráficos e uma tabela apresentados pela pesquisadora:

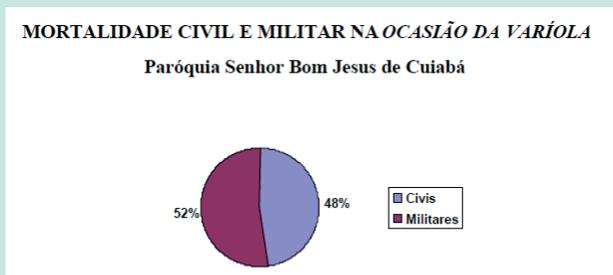


(Fonte: VILELA, Marlene Menezes. **Quando o dedo de Deus apontou a nossa província ao anjo da morte** a ocasião da varíola em Cuiabá (1867). Dissertação. Programa de Pós-Graduação em História do Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, Mato Grosso, 2001, p. 69.)

**ÓBITOS POR MÊS NA OCASIÃO DA VARIÓLA**  
Paróquia do Senhor Bom Jesus de Cuiabá  
(1867-1868)

Mês/Ano	Causa morte variola	Porcentagem
Jun/67	20	2,05%
Jul/67	184	18,94%
Ago/67	476	49,02%
Set/67	287	29,55%
Out/67	3	0,30%
Nov/67	1	0,10%
Dez/67	0	0,00%
<b>TOTAL</b>	<b>971</b>	<b>100,00</b>

(Fonte: VILELA, Marlene Menezes. Op. cit. p. 70)



(Fonte: VILELA, Marlene Menezes. Op. cit. p. 73)

#### Documento 4:

O médico português Joaquim Ferreira Moutinho, que viveu em Cuiabá no período da Guerra do Paraguai, escreveu um livro intitulado *Notícia sobre a província de Matto Grosso*. Nele registrou as suas impressões sobre a epidemia de varíola que chegou à capital por meio de soldados contaminados:

"As forças não erão vaccinadas, e assim a população quasi inteira, que jamais quiz sujeitar-se a esse preventivo tão util, crente talvez que, não tendo até então essa epidemia aparecido n'aquellas paragens, serão sempre seus lares respeitados. Foi tal crença bastante fatal, e cedo veio o desengano provar de um modo cruel quão cara devia custar a imprevidencia.

[...]

Todas as pessoas que communicarão-se com os recém-chegados cahirão logo com a mesma molestia, e o numero foi gradualmente crescendo, principalmente pelo lado do Porto Geral e outro lugar denominado-Mundéo."

(Fonte: MOUTINHO, Joaquim Ferreira. **Notícia sobre a província de Matto Grosso seguida d'um roteiro de viagem da sua capital a'S. Paulo. São Paulo** Typographia De Henrique Schroeder, 1869, pp. 99-100. Disponível em: <http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/221713>. Acesso em: 04 de maio de 2024.)

## Documento 5:

Abaixo trecho da dissertação da pesquisadora Ana Claudia Martins dos Santos referente à constituição das forças militares na província de Mato Grosso entre os anos de 1850 e 1864:

“A maneira como era procedida o recrutamento através da violência, o longo período em que ficava prestando serviço militar, a distância da família, principalmente, em se tratando de uma província fronteira como Mato Grosso, fazia com que aumentasse a repulsa pelo serviço militar. Foram inúmeras as estratégias de fuga e resistência usadas pelos recrutas para escapar do serviço militar, como a falta de cooperação, desacato as ordens, insubordinação, pedido de isenção, substituição, deserção.

[...]

Muitos soldados, quando não conseguiam isenção, buscaram na deserção uma maneira de dar continuidade aos seus afazeres cotidianos e, assim, poder retornar ao convívio familiar. A proximidade com a fronteira, principalmente com a Bolívia, apresentava-se como uma opção para a deserção, sendo que a irrisória distância dos fortes e das guarnições com a fronteira aumentava a possibilidade de fuga e também de não ser capturado.”

(Fonte: SANTOS, Ana Claudia Martins dos. **O Exército nas fronteiras do Império**. Mobilização militar e defesa da Província de Mato Grosso (1850-1864). Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Mato Grosso. Programa de Pós-Graduação em História, Cuiabá - MT, 2011. p. 146.)

“Os pontos de guarnição próximos à fronteira nessa província também foi vista como um lugar para serem enviados os militares que cometiam crimes muito graves ou aqueles que tinham uma conduta depreciável pelas autoridades militares, funcionavam como uma forma de castigo exemplar. Estar alistado no serviço militar já não era bem visto, era ainda pior ser deslocado para servir em uma província fronteira, distante da Corte.”

(Fonte: SANTOS, Ana Claudia Martins dos. Op. cit. p. 147.)

## Documento 6:

Abaixo dois fragmentos que fazem referências a comerciantes viajantes que iam ao encontro das tropas para negociar os mais variados produtos. O primeiro constitui-se num registro do comandante Antonio Eneas Gustavo Galvão, da Brigada acampada em Coxim, e o segundo foi extraído dos relatos de Visconde Taunay, na ocasião da expedição conhecida como Retirada da Laguna:

"Ref: Batalhão de Voluntários da Pátria Nº 17  
Acampamento Coxim 8 de janeiro de 1866.

Correndo notícias de que chegarão ao Porto do Rio Jaguari, alguns mascates conduzindo fazendas (...) que podem ser aproveitadas para prover-se de alguns vestuários, as praças do Batalhão do meu interino comando, que como o cel. Sabe tem estragado completamente o pouco e não vestuário que para a marcha receberão, representarão-me os comandantes de companhias ponderando a necessidade de lançar-se mão de tais fazendas para satisfação de uma necessidade de tão urgentemente reclamada especialmente na época atual em que as praças tem, absoluta precisão de possuir mais de um terno de roupa, por estarem ao dia inteiro expostos aos rigores da estação, isto mediante um desconto nos respectivos vencimentos. Me parece de alta conveniência a adoção desta medida cuja necessidade Cel. Pode melhor do que eu avaliar como comandante efetivo deste batalhão e estar muito a par de suas necessidades, mas para eu adaptar é preciso e peço a competente autorização.

Tec. Cel. Antonio Eneas Gustavo Galvão, Comandante Interino da Brigada = Vicente Ferreira da Silva, Major Comandante Interino.  
Conforme – Tenente João Manoel da Cunha – Secretário."

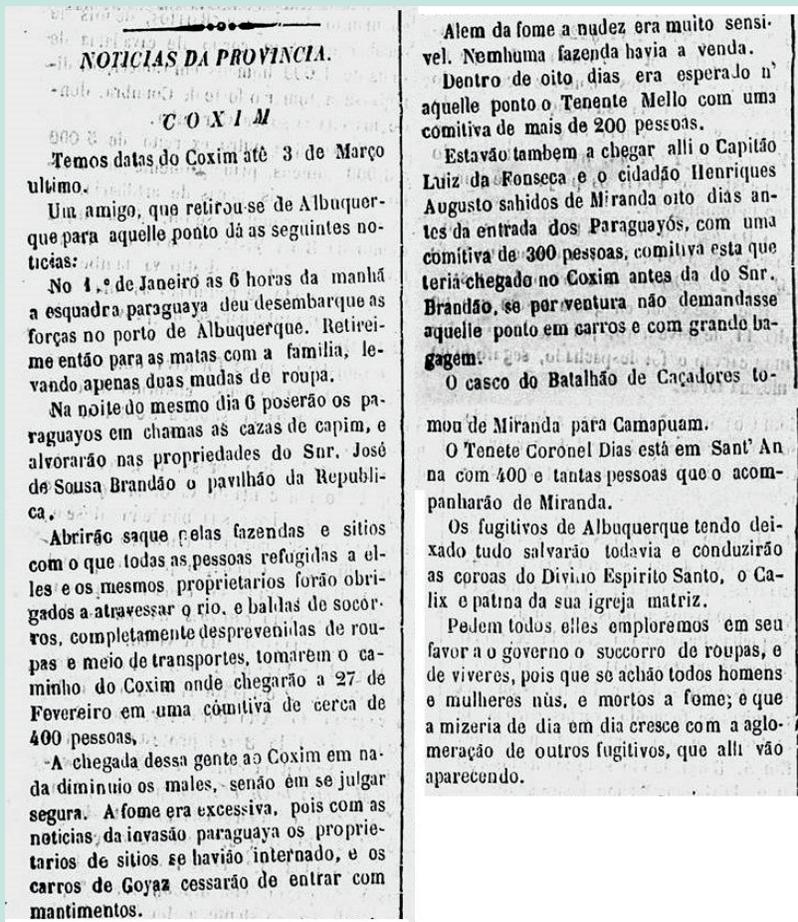
(Fonte: FARIAS, Aluísio Gonçalves de. **Infantaria de Mato Grosso: Soldados, Oficiais e Justiça Militar (1864-1914)**. Tese (doutorado). Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Programa de Pós-Graduação em História, Cuiabá, 2015. pp. 138-139. Disponível em: [https://ri.ufmt.br/bitstream/1/2253/1/TESE\\_2015\\_Alu%c3%a7aves%20de%20Farias.pdf](https://ri.ufmt.br/bitstream/1/2253/1/TESE_2015_Alu%c3%a7aves%20de%20Farias.pdf))

"[...] bom numero de carretas do commercio carregadas de mercadorias tinham chegado até a Machorra, que lá estavam ainda algumas paradas á nossa espera, e que as outras, em maior numero, haviam tornado atraz ao saberem dos nossos combates com o inimigo, e duvidando tornarem a ver-nos."

(Fonte: TAUNAY, Alfredo d'Escragno. **Retirada da Laguna**. Tradução de Salvador de Mendonça. Rio de Janeiro: Typ. Americana, 1874. Disponível em: <http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/221688>. Acesso em: 09 de maio de 2024.)

## Documento 7:

No jornal A Imprensa de Cuyabá, no dia 06 de abril de 1865, publicou-se uma notícia dando informações sobre a situação de Coxim e arredores, após a ocupação das tropas paraguayas. Muitas notas eram publicadas com base nos relatos de pessoas que estiveram ou passaram pelos locais, portanto deve-se considerar que os dados partem do ponto de vista dessas pessoas.



**NOTÍCIAS DA PROVÍNCIA.**

**C O X I M**

Temos datas do Coxim até 3 de Março ultimo.

Um amigo, que retirou-se de Albuquerque para aquelle ponto dá as seguintes noticias:

No 4.º de Janeiro as 6 horas da manhã a esquadra paraguaya deu desembarque as forças no porto de Albuquerque. Retirei-me então para as matas com a familia, levando apenas duas mudas de roupa.

Na noite do mesmo dia 6 posarão os paraguayos em chamas as cazas de capim, e alvorarão nas propriedades do Sr. José de Sousa Brandão o pavilhão da Republica.

Abrião saque pelas fazendas e sitios com o que todas as pessoas refugidas a elles e os mesmos proprietarios foram obrigados a atravessar o rio, e baldas de socóros, completamente desprevenidas de roupas e meio de transportes, tomarem o caminho do Coxim onde chegarão a 27 de Fevereiro em uma comitiva de cerca de 400 pessoas.

A chegada dessa gente ao Coxim em nada diminuiu os males, senão em se julgar segura. A fome era excessiva, pois com as noticias da invasão paraguaya os proprietarios de sitios se havião internado, e os carros de Goyaz cessarão de entrar com mantimentos.

Alem da fome a nudez era muito sensivel. Nemhuma fazenda havia a venda.

Dentro de oito dias era esperado n' aquelle ponto o Tenente Mello com uma comitiva de mais de 200 pessoas.

Estavão tambem a chegar alli o Capitão Luiz da Fonseca e o cidadão Henriques Augusto sahidos de Miranda oito dias antes da entrada dos Paraguayos, com uma comitiva de 300 pessoas, comitiva esta que teria chegado no Coxim antes da do Sr. Brandão, se por ventura não demandasse aquelle ponto em carros e com grande bagagem.

O casco do Batalhão de Caçadores tomou de Miranda para Camapuam.

O Tenete Coronel Dias está em Sant' Anna com 400 e tantas pessoas que o acompanharão de Miranda.

Os fugitivos de Albuquerque tendo deixado tudo salvarão todavia e conduzirão as coroas do Diviño Espirito Santo, o Calix e patna da sua igreja matriz.

Pedem todos elles empregamos em seu favor a o governo o succorro de roupas, e de viveres, pois que se achão todos homens e mulheres nus, e mortos a fome; e que a miseria de dia em dia cresce com a aglomeração de outros fugitivos, que alli vão aparecendo.

Fonte: **A Imprensa de Cuyabá**. Periódico Político, Mercantil e Litterário (MT). Cuiabá, Ano VII, nº 324 de 06 de abril de 1865. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DOCREADER/DOCREADER.ASPX?BIB=716103&pagfis=502>. Acesso em: 09 de maio de 2024.

## ATIVIDADE 4: Problematização das fontes

- Por meio da análise das fontes, como poderíamos caracterizar as forças militares e a formação de tropas na província de Mato Grosso?
- Problematize as condições dos acampamentos e as dificuldades vivenciadas pelas tropas em expedição na província de Mato Grosso.
- Qual a foi a consequência da varíola para os soldados que estiveram no conflito e para a cidade de Cuiabá em 1867?
- Avalie a importância dos comerciantes viajantes para os batalhões em expedição pelo interior de Mato Grosso.
- Identifique implicações da Guerra para a população que vivia no Mato Grosso.

## AVALIAÇÃO: Comunicação do aprendizado

### 1º Passo:

Espera-se que os/as estudantes consigam verbalizar o que eles aprenderam e o que esse conteúdo significou para a sua vida. Para tal, sugere-se uma roda de conversa, quando o/a professor/a poderá lançar questões que julgar pertinentes.

Poderão ser problematizadas questões como:

- Podemos considerar que a forma de recrutamento, por meio da violência ou obrigação, foi uma forma digna de compor as milícias da província e as tropas para o exército da Guerra do Paraguai?
- Você conhece ou sabe onde se localizam os quartéis do exército do seu estado? Qual é a forma atual de ingresso no serviço militar? Você considera este modo justo?
- O que contribuiu para que a varíola fizesse grande número de vítimas em Cuiabá?
- A varíola ainda é uma doença preocupante nos dias atuais? (Vale a pena uma pesquisa para saber mais a respeito)

- As pessoas das localidades mais longínquas do atual estado do Mato Grosso ou de outros estados sofrem algum tipo de privação? De fornecimento de mercadorias, de prestação de serviços: como saúde, educação, segurança ou fornecimento de energia, por exemplo?
- Conseguimos identificar algum tipo de consequência dos conflitos que existem atualmente para as populações locais, seja nos conflitos em outras partes do mundo, seja naqueles que se passam nas comunidades brasileiras.

### **2ª Passo:**

Após a roda de conversa, propõe-se a elaboração de desenhos ilustrativos que poderão compor um álbum sobre o tema estudado. Importante orientar que as ilustrações tenham um título e que venham acompanhadas de uma legenda explicativa. O álbum poderá ter formato físico ou digital, conforme a criatividade e disponibilidade de recursos. Sugestão: no formato digital, as ilustrações poderão ser escaneadas em um único documento PDF e carregadas no site [issuu.com](http://issuu.com) para compartilhar.

# CONSIDERAÇÕES FINAIS

A história da Guerra do Paraguai e seu ensino encontram-se em constante movimento. Logo que o conflito se findou, iniciou-se a construção de sua narrativa, ou melhor, narrativas. No Brasil, constatamos três fases distintas, com versões próprias de seu contexto de produção e que refletiram as visões de seus agentes. Essas diferentes histórias repercutiram sobre o seu tempo e se consolidaram nos ambientes escolares, conforme verificado em trabalhos já publicados nessa área, a exemplo das pesquisas de André Mendes Salles (2017a, 2017b, 2011) e Tiago Gomes de Araújo (2016).

Na primeira etapa dessa investigação, ao fazer um balanço historiográfico, considerando textos brasileiros e estrangeiros, constatou-se que a Guerra do Paraguai não resultou exclusivamente de ações de sua época, mas que circunstâncias vivenciadas pelos países envolvidos, ainda no período colonial, interferiram no estágio em que se encontrava em 1864. Disputas por territórios e caminhos de navegação e a busca pela hegemonia regional foram velhas pendências que minaram os ânimos no sul da América, na década de 1860.

Portanto, as pesquisas atuais trouxeram novas problemáticas para explicar as causas do conflito e, por meio do estudo documental, elucidaram fatos, dados e até mesmo números que há muito tempo haviam se consolidado como “verdades”.

Ao examinar determinadas obras que compõem os distintos momentos da história da Guerra, no Brasil, verificaram-se nas duas primeiras fases, na primeira denominada de memorialista-militar-patriótica e na segunda de revisionista ou imperialista, visões estancadas a respeito do conflito. Apresentaram-se explicações acabadas que não permitiam ao/a leitor/a questionar ou suscitar novas questões. Caracterizam-se como narrativas marcadas por uma visão política e econômica dos fatos, com pouco ou nenhum teor científico, portanto, muitas informações foram superadas pelas pesquisas que advieram a partir da década de 1980.

Apesar de se constituírem em dois momentos bastante diversos em suas versões, a primeira enfatizando a ação supostamente gloriosa do Império e do exército no combate à “tirania” de Solano López e o segundo, ao contrário, criticando a ação militar brasileira, ambas as perspectivas historiográficas possuem em comum o fato de não contemplarem em seus discursos os mais variados sujeitos

dos campos de batalha e as dificuldades vividas, principalmente, com a falta de estrutura que caracterizou a Guerra.

Alguns autores memorialistas, em suas obras, fizeram menção às mulheres, crianças, negros e libertos, contudo não objetivaram problematizar a participação dessas pessoas no conflito, enquanto que a história recente busca não somente mencionar, mas discutir o que levou esses sujeitos/as a estarem num confronto armado e como foi a sua vivência naquele contexto adverso.

Nesse ensejo das novas pesquisas, concluiu-se que, nos atuais estados do Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, vem-se construindo uma narrativa do conflito que ultrapassa o discurso político e econômico. Atualmente, existem análises críticas a respeito da construção de uma memória da Guerra, forjada por meio de monumentos e discursos erigidos por determinados grupos. São trabalhos que procuram desmistificar narrativas que foram criadas visando privilegiar elites dominantes e que desprezaram os/as sujeitos/as "comuns" da história.

Outras investigações, não menos importantes, visam tratar de temas diversos e, por vezes, polêmicos, como a formação militar, na antiga província, pautada no recrutamento forçado e violento, a má estrutura dos alojamentos e hospitais e a propagação de doenças, em especial a epidemia de varíola que acometeu não somente soldados, mas também a população civil.

A partir dessas constatações referentes às novas abordagens da historiografia atual, procedeu-se à avaliação do conteúdo da Guerra do Paraguai abordado em livros didáticos do Ensino Médio, adotados em escolas públicas. Nesta análise, contemplaram-se três coleções distintas de manuais, a saber: *História Global*, de Gilberto Cotrim, *História Sociedade & Cidadania*, de Alfredo Boulos Júnior, e *História*, dos autores Georgina dos Santos, Jorge Ferreira, Ronaldo Vainfas, Sheila de Castro Faria. As três coleções foram publicadas no ano de 2016.

Ao examinar o conteúdo da Guerra, constatou-se que, apesar dos avanços quanto a abordagem das causas do conflito, os textos raramente tratavam da participação no conflito dos/as diferentes sujeitos/as, como as mulheres, os negros, as crianças e os Voluntários da Pátria. Já o uso da iconografia, nos manuais, teve pouca ou nenhuma função analítica com relação ao tema. Em geral, foi utilizada como ilustração do conteúdo.

A partir dessa avaliação, pautou-se pela historiografia concernente à participação das mulheres, crianças, negros, pardos e libertos - brasileiros e paraguaios - no contexto da Guerra, assim como dos Voluntários da Pátria. Além disso, procurou-

-se, também, inteirar-se das condições vividas durante o conflito, no que tange à estrutura dos acampamentos, dos hospitais, da alimentação e do vestuário.

Ao realizar o estudo referente à participação feminina no conflito, averiguou-se que mulheres brasileiras e paraguaias foram envolvidas na Guerra em diferentes proporções. No caso paraguaio, pode-se avaliar que uma grande parte da população feminina foi arrolada, especialmente por serem elas quem tradicionalmente cuidavam do cultivo agrícola. Assumiram, portanto, a função de prover alimentos trabalhando mais intensamente do que o usual para suprir essa necessidade. Também desempenharam importante papel no cuidado com os feridos e doentes, colocando em prática seus conhecimentos a respeito das ervas medicinais e na confecção de vestimentas.

A mulher paraguaia sofreu diretamente as penúrias da Guerra, foram acometidas pelas doenças, pela fome e pelas perdas familiares. Algumas foram perseguidas e condenadas como traidoras pela autoridade local, agravando ainda mais a sua condição miserável.

Quanto à mulher brasileira, notou-se que grupos específicos foram envolvidos. Verificou-se que mulheres que habitavam a região ocupada pelo Paraguai, no sul da província de Mato Grosso, sofreram com a violência da ação. Muitas destas, findada a Guerra, haviam perdido familiares e bens e, sozinhas, tiveram a tarefa de reconstruir suas propriedades.

Outro grupo feminino que se destaca foi o que acompanhou as tropas. Eram diferentes motivações que levaram essas mulheres a seguir o exército, mas desempenharam importante papel no comércio de víveres e objetos, no cuidado com os feridos e doentes, no zelo com o vestuário e preparo de alimentos. Estas mulheres também estiveram expostas à violência dos campos de batalha, das enfermidades, e, por vezes da agressão de seus companheiros.

Com relação à presença das crianças na Guerra, averiguou-se que há maior referência, por parte dos estudos científicos, à participação de crianças paraguaias. Elas teriam sido arroladas desde o princípio do conflito, mas com maior intensidade após 1867, quando houve falta de homens para suprir as tropas. Esses meninos soldados estiveram nos campos de batalha e muitos não sobreviveram a ele.

Contudo, não foram as únicas crianças afetadas pela contenda: à medida que o conflito se interiorizou pelo território paraguaio, a fome, as doenças, as constantes expedições em fuga atingiram até as de mais tenra idade.

Do lado brasileiro, verificou-se que havia muitas crianças nos acampamentos, juntamente com suas mães, por vezes nascidos em meio à Guerra, as quais ficaram expostas às adversidades daquele local. Quanto aos menores combatentes, encontraram-se poucas referências.

A respeito dos homens negros, pardos e libertos, atestou-se que tanto o Brasil quanto o Paraguai os recrutaram. No exército formado pelo Império, agregou-se grande parte da população pobre e essa era composta, em geral, por negros e pardos, portanto não era difícil encontrá-los nos campos de combate.

Escravidados também contribuíram para engrossar as fileiras. Alguns foram enviados para a Guerra como substitutos de seus donos, outros foram encaminhados como um gesto patriótico de seus senhores. Contudo, para o alistamento exigia-se a carta de alforria, pois legalmente não se permitia o arrolamento de escravizados, uma vez que eram considerados propriedade.

Também no Paraguai houve a concessão de cartas de liberdade a escravizados para lutarem no conflito. Ao que tudo indica, os negros e pardos não foram tão numéricos naquele país quanto no Brasil, mas isso não significa que não houve negros, pardos e libertos no exército paraguaio. Estudos recentes abordam a presença desses sujeitos, contudo é uma questão que, ainda, carece de maior atenção.

De outra parte, conclui-se que as condições estruturais e sanitárias no contexto da Guerra eram bastante precárias. No caso do Brasil, a logística para envio de alimentos, fardas, barracas e demais utensílios era dificultada pela distância e pelos caminhos improvisados. Essas adversidades faziam com que, em muitos acampamentos, faltasse toda espécie de gêneros, o mais sentido pelos soldados era a falta de alimentos.

Nos acampamentos paraguaios, a situação não foi muito diferente. O bloqueio imposto pelos aliados e as dificuldades para produzir nos campos também geraram a escassez e a fome para aqueles soldados.

Verificou-se que muitas instalações eram improvisadas. Igrejas e matadouros se tornaram hospitais, barracas de pau cobertos de palha eram as acomodações dos oficiais, mas, ainda assim, muito melhores do que a dos soldados, que por vezes dormiam ao relento.

Em meio a estas condições, proliferaram-se as enfermidades que não fizeram distinção de nacionalidade, raça, sexo ou idade. A mortandade pelas doenças foi elevada para ambas as nações.

Enfim, procurou-se compilar todas estas constatações na proposição das 7 (sete) aulas-oficina, cuja proposta envolveu o uso de imagens da Guerra e de fontes escritas. A organização das referidas aulas-oficina seguiu uma metodologia inspirada nos preceitos de Isabel Barca sobre a aula-oficina, com vistas a identificar os conhecimentos prévios, propor análise das fontes e constatar o aprendizado. Quanto ao estudo das imagens, elaborou-se uma sequência de questões que foi aplicada para cada tema e tem como parâmetro, especialmente, os escritos de Erwin Panofsky (1991), Ana Maria Mauad (1996) e Boris Kossoy (2014, 2008).

Salienta-se que foi um grande desafio a elaboração destas aulas-oficina. Cada tema estudado apresentou desdobramentos e questões próprias que se consideram importantes, portanto mereceriam mais de uma oficina para um trabalho mais detalhado. Entretanto, destaca-se a originalidade da proposta, assim como a relevância no contexto da educação básica. Até o que se identificou neste processo investigativo não há proposta semelhante no cenário nacional. Explicita-se, ainda, que os conteúdos que antecedem à proposição das aulas-oficina servem de subsídio para que o/a professor/a se aproprie do conteúdo Guerra do Paraguai, tendo em vista que, como comprovado nesta investigação, é limitado, quando não abordado, nas narrativas didáticas de história.

Além disso, organizaram-se as aulas-oficina com a pretensão de que as imagens e textos não sejam entendidos como expressão da verdade ou da realidade vivida, mas sim que permitam uma reflexão sobre os acontecimentos e, ainda, que de alguma maneira o/a estudante possa relacionar o conteúdo com o seu próprio contexto.

Assim, espera-se contribuir efetivamente com o ensino-aprendizagem do conteúdo da Guerra do Paraguai, bem como com o ensino de história no contexto da educação pública brasileira. Ao possibilitar reflexões acerca dos papéis das mulheres, das crianças, dos negros e dos pardos na Guerra do Paraguai, relacionando-os com problemáticas do tempo presente, entende-se que as aulas-oficina propostas, neste livro, trazem à luz elementos importantes para o enfrentamento das narrativas oficiais que invisibilizaram os/as diversos/as sujeitos/as que fizeram e fazem a nossa história.

# FONTES E REFERÊNCIAS

**A Imprensa de Cuyabá: Periódico Político, Mercantil e Litterário (MT).** Cuiabá, Ano VII, nº 324 de 06 de abril de 1865. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DOCREADER/DOCREADER.ASPX?BIB=716103&pagfis=502>. Acesso em: 09 de maio de 2024.

**A REFORMA:** Órgão Democrático. Rio de Janeiro, ed. 00004, 05 de janeiro 1871. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=226440&pasta=ano%20187&pesq=&pagfis=1952>. Acesso em 09 de maio de 2024.

ARAÚJO, Tiago Gomes de. O ensino de um conflito: A Guerra do Paraguai (1964-1870) nos livros didáticos brasileiros (PNLD – em 2012-2014). In: SQUINELO, Ana Paula (org.) **150 Anos Após – A Guerra do Paraguai: Entreolhares do Brasil, Paraguai, Argentina e Uruguai.** Campo Grande, MS, Ed. UFMS, vol. 2, 2016, pp. 135-152.

ARECES, R. Nidia. De la Independencia a la Guerra de la Triple Alianza (1811-1870). In: TELESCA, Ignacio (coord.). **Historia del Paraguay.** 1. ed. Paraguay, Taurus, 2010.

BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. **A Expansão do Brasil e a Formação dos Estados na Bacia do Prata:** Argentina, Uruguai e Paraguai, da colonização à Guerra da Tríplice Aliança. 4. ed., rev. e ampl. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2012.

BARCA, Isabel. Aula Oficina: do Projeto à Avaliação. In: **Para uma educação de qualidade:** Atas da Quarta Jornada de Educação Histórica. Braga, Centro de Investigação em Educação (CIED)/ Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, 2004, p. 131 – 144.

BETHELL, Leslie. A Guerra do Paraguai: história e historiografia. In: MARQUES, Maria Eduarda Castro Magalhães (org.). **A Guerra do Paraguai: 130 anos depois.** 2. ed. rev. Rio de Janeiro, Relume-Dumará, 1995.

\_\_\_\_\_. Cronologia da Guerra. In: MARQUES, Maria Eduarda Castro Magalhães (org.). **A Guerra do Paraguai: 130 anos depois.** 2. ed. rev. Rio de Janeiro, Relume-Dumará, 1995.

BIBLIOTECA NACIONAL. **Documentos históricos: Diário do tenente-coronel Albuquerque Bello.** Introdução e notas de Ricardo Salles e Vera Arraes. Vol. CXII. Rio de Janeiro, 2011.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Livros Didáticos entre textos e imagens. In: BITTENCOURT, Circe (org.). **O saber histórico na sala de aula**. 12. ed. 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto: 2017, pp. 69-90.

\_\_\_\_\_. Produção Didática de História: trajetórias de pesquisas. **Revista de História**. São Paulo, nº 164 jan./jun. 2011, pp. 87-516.

\_\_\_\_\_. Práticas de Leituras em Livros Didáticos. **Revista da Faculdade de Educação**, v. 22, n. 1, 1996, pp. 89-110.

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou o ofício de historiador**. Rio de Janeiro Zahar Editor, Edição anotada por Étienne Bloch. Prefácio: Jacques Le Goff. Apresentação à edição brasileira: Lilia Moritz Schwarcz, Tradução: André Telles Jorge, 2002. Versão digital: <http://groups.google.com/group/digitalsource>.

BORGES, Maria Eliza Linhares. **História & Fotografia**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011. (Coleção História &...Reflexões, 4).

BORGES, Fernando Tadeu de Miranda; PERARO, Maria Adenir (orgs.). **Brasil e Paraguai: uma releitura da guerra**. Cuiabá/MT: Entrelinhas; EdUFMT, 2012.

BOULOS JUNIOR, Alfredo. **História, Sociedade & Cidadania 2º ano**. 2. ed. São Paulo, FTD, 2016.

BRASIL. **Decreto nº 3.371, de 7 de janeiro de 1865**. Disponível em <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-3371-7-janeiro-1865-554492-publicacaooriginal-73111-pe.html>. Acesso em: 06 de maio de 2024.

CAIMI, Flavia Eloisa. TEIXEIRA, Fabiano Barcellos. O passado é imprevisível! Controvérsias historiográficas acerca da guerra do Paraguai no livro didático de história (1910-2010). In: **Revista Territórios & Fronteiras**, Cuiabá, vol. 6, n. 3, dez., 2013.

CAIMI, Flávia Eloisa. O que sabemos (e o que não sabemos) sobre o livro didático de história: estado do conhecimento, tendências e perspectivas. In: GALZERANI, Maria Carolina Bolvério; BUENO, João Batista Gonçalves; PINTO Jr., Arnaldo. **Paisagens da pesquisa contemporânea sobre o Livro Didático de História**. Jundiaí: Paco Editorial; Campinas: Centro de Memória: UNICAMP, 2013, pp. 35-76.

CAPDEVILA, LUC. **Una guerra total: Paraguay - 1864-1870: Ensayo de historia del tiempo presente**. 1. ed. SB: Buenos Aires, 2010.

CARVALHO, José Murilo de. **Jovita Alves Feitosa: voluntária da pátria, voluntária da morte**. São Paulo: Chão Editora, 2019.

CASSIANO, Célia Cristina de Figueiredo. Política e economia do mercado do livro didático no século XXI: globalização, tecnologia e capitalismo na educação básica

nacional. In: ROCHA, Helenice; REZNIK, Luis; MAGALHÃES, Marcelo de Souza. **Livros didáticos de história: entre políticas e narrativas**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2017, pp. 83-100.

CASTRO, Adler Homero Fonseca de. Crianças na Guerra: os aprendizes menores do arsenal de guerra. In: **150 anos após – A Guerra do Paraguai: entreolhares do Brasil, Paraguai, Argentina e Uruguai**. SQUINELO, Ana Paula (org.). Campo Grande-MS: Ed. UFMS, 2016. (vol. 1)

CENTURIÓN, Juan Crisóstomo. **MEMORIAS o Reminiscencias Históricas sobre la Guerra del Paraguay**. Edición digital de la Biblioteca Virtual del Paraguay basado en la edición 1944 de Editorial Guaranía Asunción Paraguay. Asunción, setiembre de 2005. (Tomos I, II, III, IV) Disponível em: <http://fortalezas.org/midias/archivos/2619.pdf>. Acesso em: 06 de maio de 2024.

CERQUEIRA, Dionísio. **Reminiscências da campanha do Paraguai, 1865-1870**. Rio de Janeiro Biblioteca do Exército. Coleção General Benício, pub. 499, vol. 179, 1980.

CHIAVENATO, Júlio José. **Genocídio americano: A Guerra do Paraguai**. 1. ed. São Paulo, Moderna, 1998. (Coleção Polêmica)

CHOPPIN, Alain. História dos Livros Didáticos e das edições didáticas: sobre o estado da arte. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 30, n. 3 set./dez. 2004, pp. 549-566.

COTRIM, Gilberto. **História Global 2**. 3. ed. São Paulo, Saraiva, 2016.

DARÓZ, Carlos Roberto Carvalho. Do Ipiranga à Isla Carapá: o 7º Corpo de Voluntários da Pátria na guerra do Paraguai. In: SQUINELO, Ana Paula, TELESCA, Ignacio (Org.). **150 Anos Após – A Guerra do Paraguai: entreolhares do Brasil, Paraguai, Argentina e Uruguai**. Life Editora: Campo Grande, MS, 2019. (vol. 3)

DIÁRIO DE MINAS. Minas Gerais, nº 396, quinta-feira, 09 de janeiro de 1868. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=376523&pasta=ano%20186&pesq&pagfis=1562>. Acesso em: 09 de maio de 2024.

DOCKHORN, Vera Lúcia Nowotny. A Guerra do Paraguai: Historiografia e Imagens nas Coleções Didáticas História Global, História, Sociedade & Cidadania e História (PNLD 2018). In: SQUINELO, Ana Paula (Org.). **Livro Didático e Paradidático de História em tempos de crise e enfrentamento: sujeitos, imagens e leituras**. 1. ed. Campo Grande-MS: Ed. Life, 2020.

\_\_\_\_\_. **O ensino da Guerra do Paraguai através das Imagens:** uma proposta para o uso da fotografia e da pintura como fonte de ensino. Dissertação do Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História, Campus da Universidade Federal de Mato Grosso-UFMT, Cuiabá - MT, 2020.

DOCKHORN, Vera Lúcia Nowotny; SQUINELO, Ana Paula. **Oficinas de História:** Temas para o ensino da Guerra do Paraguai - sujeitos, cotidiano e Mato Grosso. Cuiabá: EdUFMT, 2021.

DORATIOTO, Francisco. **Maldita Guerra:** Nova história da Guerra do Paraguai. 2. ed. São Paulo, Companhia das Letras, 2002.

\_\_\_\_\_. (coord.). **Memórias de Dorothee Duprat de Lasserre:** relato de uma prisioneira na Guerra do Paraguai (1870). São Paulo: Chão Editora, 2023.

DOURADO, Maria Teresa Garritano. **Mulheres comuns, senhoras respeitáveis:** a presença feminina na Guerra do Paraguai. Campo Grande-MS: Ed. UFMS, 2005.

\_\_\_\_\_. **A história esquecida da Guerra do Paraguai:** fome, doenças e penalidades. Campo Grande-M.; Ed. UFMS, 2014.

FARIAS, Aluísio Gonçalves de. **Infantaria de Mato Grosso:** Soldados, Oficiais e Justiça Militar (1864-1914). Tese (doutorado). Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Programa de Pós-Graduação em História, Cuiabá, 2015.

FERREIRA, Leonardo da Costa et al.. **O legado de Marte:** olhares múltiplos sobre a Guerra do Paraguai. Curitiba: Appris, 2021.

FIGUEIRA, Divalte Garcia. **Soldados e negociantes na Guerra do Paraguai.** São Paulo: Humanitas; FFLCH-USP: FAPESP, 2001.

GUIA de Livros Didáticos: PNLD 2018. **História:** ensino médio. Brasília: Ministério da Educação/Secretaria de Educação Básica, 2017.

IZECKSOHN, Vitor; MUGGE, Miquéias H. A criação do Terceiro Corpo do Exército na província do Rio Grande do Sul: conflitos políticos resultantes da administração militar nos anos críticos da Guerra do Paraguai (1866-1867). In: **Revista Brasileira de História.** vol.36, n.73, São Paulo, 2016, p. 183-207.

IZECKSOHN, Vitor. **Dois Guerras na América:** Raça, Cidadania e Construção do Estado nos Estados Unidos e Brasil (1861-1870). São Paulo: Alameda Editorial, 2021.

\_\_\_\_\_. O Recrutamento de Libertos para a Guerra do Paraguai: considerações recentes sobre um tema complexo. **Navigator**: subsídios para a história marítima do Brasil. Rio de Janeiro, V. 11, nº. 21, 2015, p. 96-110. Disponível em: <https://portaldeperiodicos.marinha.mil.br/index.php/navigator/article/view/564/542>. Acesso em: 06 de maio de 2024.

JARDIM, Wagner. Versão Oficial: A Guerra do Paraguai em livros didáticos no Brasil. **Revista de Ciências Humanas e Sociais**. ISSN: 2447-0244, vol. 2, n. 2, set-dez. 2016, pp. 17-35. Disponível em: <https://revistamissoeschs.com.br/missoes/article/view/24/22>. Acesso em: 06 de maio de 2024.

\_\_\_\_\_. A invasão do Mato Grosso, de Corrientes e o Rio Grande do Sul. In: **Longe da Pátria**: a invasão paraguaia do Rio Grande do Sul e a rendição em Uruguiana (1865). Porto Alegre, FCM Editora, 2015. pp. 85-143.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & História**. 5. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2014.

\_\_\_\_\_. **O Paradigma da Fotografia**. Texto apresentado no Seminário de Fotografia. CHILE 19 ago. 2008. Disponível em: [https://boriskossoy.com.br/wp-content/uploads/2014/11/paradigma\\_pt.pdf](https://boriskossoy.com.br/wp-content/uploads/2014/11/paradigma_pt.pdf). Acesso em: 06 de maio de 2024.

LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In: **História e memória**. 5. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003.

LE MOS, Renato. **Cartas da Guerra**. Benjamin Constant na campanha do Paraguai. Transcrição, organização e introdução de Renato Lemos. Rio de Janeiro, IPHAN-Museu Casa Benjamin Constant, 1999.

MAESTRI, Mário José. A invasão paraguaia no sul do Mato Grosso. **CONTRAPONTO**: Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História do Brasil da UFPI. Teresina, v. 2, n. 2, ago. 2015.

\_\_\_\_\_. Pranchada infamante: resistência ao castigo físico do soldado imperial na guerra contra o Paraguai. In: **De Raíz Diversa**, vol. 1, núm. 2, outubro-diciembre, Revista Especializada en Estudios Latinoamericanos. Programa de Posgrado en Estudios Latinoamericanos, Universidad Nacional Autónoma de México, 2014, p. 125-153. Disponível em: <http://biblioteca.clacso.edu.ar/Mexico/ppel-unam/20160614040647/Maestri.pdf>. Acesso em: 06 de maio de 2024.

MARQUES, Maria Eduarda Castro Magalhães (Org.). **Guerra do Paraguai**: 130 anos depois. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1995.

MATTOS MESSIAS, Yara Karolina Santana de. **A guerra do Paraguai / guerra Guasu a partir de histórias em quadrinhos, aulas oficina e de uma mirada**

**comparada (Brasil e Paraguai).** Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais Curso de Mestrado Aquidauana – MS, Universidade Federal De Mato Grosso Do Sul, 2022.

MAUAD, Ana Maria. Através da imagem: fotografia e história interfaces. **Tempo**, Rio de Janeiro, vol. 1, n.º. 2, 1996, pp. 1-15. Disponível em: [http://www.historia.uff.br/tempo/artigos\\_dossie/artg2-4.pdf](http://www.historia.uff.br/tempo/artigos_dossie/artg2-4.pdf). Acesso em: 06 de maio de 2024.

MOUTINHO, Joaquim Ferreira. **Notícia sobre a província de Matto Grosso seguida d'um roteiro de viagem da sua capital a'S. Paulo.** São Paulo. Typographia De Henrique Schroeder, 1869. Disponível em: Disponível em: <http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/221713>. Acesso em: 04 de maio de 2024.)

MUNAKATA, Kazumi. **Produzindo livros didáticos e paradidáticos.** Tese (Doutorado em Educação). PUC/SP, 1997.

NÚÑEZ, Ronald León. **A Guerra contra o Paraguai em debate.** São Paulo: Ed. Sundermann, 2021.

PAIVA, Eduardo França. **História & Imagens.** 2. ed., 2. reimpr. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2105. (Coleção História &...Reflexões, 1)

PANOFISKY, Erwin. Iconografia e iconologia: uma introdução ao estudo da arte na renascença. In: **Significado nas artes visuais.** Trad. Maria Clara F. Kneesse e Jacó Guinsburg. 3.ed. São Paulo: Perspectiva, 1991. [https://exatas.ufpr.br/portal/degraf\\_adrianavaz/wp-content/uploads/sites/17/2014/11/Iconografia-e-Iconologia\\_Significado-nas-artes-visuais.pdf](https://exatas.ufpr.br/portal/degraf_adrianavaz/wp-content/uploads/sites/17/2014/11/Iconografia-e-Iconologia_Significado-nas-artes-visuais.pdf). Acesso: 06 de maio de 2024.

PARAGUAY, Secretaría Nacional de Cultura. El Congreso del 25 de noviembre de 1842|Amandaje Guasu 25 jasyrateĩ 1842-pe guare por **Margarita Durán Estragó.** Paraguay, 28 de maio de 2011. Disponível em: <http://www.cultura.gov.py/2011/05/el-congreso-del-25-de-diciembre-de-1842/>. Acesso em: 04 de maio de 2024.

POTTHAST, Barbara. Algo más que heroínas. Varias roles y memorias femeninas de la Guerra de la triple alianza **Diálogos** - Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História, vol. 10, núm. 1, 2006, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, Brasil. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=305526864009>. Acesso em: 06 de maio de 2024.

\_\_\_\_\_. Niños soldados y niñas famélicas en la Guerra del Paraguay. In: **Entre la familia, la sociedad y el Estado.** Niños y jóvenes en América Latina (siglos XIX - XX). CARRERAS, Sandra. POTTHAST, Barbara. Madrid / Frankfurt am Main:

Bibliotheca Ibero-Americana. Vol. 103, 2005. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/304708686.pdf>. Acesso em: 06 de maio de 2024.

PROST, Antoine. As questões do historiador. In: **Doze lições sobre a história**. Trad. Guilherme João de Freitas Teixeira. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008, pp. 75-93.

REBOUÇAS, André. **Diário**. A Guerra do Paraguai. Introdução e notas Maria Odila da Silva Dias. São Paulo, Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, 1973.

ROCHA, Maria Aparecida Borges de Barros. **Atitudes diante da morte em Cuiabá – 1860 a 1926**: A guerra, a doença e a secularização dos cemitérios da cidade. Tese. Programa de Pós-Graduação em História, Faculdade de História da Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2013. Disponível em: <https://pos.historia.ufg.br/up/113/o/T2013-02.pdf>. Acesso em: 06 de maio de 2024.

RODRIGUES, Fernando da Silva; PEDROSA, Fernando Velôzo Gomes (org.). **Uma tragédia americana**: a Guerra do Paraguai sob novos olhares. Curitiba: Ed. Prismas, 2015.

RODRIGUES, Marcelo Santos. A ameaça do regresso ao cativo e a Guerra do Paraguai. In: SQUINELO, Ana Paula (org.). **150 anos após – a Guerra do Paraguai**: entrelhares do Brasil, Paraguai, Argentina e Uruguai. Vol. 1. Campo Grande, Mato Grosso do Sul: Ed. UFMS, 2016.

RÜSEN, Jörn. O livro didático ideal. In: SCHIMIDT, Maria Auxiliadora; BARCA, Isabel; MARTINS, Estevão de Rezende (orgs.). **Jörn Rüsen e o ensino de história**. Curitiba: Ed. UFPR, 2010, pp. 109-27.

SALLES, André Mendes. A Guerra do Paraguai nas edições do livro didático História do Brasil: da Colônia à República, das autoras Elza Nadai e Joana Neves. **Educação Básica Revista**, v. 3, n. 2, p. 291-311, 2017a.

\_\_\_\_\_. **O conhecimento escolar Guerra do Paraguai em livros didáticos e na fala de professores de história de escolas da educação básica, no Brasil e no Paraguai**. Tese (Doutorado), Universidade Federal de Pernambuco, CE, Programa de Pós-graduação em Educação, 2017b. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/25937>. Acesso em: 06 de maio de 2024.

\_\_\_\_\_. **A guerra do Paraguai na literatura didática**: em estudo comparativo. Dissertação (Mestrado), UFPB/CCHLA, João Pessoa, 2011. disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/5952>. Acesso em: 06 de maio de 2024.

SALLES, Ricardo. **Guerra do Paraguai**: Memórias e Imagens. Apresentação: Lilia Moritz Schwarcz. Edições Biblioteca Nacional: Rio de Janeiro, 2003.

\_\_\_\_\_. **Guerra do Paraguai**: escravidão e cidadania na formação do exército. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

SANSÓN CORBO, Tomás. La historiografía uruguaya sobre la Guerra de la Triple Alianza. Trayectos, tradiciones, ¿resignificaciones? **Diálogos**, v. 19, n. 3, p. 955-979, set./dez. 2015.

SANTOS, Ana Claudia Martins dos. Malfeitores e desordeiros? O preenchimento das fileiras do exército na província de Mato Grosso (1850-1864). In: **Anais do V Congresso Internacional de História**: novas epistemes e narrativas contemporâneas, Universidade Federal de Goiás, Jataí, Goiás, 2016.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **A Batalha do Avaí - A beleza da barbárie**: a Guerra do Paraguai pintada por Pedro Américo, Sextante Artes, Rio de Janeiro, 2013.

\_\_\_\_\_. A Guerra do Paraguai: o "Voluntário número um". In: **As barbas do imperador**: D. Pedro II, um monarca nos trópicos. São Paulo, Companhia das Letras, 1998.

SOUSA, Jorge Prata de. **Escravidão ou morte**: os escravos brasileiros na Guerra do Paraguai. Rio de Janeiro: Mauad: Adesa, 1996.

SQUINELO, Ana Paula; MARIN, Jérri Roberto. A ocupação de Mato Grosso durante a Guerra do Paraguai/Guerra Guasu: antecedentes, conflitos, cotidiano e desfecho. In: BALLER, Leandro; LEITE, Eudes (coord.). **Fronteiras e Histórias** - A centralidade das margens e os usos do passado. Curitiba, CRV: 2023, pp. 249-91.

\_\_\_\_\_. et al. (coords.). **O que aprendemos sobre a Guerra Guasu 150 anos depois?** Narrativas, leituras e subalternidades. Campo Grande-MS: Life Editora, 2022.

\_\_\_\_\_. 150 anos depois: narrativas históricas de jovens estudantes brasileiros/as sobre a Guerra do Paraguai/Guerra Guasu a partir das aulas de História. **Clio**: Revista de Pesquisa Histórica, v. 39, 2021, pp. 153-185. DOI: <https://doi.org/10.22264/clio.issn2525-5649.2021.39.2.2>

\_\_\_\_\_. Mulheres na Guerra do Paraguai: uma proposta de Aula-Oficina a partir da História em Quadrinhos "Adeus, Chamigo Brasileiro". In: SQUINELO, Ana Paula (Org.). **Livro Didático e Paradidático de História em tempos de crise e enfrentamento**: sujeitos, imagens e leituras. 1. ed. Campo Grande-MS: Ed. Life, 2020.

\_\_\_\_\_. TELESKA, Ignacio (orgs.). **150 Anos Após – A Guerra do Paraguai:** entreolhares do Brasil, Paraguai, Argentina e Uruguai. Campo Grande-MS: Life Editora, 2019. (vol. 3)

\_\_\_\_\_. (org.). **150 Anos Após – A Guerra do Paraguai:** entreolhares do Brasil, Paraguai, Argentina e Uruguai. Campo Grande-MS: Ed. UFMS, 2016. (vol.1)

\_\_\_\_\_. (org.). **150 Anos Após – A Guerra do Paraguai:** entreolhares do Brasil, Paraguai, Argentina e Uruguai. Campo Grande-MS: Ed. UFMS, 2016. (vol. 2)

\_\_\_\_\_. **A Guerra do Paraguai ontem e hoje:** Mato Grosso e Mato Grosso do Sul (1868-2003). Campo Grande-MS: Ed. UFMS, 2015.

\_\_\_\_\_. Concepções Historiográficas e Ensino de História: a Guerra do Paraguai nas Coleções Didáticas Projeto Radix: História e História, Sociedade & Cidadania (PNLD 2014). **Diálogos** (Maringá. Online), v. 19, n.3 set.-dez. 2015, pp. 1121-1139.

\_\_\_\_\_. O Hospital Militar de Matto Grosso na Guerra do Paraguai: Doenças, dietas e tratamentos. **Anais Eletrônicos do X Encontro Internacional da ANPHLAC.** São Paulo, 2012.

\_\_\_\_\_. Revisões historiográficas: a Guerra do Paraguai nos Livros Didáticos brasileiros–PNLD 2011. **Diálogos** – Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História, v. 15, n. 1, 2011. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=305525027002>. Acesso em: 06 de maio de 2024.

\_\_\_\_\_. **A Guerra do Paraguai e suas interfaces:** Memória, história e identidade em Mato Grosso do Sul (Brasil), Nuevo Mundo Mundos Nuevos, [On Line] Colloques, postado em 16 jan. 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/nuevomundo.49752>. Acesso: 06 de maio de 2024. pp. 1-11.

\_\_\_\_\_. A Guerra do Paraguai, essa desconhecida: ensino, memória e história de um conflito secular. 1. ed. Campo Grande, UCDB, 2002.

TAUNAY, Alfredo d'Escragolle. **A retirada da Laguna:** episódio da guerra do Paraguai. Tradução e organização Sergio Medeiros. Companhia das Letras, São Paulo, 1997.

\_\_\_\_\_. **Retirada da Laguna.** Tradução de Salvador de Mendonça. Rio de Janeiro: Typ. Americana, 1874. Disponível em: <http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/221688>. Acesso em: 07 de maio de 2024.

\_\_\_\_\_. **Em Matto Grosso invadido (1866-1867).** Companhia Melhoramentos de São Paulo. São Paulo – Cayeiras, Rio de Janeiro, 1929. Disponível em: Dis-

ponível em: <https://drive.google.com/file/d/0BzFLDoHnV2JoTUVFbVpNdVRSZTg/view>. Acesso em: 04 de maio de 2024.

TELESCA, Ignacio. La historiografía paraguaya y los afrodescendientes. Historia Paraguaya. Anuario de la **Academia Paraguaya de la Historia**. volumen XLV, 2005. Disponível em: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/sursur/AFRICAN/10tele.pdf>. Acesso em: 05 de maio de 2024.

THOMPSON, Jorge. Expedición á Matto-Grosso. In: **La Guerra del Paraguay**. 2. ed. Buenos Aires: Talleres Gráficos de L. J. Rosso y Cia., 1910, pp.35-41. Disponível em: [https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/0/09/Jorge\\_Thompson\\_-\\_La\\_Guerra\\_del\\_Paraguay.pdf](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/0/09/Jorge_Thompson_-_La_Guerra_del_Paraguay.pdf). Acesso em: 07 de maio de 2024.

TORAL, André Amaral de. A participação dos negros escravos na Guerra do Paraguai. **Estudos Avançados** - USP, vol. 9, nº. 24, agosto de 1995. p. 287-296. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/8880/10432>. Acesso em: 07 de maio de 2024.

\_\_\_\_\_. **Imagens em desordem**. A iconografia da Guerra do Paraguai (1864-1870). São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2001.

VAINFAS, Ronaldo et al. **História 2**. 3. ed. São Paulo, Saraiva, 2016.

VALINOTTI, Ana Barreto. **Las mujeres**. Colección 150 anos de la Guerra Grande nº. 7. El Lector, Asunción, Paraguai, 2013.

VERSEN, Max von. **História da Guerra do Paraguai**. Tradução de Manoel Tomás Alves Nogueira. Apresentação de Mário Guimarães Ferri. Belo Horizonte, Ed. Itatiaia; São Paulo, Ed. da Universidade de São Paulo, 1976, p. 122. (Coleção Reconquista do Brasil, vol. 31)

VILELA, Marlene Menezes. **Quando o dedo de Deus apontou a nossa província ao anjo da morte: a ocasião da varíola em Cuiabá (1867)**. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em História do Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, Mato Grosso, 2001.

WHIGHAM, Thomas. La Campaña de Mato Grosso. In: **La guerra de la Triple Alianza**: causas e inicios del mayor conflicto bélico de América del Sur. Asunción-Paraguay: Santillana, 2010. pp. 209-235. (vol. 1)

## Sobre as autoras

**Ana Paula Squinelo**, na juventude, apaixonou-se pelo chão da escola e pelo Paraguai. Esses dois amores nortearam sua trajetória profissional, e, há duas décadas, tornou-se professora na UFMS. Suas preocupações centram-se no ensino de história e a Guerra do Paraguai/Guasú. A fronteira onde O Brasil foi Paraguai quando cursava a graduação conquistou seu coração, lá ela fincou o pé e iniciou sua jornada. É líder do Grupo de Pesquisa Historiografia e Ensino de História: Diálogos em Trânsito (HEH/UFMS/CNPQ).  
E-mail: [apsquinelo@yahoo.com.br](mailto:apsquinelo@yahoo.com.br)



**Vera Lúcia Nowotny Dockhorn** é professora de História da Educação Básica do Estado de Mato Grosso, formada pela UNIOESTE e mestre em Ensino de História pela UFMT. É pesquisadora no Grupo de Pesquisa Historiografia e Ensino de História: Diálogos em Trânsito (HEH/UFMS/CNPQ). Atualmente atua em sala de aula, no ensino de História do Ensino Médio. Sua experiência em sala começou em 2001 em escolas públicas do Estado de Mato Grosso, desde então vem dedicando seu trabalho por aulas mais significativas e um ensino público democrático e problematizador.  
E-mail: [veralcia.nowotny@gmail.com](mailto:veralcia.nowotny@gmail.com)

O livro *Aulas-Oficina de História: temas para o ensino da Guerra do Paraguai/Guerra Guasu – sujeitos/as, cotidiano e Mato Grosso*, de autoria de Ana Paula Squinelo e Vera Lúcia Nowotny Dockhorn, é um exemplo magistral dos trabalhos forjados nas salas de aula de escolas brasileiras por professores/as de História. A partir de um conjunto eclético de fontes verbais e não verbais, a obra apresenta aulas-oficina versando temas e questões sobre a Guerra do Paraguai a partir da territorialidade mato-grossense na segunda metade do século XIX. As tramas do conflito ganham contornos com a atuação de personagens como mulheres, crianças e negros libertos que emergem em escrita “agarrativa” articulando fontes documentais, interpretações historiográficas, fundamentação teórica e muita experiência e paixão pelo chão da escola.

Quem gosta de História, escola e linguagens encontrará aqui um manancial rico de narrativas, interpretações e imagens sobre a guerra que marcou a trajetória social e política de Paraguai, Argentina, Brasil e Uruguai. É uma bela aula de História de professoras para professores/as em diferentes contextos de atuação na educação.

**Renilson Rosa Ribeiro**

Professor do ProfHistória – Mestrado Profissional em Ensino de História/UFMT